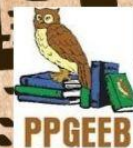




UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE
ENSINO DA EDUCAÇÃO BÁSICA



JOSÉ RIBAMAR DE JESUS OLIVEIRA

A LITERATURA DE CORDEL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:

UMA EXPERIÊNCIA LITERÁRIA DA TURMA DO
5º ANO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO
MUNICÍPIO DE BACABEIRA - MA



SÃO LUIS
2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO
BÁSICA

JOSÉ RIBAMAR DE JESUS OLIVEIRA

A LITERATURA DE CORDEL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL
UMA EXPERIÊNCIA LITERÁRIA DA TURMA DO 5º ANO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO
MUNICÍPIO DE BACABEIRA-MA

São Luís
2025

JOSÉ RIBAMAR DE JESUS OLIVEIRA

A LITERATURA DE CORDEL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL
UMA EXPERIÊNCIA LITERÁRIA DA TURMA DO 5º ANO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO
MUNICÍPIO DE BACABEIRA-MA

Dissertação de mestrado apresentada ao programa gestão de ensino de educação básica (PPGEEB) da Universidade Federal do Maranhão como um requisito obrigatório para obtenção do grau de Mestre em Educação. Linha de pesquisa: Saberes, Formação de Professores e Práticas Curriculares na Educação Básica.

Orientadora: Cristiane Dias Martins da Costa

São Luís
2025

Literatura de Cordel na escola.
Capa produzida por Mariceia Ribeiro Lima
utilizando o aplicativo canva.com

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Oliveira, José Ribamar de Jesus.

A LITERATURA DE CORDEL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL : uma experiência literária numa Escola
Pública do Município de Bacabeira - Ma / José Ribamar de
Jesus Oliveira. - 2025.

179 p.

Orientador(a): Cristiane Dias Martins da Costa.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Gestão de Ensino da Educação Básica/ccso, Universidade
Federal do Maranhão, São Luis, 2025.

1. Leitura e Escrita. 2. Texto Literário. 3.
Literatura de Cordel. I. Costa, Cristiane Dias Martins
da. II. Título.

JOSÉ RIBAMAR DE JESUS OLIVEIRA

A LITERATURA DE CORDEL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

UMA EXPERIÊNCIA LITERÁRIA DA TURMA DO 5º ANO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO
MUNICÍPIO DE BACABEIRA-MA

Dissertação de mestrado apresentada ao programa gestão de ensino de educação básica (PPGEEB) da Universidade Federal do Maranhão como um requisito obrigatório para obtenção do grau de Mestre em Educação. Linha de pesquisa: Saberes, Formação de Professores e Práticas Curriculares na Educação Básica.

Orientadora: Cristiane Dias Martins da Costa

Aprovado em ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Profa **Cristiane Dias Martins da Costa** (Orientadora)
Doutora em Educação – PPGEEB

Profa **Hercília Maria de Moura Vituriano** (1ª
examinadora) Doutora em Educação – PPGEEB

Profa **Daniela Freitas Brito Montuani** (2º Examinador)
Doutora em Educação – PROMESTRE/UFMG

Profa **Rosyane de Moraes Martins Dutra** (Suplente
Interno) Doutora em Educação – PPGEEB

Profa **Dr Joelson de Sousa Moraes** (Suplente Externo)
Doutor em Educação – PPEEB/UFMA

Dedico essa dissertação à minha família pelo apoio incentivo e companheirismo no desafio dessa minha jornada como mestrando.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por tudo que ele tem proporcionado na minha vida, por estar comigo em todos os momentos, dando-me forças para continuar e vencer as dificuldades as quais surgiram no decorrer da trajetória.

À minha esposa e aos meus filhos pelo apoio e compreensão em todos os momentos.

À Universidade Federal do Maranhão por proporcionar sentir-me orgulhoso e lisonjeado em fazer parte da maior e mais respeitada instituição de ensino superior do estado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica, especialmente ao gestor Prof. Dr. Antonio de Assis Cruz Nunes pela condução segura do Mestrado.

À Escola Municipal São Francisco de Assis, do município de Bacabeira, que abriu as portas para realizarmos a nossa pesquisa. Assim, agradeço a gestão escolar, as professoras do 5º ano Ensino Fundamental dos Anos Iniciais, os discentes e demais funcionários da instituição.

À minha Orientadora Professora Doutora Cristiane Dias Martins da Costa, pela orientação competente e amiga, sempre auxiliando de uma forma bastante criativa nas incontáveis dúvidas que surgiram durante a realização desse trabalho.

Aos professores doutores que dividiram seus conhecimentos e experiências com muita dedicação e profissionalismo nas aulas teórico-práticos: Profa. Dra. Hercília Maria de Moura Vituriano, Profa. Dra. Vânia Maria Dominices Coutinho, Prof. Dr. Antônio de Assis Cruz Nunes, Prof. Dr. José Carlos de Melo e Prof. Dr. Samuel Luiz Velazquez Castellanos, vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino Educação Básica PPGEEB – UFMA.

Aos professores da Banca Examinadora: Hercília Maria de Moura Vituriano, Daniela Freitas Brito Montuani, Rosyane de Moraes Martins Dutra e Joelson de Sousa Moraes, por terem aceitado o convite para a participar dessa banca de mestrado.

Aos nossos colegas da 8ª Turma do PPGEEB, pelas trocas de convivências durante o curso, especialmente, Carlos André, Elizabeth Marques, Hamilka Aragão e José de Arimatéia. Agradeço a parceria e amizade a qual tivemos durante o curso.

A todos e todas que direta e/ou indiretamente que contribuíram para a realização da nossa pesquisa, muito obrigado.

“Foi por gostar
de cordel
Que motivei a
ler
Depois que vi
que é uma arte Traz
alegria e prazer
Pois, trata de
todo assunto,
E facilita o
saber”

Raimundo Poeta

RESUMO

A presente Dissertação trata sobre investigar a formação do leitor e produtor de textos literários, a partir do gênero literatura de cordel visando a elaboração de orientações didáticas para fomentar as práticas docentes da escola campo de pesquisa no município de Bacabeira-Ma. O objetivo geral da pesquisa é investigar modos de organização do ensino da leitura em turmas do quinto ano do ensino fundamental por meio do gênero literatura de cordel, para subsidiar a elaboração de orientações didáticas e pedagógicas para professores. A pesquisa teve os seguintes questionamentos: quais concepções teóricas e práticas sobre leitura os docentes da escola campo de pesquisa, possuem? Como os docentes da escola investigada trabalham o ensino da leitura em seu cotidiano pedagógico em sala de aula? Como os docentes da escola analisada poderão inserir a Literatura de Cordel no ensino da literatura infantil? Quais elementos teóricos e práticos devem compor um caderno de orientações didáticas para fomentar a formação leitora de crianças do quinto ano do ensino fundamental por meio da literatura de cordel como base para elaboração de um caderno de orientações didáticas do 5º ano do ensino fundamental? Diante do exposto, surgiram a seguinte questão central: de que forma a elaboração de um caderno de orientações didáticas e pedagógicas de literatura de cordel poderá contribuir com o processo da formação leitora das crianças do 5º ano por meio do gênero literatura de cordel da escola em questão? Com isso, foi utilizado como aporte teórico alguns autores de referência com relação a temática de leitura e escrita como Bakhtin (2017), Cagliari (1993), Cossom (2010), Divides (2009), Dococ e Gattolim (2015), Gomes (2018), Lajolo (2008), Oliveira (2010), Solé (1958) entre outros pesquisadores que tratam do tema da leitura literária. Os instrumentos de coleta de dados foram a observação participante, diário de campo e entrevistas. Os sujeitos da pesquisa foram os alunos do quinto ano do Ensino Fundamental e cinco professoras que lecionam língua portuguesa nas turmas que foram investigadas no turno vespertino onde a pesquisa foi realizada. A intervenção pedagógica aconteceu no segundo semestre de 2024 na turma do 5º ano. A análise e interpretação dos dados observou os quadros de respostas, tabelas e fotografias coletadas. O resultado da nossa pesquisa constatou que o ensino de leitura por meio da Literatura de Cordel poderá contribuir significativamente para o desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos.

Palavras-chaves: Leitura e Escrita. Texto Literário. Literatura de Cordel. Experiência Literária.

ABSTRACT

This dissertation addresses to investigate the formation of the reader and producer of literary texts, based on the genre of cordel literature, aiming at the elaboration of didactic guidelines to promote teaching practices at the research field school in the municipality of Bacabeira, Maranhão. The general objective of the research is to investigate ways of organizing reading instruction in 5th grade elementary school classes the genre of cordel literature, in order to support the development of teaching guidelines for 5th grade from a public school in the municipality of Bacabeira, MA. The study was guided by the following questions: What theoretical and practical conceptions about reading do teachers of the Early Years of Elementary research field school, hold? How do these teachers approach reading in their daily pedagogical practices in the classroom? What theoretical and practical elements should be included in a teaching guide to foster reading skills in 5th grade elementary school children thought cordel literature as a basis for developing a set of teaching and learning guidelines. In what ways can a Literary and Pedagogical Guidance Handbook on Cordel Literature contribute to the teaching of reading within the context of children's reading development? Based on these considerations, the following central research question emerged: how can the development of a literary and pedagogical guidance handbook on Cordel Literature contribute to the processes of reading and writing within the context of reading development for students in the early years of Elementary Education at a public school in Peris de Baixo, Bacabeira, Maranhão? The theoretical framework included reference authors in the field of reading and writing studies, such as Bakhtin (2017), Cagliari (1993), Cosson (2010), Divides (2009), Dococ and Gattolim (2015), Gomes (2018), Lajolo (2008), Oliveira (2010), and Solé (1958), among other researchers who address literary reading. Data collection instruments included participant observation, field diaries, and interviews. The research participants were fifth-grade Elementary School students and five teachers who teach Portuguese Language in the classes investigated during the afternoon shift, where the research was conducted. The pedagogical intervention took place in the second semester of 2024 in a fifth- grade class, involving the development of a didactic sequence with the students. Data analysis and interpretation were carried out through response charts, tables, and photographs. The results of the research indicate that teaching reading and writing through Cordel

Literature can significantly contribute to the development of critical thinking.

Keywords: Reading and Writing. Literary Text. Cordel Literature. Literary Experience.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: A batalha de Oliveiros	26
Figura 2: Os folhetos à venda, pendurados em cordéis.....	30
Figura 3: Quilombas: a revolta dos escravos	35
Figura 4: Fachada externa da escola São Francisco de Assis.....	75
Figura 5: Sala de aula da escola São Francisco de Assis.....	78
Figura 6: Pátio externo da escola São Francisco de Assis	78
Figura 7: Pátio interno da escola São Francisco de Assis	79
Figura 8: Esquema da sequência didática	100
Figura 9: Roda de conversa.....	100
Figura 10: Painel dos Cordéis	102
Figura 11: Produção dos Causos	105
Figura 12: Causo Regional O canto da mãe d'água	106
Figura 13: A cobra do açude da Popi.....	107
Figura 14: A cabra Misteriosa.....	108
Figura 15: O gritador	109
Figura 16: Apresentação das equipes	110
Figura 17: Estrofes de cordel (equipe azul)	112
Figura 18: Estrofes de cordel (equipe amarela).....	113
Figura 19: Estrofes de cordel (equipe marron).....	114
Figura 20: Estrofes de cordel (equipe verde).....	115
Figura 21: Exposição dos Cordéis	117
Figura 22: Licença do E-book (CC BY-NC-ND)	120
Figura 23: Capa do E-book.....	120
Figura 24: Origem histórica da Literatura de Cordel	123
Figura 25: O cordel como patrimônio da cultura popular brasileira	124
Figura 26: A literatura de Cordel na escola.....	125
Figura 27: Características da Literatura de Cordel	126
Figura 28: Capítulos 3.1 e 3.2.....	128
Figura 29: Sequência Didática 1 – Conhecendo o Cordel	130
Figura 30: – Etapas da Sequência Didática 1 – Conhecendo o Cordel.....	130
Figura 31 Etapas da Sequência Didática 1 – Conhecendo o Cordel.....	131

LISTA DE SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CC	Creative Commons
CC BY-NC-ND	Creative Commons Atribuição-Não Comercial-Sem Derivações
EAD	Educação a Distância
EF04LP26	Habilidade da BNCC referente à análise de recursos sonoros em textos poéticos (4º ano – Língua Portuguesa)
EF15LP18	Habilidade da BNCC referente à produção de textos poéticos
EF35LP27	Habilidade da BNCC referente à criação de poemas e cordéis
EREL	Encontro Regional de Estudantes de Letras
FAMA	Faculdade Atenas Maranhense
FAVENI	Faculdade Venda Nova do Imigrante
MEC	Ministério da Educação
OPDEC	Organização Particular de Extensão Cultural
PPGEEB	Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica
SEMED	Secretaria Municipal de Educação de Bacabeira
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
YES	Instituto de Idiomas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	16
2 BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA DE CORDEL	24
2.1 Na Europa.....	24
2.2 No Brasil.....	28
2.3 Literatura de Cordel do Nordeste	32
2.4 No Maranhão.....	36
3 COMPREENSÕES SOBRE LITERATURA DE CORDEL	42
3.1 Literatura e Educação.....	42
4 LITERATURA DE CORDEL NA ESCOLA.....	46
4.1 Documentos Normativos e o Ensino da Língua Portuguesa.....	47
4.2 Contribuição do gênero narrativo para o ensino.....	50
4.3 Literatura de Cordel e a Formação de Leitores	55
5. A TIPOLOGIA DAS NARRATIVAS DE CORDEL: verso, rima, métrica e oração.....	65
5.1 Verso.....	65
5.2 Rima.....	68
5.3 Métrica	69
5.4 Oração	70
6 LITERATURA DE CORDEL NA ESCOLA.....	72
7 O CORDEL NA ESCOLA MUNICIPAL SÃO FRANCISCO DE ASSIS.....	75
7.1 Caracterização da Escola Municipal São Francisco de Assis.....	75
7.2 Metodologia da Pesquisa.....	80
7.3 Análise e Discussão dos Dados.....	83
7.4. Sequência didática com a Literatura de Cordel.....	98
7.5 Caderno de Orientações Didáticas e Pedagógicas de Literatura de Cordel...	119
8 CONCLUSÃO.....	133
REFERÊNCIAS	135
APÊNDICE A – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO NA ESCOLA MUNICIPAL SÃO	

FRANCISCO DE ASSIS	139
APÊNDICE B - ROTEIRO DA ENTREVISTA APLICADO PARA A PROFESSORA DA ESCOLA MUNICIPAL SÃO FRANCISCO DE ASSIS	140
APÊNDICE C – CADERNO DE ORIENTAÇÕES LITERÁRIAS E PEDAGÓGICAS DE LITERATURA DE CORDEL.....	141
ANEXO A – CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA.....	176
ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	177
ANEXO C – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DAS IMAGENS INTERNAS DA ESCOLA MUNICIPAL SÃO FRANCISCO DE ASSIS.....	178

1 INTRODUÇÃO

A formação de leitores constitui-se como um movimento contínuo das instituições voltado à melhoria da formação dos indivíduos que compõem a sociedade, no que se refere à busca por transformações sociais significativas. Trata-se de um posicionamento de não conformismo diante da manutenção de uma sociedade alienada, que absorve conceitos e pensamentos preconceituosos sem questionamentos. Para enfrentar essa realidade, entendemos que a leitura na escola precisa ser trabalhada tanto em sala de aula quanto fora dela — seja no ambiente escolar ou em outros espaços, seja nas aulas de Língua Portuguesa ou em outras disciplinas — a fim de que se efetive um processo libertador para o aluno, permitindo-lhe perceber a vida, compreendê-la e interagir com diferentes tipos de textos e autores. Consideramos, assim, que aquele que lê amplia seu universo e também amplia o universo da obra a partir de sua experiência cultural (Bordini; Aguiar, 1993).

Nesse contexto, a literatura de cordel revela-se uma ferramenta pedagógica valiosa, pois proporciona aos alunos uma imersão em folhetos que abordam a história, a cultura e os aspectos tradicionais de uma sociedade com raízes profundas no Nordeste do país. Composta por versos rimados e tradicionalmente comercializada pendurada em cordas o que lhe confere o nome, a literatura de cordel apresenta um caráter lúdico aliado à musicalidade e a uma linguagem acessível. Esses elementos possibilitam uma maior aproximação dos alunos com o cordel, estimulando o interesse e o engajamento no processo de aprendizagem, especialmente no que se refere à leitura e à escrita.

A literatura de cordel constitui-se como uma importante manifestação da cultura popular brasileira, marcada pela oralidade, musicalidade, ritmo e linguagem acessível, especialmente por dialogar com práticas sociais de linguagem próximas ao universo cultural dos estudantes (Lucas, 2001; Abreu, 1999).

Inserida no contexto da educação básica, a literatura de cordel favorece a alfabetização e o letramento ao articular texto escrito, oralidade elementos da cultura local. Nos termos de Soares (2004), o processo de alfabetização deve estar indissociavelmente ligado às práticas sociais de leitura e escrita, o que torna o cordel um recurso didático relevante, pois ele circula socialmente, possui função comunicativa e desperta o interesse dos alunos por meio de narrativas rimadas e temáticas diversas.

A estrutura dos textos de cordel, caracterizada pela organização em versos, estrofes, rimas e métricas regulares, contribuem significativamente para o desenvolvimento da consciência fonológica uma vez que favorece a percepção de sons da língua de forma lúdica e ritmada. De acordo com o Rildo Cosson (2010 – 2014) o contato com textos literários que exploram a musicalidade da linguagem amplia as habilidades de leitura e escrita, ao estimular a sensibilidade para os aspectos sonoros e estruturais das palavras, habilidade essencial para a aprendizagem da leitura e da escrita nos anos iniciais (Morais, 2012). Ao explorar rimas e repetições sonoras, o professor pode estimular a percepção dos sons da língua, auxiliando os alunos na relação entre fonemas e grafemas. Além disso, o ritmo característico do cordel torna a leitura mais prazerosa, favorecendo a fluência leitora (Rojo, 2009).

Do ponto de vista da produção escrita, a literatura de cordel incentiva a autoria e a criatividade dos estudantes. Ao propor a criação de pequenos cordéis, mesmo de forma coletiva, o professor possibilita que os alunos reflitam sobre a organização do texto, a escolha de palavras, a construção de rimas e a coerência das ideias (Antunes, 2003). Essa prática contribui para que a escrita seja compreendida como um processo significativo e não apenas como exercício mecânico de cópia ou reprodução.

Ademais, o trabalho com a literatura de cordel nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental atende às orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que enfatiza a valorização da diversidade cultural e o contato com diferentes gêneros textuais desde os primeiros anos de escolarização (Brasil, 2017). O cordel, enquanto gênero textual, possibilita o desenvolvimento de múltiplas habilidades linguísticas, como leitura, escrita, escuta e oralidade, promovendo uma aprendizagem integral da língua portuguesa.

Outro aspecto relevante é o caráter interdisciplinar da literatura de cordel. Seus temas frequentemente abordam questões sociais, históricas, ambientais e culturais, permitindo articulações com outras áreas do conhecimento, como História, Geografia e Ciências (Cavalcante, 2015). Dessa forma, o ensino da leitura e da escrita ultrapassa os limites da disciplina de Língua Portuguesa e se conecta com a formação crítica e cidadã dos estudantes.

Constata-se, desse modo, que a literatura de cordel, quando utilizada de forma planejada e contextualizada nos anos iniciais do Ensino Fundamental, constitui-se como uma estratégia pedagógica potente para o ensino da leitura e da escrita. Ao

valorizar a cultura popular, promover o letramento e estimular a participação ativa dos alunos, o cordel contribui para uma prática educativa mais significativa, inclusiva e culturalmente situada.

Diante do exposto, abrimos espaço para discorrer sobre os motivos que nos levaram à escolha da literatura de cordel. Em nossa infância e adolescência, na cidade de Rosário, Maranhão, onde nascemos, tivemos o privilégio de conhecer a literatura de cordel por meio dos festejos juninos promovidos pela prefeitura municipal. Nesses eventos, a escola frequentemente levava os alunos para apresentações de danças típicas, uma vez que também participava da programação cultural.

Como à época não havia um espaço apropriado para as apresentações, estas ocorriam na praça da igreja matriz. Na abertura dos festejos, havia sempre a participação de cantores e artistas locais e, em uma dessas ocasiões, tivemos a oportunidade de conhecer o repente por meio da dupla Caju e Castanha. O repente, por sua vez, possui forte conexão com a literatura de cordel, pois ambos compartilham o caráter lúdico, a oralidade e o registro de fatos históricos. Entretanto, o repente se caracteriza pela performance cantada e improvisada. Após a apresentação dos repentistas, ocorria a exposição e recitação de poesias de cordel, realizadas por artistas locais e por cordelistas convidados. Assim, durante minha infância e adolescência, a literatura de cordel despertou meu encantamento e estimulou o desejo pela descoberta, pela fantasia e pela imaginação, ampliando, conseqüentemente, nosso interesse pela leitura.

Iniciei minha atuação docente nos institutos de idiomas como professor de Língua Inglesa quando mudamos para São Luís do Maranhão, na década de 1990. Nesse período, ainda não possuía uma metodologia específica; contudo, como havia realizado um curso de Língua Inglesa com duração de três anos — nos níveis básico, intermediário e avançado — no Instituto YES, passei a ministrar aulas em escolas de idiomas. Em um desses institutos, denominado OPDEC (Organização Particular de Extensão Cultural), trabalhamos uma professora que também lecionava em uma escola da rede privada de São Luís, nos antigos primeiro e segundo graus. Posteriormente, tive a oportunidade de substituí-la no ensino fundamental dos anos finais, em razão de seu afastamento temporário. Foi dessa forma que assumi as disciplinas de Língua Portuguesa nos anos finais do Ensino Fundamental e de língua inglesa no Ensino Médio, permanecendo nessas funções por seis anos.

Nessa escola, tivemos ainda a oportunidade de atuar nos anos iniciais do

Ensino Fundamental, o que nos levou a buscar a formação no magistério com o quarto ano adicional, entendido como uma complementação pedagógica exigida à época para atuação do sexto ao sétimo ano. Essa formação era requisito legal para o exercício da docência nos anos iniciais e nos anos finais até o sétimo ano. Esse processo representou um desafio significativo, uma vez que exigiu o atendimento a um público cuja metodologia se diferenciava substancialmente daquela utilizada nos anos finais e no Ensino Médio.

Após alguns anos de atuação profissional, sentimos a necessidade de ingressar em uma formação universitária, especialmente em razão da promulgação da Lei nº 9.394/96 — Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) —, que estabeleceu a obrigatoriedade da formação em nível superior (Licenciatura) para todos os docentes da Educação Básica até o ano de 2007.

Embora a referida lei ainda admitisse a formação em nível médio (magistério com quarto ano adicional) para o exercício da docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, foi necessário realizar a graduação em Licenciatura Plena em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa, uma vez que já atuava também no Ensino Médio. Durante a graduação em São Luís do Maranhão, tive a oportunidade de conhecer mais profundamente a literatura de cordel, especialmente por meio da feira anual de livros, que reunia exposições de cordéis, recitações poéticas e rodas de conversa sobre esse gênero literário. Nessas ocasiões, entrei em contato com professores e cordelistas da região, entre eles Paulinho Nó Cego, Raimunda Frazão e Goreth Pereira, que contribuíram significativamente para a ampliação de nossos conhecimentos e para o fortalecimento de nosso encantamento por esse gênero literário.

Concluí a graduação em Licenciatura Plena em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa, no ano de 2010, pelo Centro Universitário do Maranhão (UNICEUMA). Em 2012, participei do concurso público para atuação nos anos finais do Ensino Fundamental da Prefeitura Municipal de Bacabeira, Maranhão, no qual obtive aprovação. Embora tenha prestado concurso para a área urbana, foi necessário complementar a carga horária em diversas escolas da zona rural. Nesse contexto, observei, em alguns povoados, grandes dificuldades relacionadas à leitura e à escrita, o que me levou a refletir sobre a necessidade de intervir nessa realidade por meio de práticas pedagógicas que inserissem o texto literário no cotidiano escolar, especialmente a partir da literatura de cordel.

Com o objetivo de aprofundar nossos conhecimentos teóricos e fortalecer nossa prática pedagógica, realizei minha inscrição no Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB). Esse percurso formativo ampliou minha percepção acerca das múltiplas possibilidades de transformação do ambiente escolar, tanto enquanto pesquisadores quanto enquanto professor de Língua Portuguesa da Educação Básica. Assim, no âmbito da formação docente, concretizei o sonho de ingressar no mestrado pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Embora já possuísse especialização em Língua Portuguesa e Literatura, entendia que o mestrado era fundamental para nossa realização profissional.

A leitura e a escrita tornaram-se objetos centrais de meu estudo não de forma aleatória, mas em razão da atuação como docente nos anos iniciais por mais de dez anos. Embora tenha lecionado Língua Inglesa, o interesse pela literatura se intensificou após a conclusão da graduação em Letras. Com essa formação, tive a oportunidade de conhecer diversos autores da literatura brasileira e de investigar e produzir estudos sobre escritores da literatura infanto juvenil, como Monteiro Lobato, Ruth Rocha e Ziraldo, além de cordelistas como Ariano Suassuna e Antônio Gonçalves da Silva (Patativa do Assaré), entre outros.

Assim, o interesse pela temática fundamenta-se na crença de que a leitura é um instrumento essencial de crescimento intelectual e transformação social. Acredito que ler é compreender e que compreender consiste, sobretudo, em um processo de construção de significados sobre o texto que se pretende compreender (Solé, 1998, p. 44).

Considerando o exposto, aborda-se, nesta pesquisa, uma proposta de leitura no quinto ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal São Francisco de Assis, em Peri de Baixo. Uma escola que, em sua dinamicidade pedagógica, contempla o ensino da literatura em seu currículo, o que favoreceu nossas intervenções investigativas.

A estratégia metodológica construiu-se a partir da leitura de textos da Literatura de Cordel de interesse dos estudantes, pois acredito que, quanto mais instigante for o texto, maiores serão as possibilidades de estímulo à inteligência, às emoções, ao pensamento e ao senso crítico dos alunos. A literatura, portanto, cumpre um papel essencial na construção de indivíduos e sociedades mais conscientes, críticas e solidárias, uma vez que se constitui como um espelho da realidade e,

simultaneamente, como uma janela para novos mundos e possibilidades.

No que se refere à Literatura de Cordel, a escolha desse gênero deu-se por se tratar de uma das manifestações literárias mais tradicionais do Nordeste, marcada pela predominância do regionalismo. O cordel é uma forma de expressão que articula diferentes linguagens artísticas de amplo alcance popular, além de ser reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. Assim, combina elementos como a escrita, a oralidade e a xilogravura, configurando-se como uma importante estratégia de incentivo à leitura, por abordar temáticas do cotidiano e apresentar fortes marcas da cultura regional e nacional.

No âmbito dessa pesquisa, objetivou-se, em sua especificidade, utilizar obras literárias de cordel, bem como poemas e poesias de cordelistas como Firmino Teixeira do Amaral, Antônio Gonçalves da Silva (Patativa do Assaré) e Ariano Vilar Suassuna, a fim de desenvolver práticas de leitura que mobilizem diferentes linguagens presentes na tipologia textual e suscitem reflexões relacionadas ao contexto social dos estudantes.

Com efeito, entendemos que, ao incorporar textos literários nas aulas do 5º ano, os professores não apenas ensinam conteúdos curriculares, mas também contribuem para a formação de leitores críticos e cidadãos conscientes, considerando que os alunos se encontram em uma fase em que passam a interpretar textos com maior profundidade. Isso ocorre porque o texto literário, por meio de sua linguagem rica e de suas múltiplas camadas de significados, desafia os estudantes a ultrapassarem a leitura literal, incentivando a análise de símbolos, metáforas e intenções do autor.

Assim, a pesquisa desenvolveu-se a partir do seguinte questionamento central:

Quais pressupostos teóricos e práticos devem compor um caderno de orientações didáticas para fomentar as práticas de ensino da leitura e produção de textos literários por meio do gênero literatura de cordel em turmas do quinto ano Ensino Fundamental de uma escola pública do município de Bacabeira/MA?

À luz do questionamento central, elaboramos outros questionamentos, a saber:

- Quais concepções teóricas e práticas sobre leitura os docentes da Escola campo de pesquisa, possuem?
- Como os docentes da referida escola dos anos iniciais do ensino

fundamental trabalham a leitura literária e produção de textos em seu cotidiano pedagógico em sala de aula?

- Como os docentes da escola pesquisada dos anos iniciais do ensino fundamental, poderão inserir a Literatura de Cordel no ensino da literatura infantil?
- De que forma um Caderno de Orientações Didáticas e Pedagógicas de Literatura de Cordel poderá contribuir para o ensino da leitura no contexto do desenvolvimento leitor das crianças?

O objetivo geral da nossa pesquisa é:

Investigar no contexto da literatura infantil, utilizando a Literatura de Cordel, com vistas à elaboração de um Caderno de Orientações Didáticas e Pedagógicas para fomentar o uso desse gênero para o ensino da leitura e da escrita em turma do 5º ano.

A partir dos questionamentos anteriormente descritos, formulamos os seguintes objetivos específicos:

- Identificar as concepções teóricas e práticas sobre leitura e o gênero literatura de cordel que os docentes da Escola Municipal São Francisco de Assis, dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, possuem;
- Verificar como os docentes da Escola Municipal São Francisco de Assis, dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, desenvolvem práticas de leitura em seu cotidiano pedagógico em sala de aula;
- Compreender de que forma os docentes da Escola Municipal São Francisco de Assis, dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, poderão inserir a Literatura de Cordel no ensino da literatura infantil;
- Descrever como um Caderno de Orientações Literárias e Pedagógicas de Literatura de Cordel poderá contribuir para o ensino da leitura no contexto do desenvolvimento leitor das crianças.

A pesquisa foi elaborada, sobretudo, a partir das seguintes fontes bibliográficas: Abreu (1999); Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017); Candido (2011); Cascudo (2006); Cosson (2014); Freire (1989; 1996; 1999);

Haurelio (2013); Kleiman (2008); Marinho (2012); Rojo (2009); Soares (2004);

Solé (1998); Zumthor (2010).

Dessa forma, o escopo de nosso trabalho consiste em desenvolver uma

pesquisa empírica de abordagem qualitativa sobre a literatura infantil no contexto da leitura da Literatura de Cordel. Para isso, selecionamos textos literários de cordel, um estilo literário amplamente produzido e difundido na Região Nordeste do Brasil. Nessa perspectiva, objetivamos também, por meio de uma experiência pedagógica que utiliza obras literárias de cordel — bem como poemas e poesias de cordelistas já consagrados — possibilitar que os alunos desenvolvam práticas de leitura e escrita. Concomitantemente, buscou-se favorecer a criação de histórias em forma de cordel, de modo que os estudantes manifestem, em seus escritos, as diferentes linguagens presentes na tipologia textual do cordel.

A Dissertação está estruturada em seis seções, a saber:

Na primeira seção, apresentamos a Introdução, na qual expomos uma síntese da construção teórica e metodológica da pesquisa, as problematizações, os objetivos geral e específicos, a descrição das principais fontes bibliográficas utilizadas e a organização das seções do trabalho.

A segunda seção, discorremos sobre as compreensões teóricas e metodológicas acerca da Literatura de Cordel. Na terceira seção, abordamos a Literatura de Cordel no contexto escolarizado, enquanto na quarta seção, desenvolvemos um estudo sobre a historiografia da Literatura de Cordel na Europa, no Brasil, na Região Nordeste e no Maranhão.

Na quinta seção, apresentamos o desenvolvimento da pesquisa empírica, estruturada a partir da caracterização da Escola Municipal São Francisco de Assis, da metodologia da pesquisa, da análise e discussão dos dados e da apresentação do Produto Educacional.

A sexta e última seção, tecemos nossas Considerações Finais, esperando que a Dissertação possa contribuir para o campo de estudos da leitura e da escrita nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, especialmente no que se refere à utilização da Literatura de Cordel como recurso pedagógico.

2 BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA DE CORDEL

Nesta seção, apresentamos um breve panorama histórico da literatura de cordel, com o objetivo de situar suas origens e compreender os caminhos que possibilitaram sua consolidação como expressão cultural e literária no Brasil. Para tanto, organizamos a discussão em quatro subseções: inicialmente, abordamos as raízes europeias da tradição dos folhetos e da poesia narrativa popular, destacando elementos que dialogam com a formação do cordel. Em seguida, tratamos do processo de chegada e difusão do cordel em território brasileiro, ressaltando sua circulação em feiras, sua relação com a oralidade e sua importância sociocultural. Na sequência, discutimos a consolidação do gênero no Nordeste, região em que o cordel se afirma como marca identitária e como veículo de memória e crítica social. Por fim, enfocamos o contexto maranhense, evidenciando autores, temáticas e particularidades locais que justificam a relevância do cordel como objeto de estudo e como recurso pedagógico para a formação leitora.

2.1 Na Europa

Conforme Vianna (2014, p.19), “a arte do trovadorismo proveniente da península Ibérica, chegou ao novo mundo e desenvolveu-se tanto na América Espanhola quanto na América Portuguesa”. Galvão (2000, p. 121) argumenta que as origens da literatura de cordel estão relacionados ao hábito milenar de contar a história que aos poucos começaram a serem escritas, e só mais tarde sendo difundidas pela imprensa. Assim, no período de transição entre a idade Média e Moderna na Europa, em países como Alemanha, Holanda, França, Espanha, Portugal e Inglaterra é possível tanto através da pesquisa em documentos quando na literatura clássica, a presença da literatura impressa em folhetos.

Existem muitos indícios que dão suporte teóricos à hipótese da relação do cordel brasileiro com a literatura popular ou de folhetos no continente

europeu. Um deles é a alteração das personagens fictícias ou reais da Idade Média para o nordeste brasileiro. Uma dessas figuras alegóricas que estão

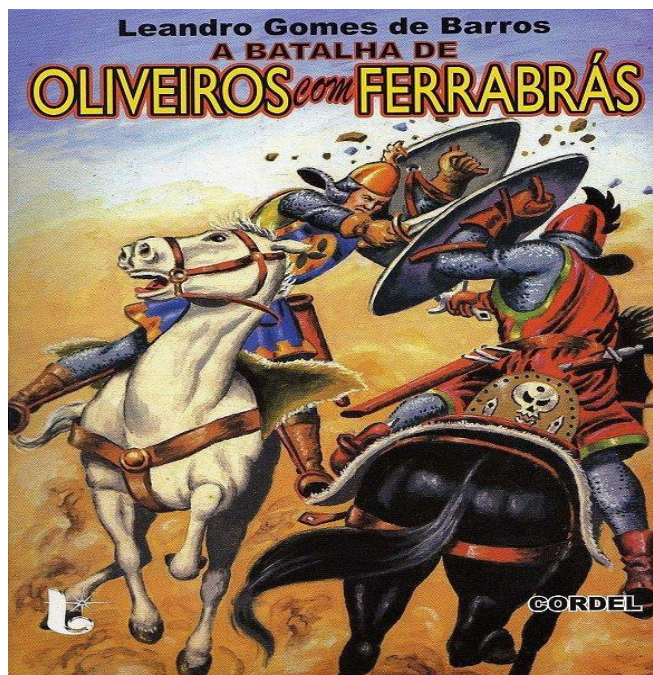
presentes nas lendas europeias e também na literatura popular nordestina que é Ricardo Coração de Leão Rei inglês coroado em 1.189 e que, conforme a lenda, era poeta, o qual foi identificado em uma prisão inimiga ou por um súdito ao cantar uma de suas poesias.

Há também outro personagem que chegou aqui através da Europa foi Roberto do diabo, o Rei Armando que foi concebido através de uma blasfêmia de sua mãe, que não podendo conceber um filho ao rei, seu marido, pediu ao diabo, no que foi prontamente atendida. Ao crescer, Roberto pratica todas as maldades possíveis, tornando assim um assassino frio e impiedoso até o dia em que, atendendo a uma voz, arrependeu-se e converteu-se ao Cristianismo.

Assim como esses dois personagens citados, também está presente, ainda hoje no cordel brasileiro, o imperador francês Carlos Magno que liderou a luta contra os mouros. Dois de seus pares mais famosos são Oliver que passou a ser chamado no Brasil de Oliveira e Roland como ficou conhecido na França e que em Portugal e Brasil passou a ser conhecido como Roldão.

Um dos ciclos do cordel vindo a confirmar o elo entre a Europa e Brasil dando origem ao nosso cordel foi as histórias em torno de Carlos Magno. Neste contexto, Leandro Gomes de Barros escreveu A batalha de Oliveira com ferrabras e a prisão de oliveiros, esses foram os dois dos maiores clássicos do gênero no Brasil.

Figura 1: A batalha de Oliveiros



Fonte: <https://varnecicordel-com-br.lojaintegrada.com.br/a-batalha-de-oliveiros-com-ferrabras>

O poeta de pombal descreve a história de Carlos Magno e seus 12 pares com a seguinte estrofe:

*Eram 12 cavaleiros
homens muito
valerosos destemidos
que aminosos entre
todos os guerreiros
como bem fosse
oliveiros um dos pares
de fiança
que sua perseverança
venceu todos infieis
eram uns leões
cruéis
os 12 poetas de
França. (Barros,
2008, p. 70)*

Os versos evidenciam as qualidades convicções dos cavaleiros medievais como também honra, coragem e lealdade, enquanto relata suas aventuras em batalhas e também seus feitos heroicos. Mediante esses elementos, o poema colabora para o engrandecimento da figura do cavaleiro para os valores essenciais da cavalaria na sociedade medieval.

Além de comprovar a conexão do medievo ao presente, o poema evidencia a importância atemporal desses temas, estabelecendo relações entre o passado, presente e futuro. Revelando o impacto que o medievo trouxe para outros cordelista, particularmente para os produtores iniciais, que recuperavam tópicos e elementos característicos do período medieval. Desse modo, manter essa conexão histórica faz-se muito relevante, pois relata como a história diz respeito aos tempos modernos.

Houve também outras publicações de folhetos com essa temática pelos poetas Antônio Eugênio da Silva que escreveu e publicou em 1958 o cordel O cavaleiro Roldão, e o poeta folclorista Marco Aurélio Fernandes Farias que publicou também dois folhetos e destaque sobre o tema. A morte dos 12 de ouro de autoria de João Melchades Ferreira e a morte dos 12 pares de França, de autoria de Marcos Sampaio (Farias, 2010, p. 31-34).

Em relação à morte dos poetas de França, o que é comprovado historicamente é que Roland morreu em batalha, no dia 15 de agosto de 778 no confronto histórico de Romcesvalles¹. Além de sua notável presença na literatura popular francesa e brasileira, é também celebrado na literatura popular da Itália, na epopeia Orlando Furioso, autoria de Ludovico Ariosto (1474-1533).

Outros escritores, em função da semelhança entre as características da composição poética, incluem reconhecer traços do cordel ao período pré- medieval. Segundo Viana (2010), a poesia clássica grega apresenta uma construção poética análoga à literatura de folhetos que começou a ser publicada no Brasil na segunda metade do século XIX.

Conforme a Oliveira (2007) a literatura de cordel produzida na antiguidade era com um formato correspondente com a literatura de folheto publicado no Nordeste no século XIX até a atualidade. Entretanto, examinando detalhadamente os relatórios da pesquisa como também as produções de capas de folhetos europeus de diversas nacionalidades um paralelo ao cordel brasileiro, percebe-se divergência tanto no conteúdo como em certos contextos e também no portado do texto. Ao passo que em países como França e Portugal haviam as folhas soltas, há relatos de folhas com muitas páginas soltas. Na Alemanha quanto ao conteúdo textual esses condutores, além de poesia traziam textos em prosa. Nesse sentido, percebe-se uma vasta variabilidade estética e de conteúdo dessa produção literária nesses países, do século

¹ Informações extraídas do livro breve história da literatura de cordel de Marco Aurélio Fernando Farias publicado em 2018 pela editora claridade.

XV ao século XIV distinguindo, portanto do cordel brasileiro o qual passou assim impresso nos anos finais no século XIX. Deduz-se, portanto que a poesia narrativa trouxe uma presença relevante na cultura de todos os povos medievais.

Segundo Oliveira (2007), os povos greco-romanos cartaginenses, saxões e fenícios, e suas jornadas de conquistas levavam em suas bagagens abundante quantidade de literatura popular. Conforme essa autora, os poetas andantes foram responsáveis pelo eurocentrismo literário. No século XII, provadores, jograis e menestréis atravessavam a Europa, essencialmente os locais de devoção religiosa do catolicismo, recitando versos de romances de aventura, e de ensinamentos religiosos e dos costumes do lugar.

2.2 No Brasil

Priorizamos o começo nos percursos de leitura com análise de folheto o que é um cordel? Escrito pelos célebres poeta de Cordel Arievaldo Viana e Zé Maria de Fortaleza. Este cordel aprofunda-se nas raízes e na jornada desse estilo literário no Brasil. Ao retratar a origem e a vinda do cordel em território brasileiro, os autores concede-nos uma perspectiva valiosa e realçam a relevância cultural dessa manifestação artística. Desse modo, percebemos que as raízes e riqueza cultural do cordel em nossa história através da análise das páginas desse folheto.

A seguir um poema alusivo à nossa discussão:

Como chegou ao Brasil

*O cordel viajou
sempre na marcha
cultural conduzindo
influência da cultura
oriental embora seu
nome seja de origem
provençal*

*Menestréis da idade média
narravam grandes
contendas batalhas de
Carlos Magno
e traços de velhas lendas
trazidas das arábias
em originais parlendas*

*O cordel sempre
cresceu numa
dimensão tamanha
espalhou-se pela
França em Portugal e
Espanha a existência
de fatos
lhe servindo de campanha*

*a viagem que Américo
Vespúcio fez ao Brasil
foi decantada em
cordel trazendo
alegrias mil narrado
todos os fatos sem
faltar vírgula nem til
(Maria; Viana, Sd)*

Esse poema de cordel salienta percurso dessa escrita literária, exibindo suas inspirações e raízes culturais. Em síntese o poema evidencia a amplitude e a força do cordel como uma tradição popular que, durante a sua caminhada absorveu várias influências, conservou heranças culturais e adaptou-se a diferentes contextos.

A literatura de cordel, literatura popular em verso, folheto ou cordel, teve origem com o trovadorismo medieval por volta do século XII. Nesse período não tínhamos poeta e sim trovadores que cantavam e espalhavam histórias para a população, cuja maioria era analfabeta, porém acabava tendo acesso às histórias por meio dessas canções.

Com o surgimento das máquinas impressoras, a divulgação dessas obras de pequena tradição literária estendeu-se a um número maior de leitores. Algumas obras eram escritas em prosa, a maioria, porém, aparecia em versos porque dessa forma era mais fácil para um público analfabeto, decorar versos e mais versos, lidos por alguém (Meyer, 1980, p. 13).

Com os avanços tecnológicos, que foram bastante na época do Renascimento, veio a prensa mecânica que deu início a imprensa. Desse modo, com a invenção dessa tecnologia foi possível imprimir uma grande quantidade de palavras no papel e com uma velocidade maior. Com essa rapidez na produção escrita, a distribuição de palavras que antes era somente cantada em forma de cordel, passou a casualidade das ruas e feiras. Com isso, o folheto ou cordel, era sobretudo uma fonte de informação capaz de divertir. Nesse aspecto é destacada a habilidade do poeta em transformar a notícia em história, em narrativa, em fábula. Essa dimensão dos folhetos explica, em grande parte,

(Severo, 2021).

Dentre as características principais da literatura de cordel, constata-se geralmente a escrita em sextilhas ou décimas, com uso de rimas e métrica regular, que dão musicalidade ao texto, com uso de temas variados, usando estilo oral e popular, em que as capas dos livretos são decoradas com xilogravuras, que são gravuras feitas em madeira, marcando um estilo visual único (Lucena, 2021).

A sua importância cultural é a preservação da memória popular, abordando temas como desigualdade, corrupção e questões do dia a dia, realizando uma crítica social, o que favorece seu emprego em escolas para promover a leitura e valorizar o patrimônio cultural brasileiro. Dentre os grandes nomes do cordel brasileiro, tem-se o Leandro Gomes de Barros que é considerado o pai da literatura de cordel no Brasil; seguido de Patativa do Assaré, que corresponde a um poeta popular que misturava o cordel com temas líricos e sociais; e João Martins de Athayde, que contribuiu para popularizar o gênero (Teixeira, 2020).

Faz-se importante sublinhar que o Cordel traz elementos próprios na sua construção, onde os poetas cordelistas modernos definem o Cordel como um gênero literário que possuem três elementos principais: a métrica, a rima e a oração. Esses três elementos são associados às xilogravuras, que ilustram as histórias estampadas nas capas dos livretos, formando assim a literatura de cordel (Lucena, 2021).

Teixeira (2020) pontua que a literatura de cordel é uma excelente ferramenta pedagógica para trabalhar a língua portuguesa, a cultura popular e a criatividade. A literatura de cordel não é apenas uma arte literária; é uma expressão viva das histórias e da alma do povo brasileiro, especialmente do Nordeste, com seu humor, resiliência e criatividade.

Assim, o Cordel na sala de aula, traz textos culturais trazem e fazem a exposição da história de um povo, onde uma variedade de ideias e conhecimentos permitem o relacionamento com o real, a compreensão dos valores culturais atuais e o desenvolvimento crítico (Assis; Lima, 2011).

Diante do tratamos até aqui, vemos que o cordel pode ser uma excelente ferramenta pedagógica para ser trabalhada em turmas do Ensino Fundamental. Ele possibilita a interação dos alunos com a cultura popular brasileira, desenvolve habilidades de leitura e escrita e incentiva a criatividade.

O cordel não apenas enriquece o aprendizado, mas também valoriza uma importante manifestação cultural brasileira, ajudando a despertar o interesse e o

respeito pela diversidade do país, permitindo explorar as diferentes disciplinas contribuindo para melhoria da compreensão de textos, explorar as regiões onde o cordel é mais popular, introduzir os alunos à origem do cordel e suas influências culturais, propagar danças culturais (Lucena, 2021).

O cordelista Leandro Gomes de Barros, considerado o primeiro escritor cordelista brasileiro, tendo produzido aproximadamente 240 obras, foi autor de vários clássicos e campeão absoluto de vendas. Seus folhetos ultrapassaram mais de milhões de exemplares vendidos. Em sua homenagem é comemorado o Dia do Cordelista em 19 de novembro, data de seu nascimento.

Outros grandes cordelistas também têm seu lugar nessa arte literária, como Ariano Suassuna, Antônio Gonçalves da Silva (Patativa do Assaré) e Firmino Teixeira do Amaral. Entretanto, chamamos atenção para a primeira mulher cordelista, que é a escritora Maria das Neves Baptista Pimentel, a qual rompeu com a hegemonia masculina presente em séculos de tradição da literatura de cordel.

Como viveu em uma época em que as mulheres não tinham a liberdade de expressão, o preconceito, o machismo eram marcas fortes na sociedade brasileira, Maria das Neves produziu cordéis sob o pseudônimo de Altino Alagoano, seu marido (Pimentel apud Mendonça, 1993, p. 70).

2.3 Literatura de Cordel do Nordeste

De acordo Viana (2010), a literatura de cordel apareceu no Sertão Nordestino a partir do início da colonização, no princípio, por meio da oralidade ou escrita a mãos em folhas soltas e depois costuradas. Esse costume de transcrever poemas manualmente, embora já havendo o folheto impresso em Portugal e também comprovado por Maxado, quando anuncia em seu trabalho o que é cordel que na carga dos colonizadores “vinham canções tradicionais, gestas, romances e xácaras manuscritas, embora a imprensa tenha sido introduzida em Portugal apenas em 1947” (Maxado, 2012, p. 22).

Desse modo, Farias (2010b, p.13) afirma:

A Literatura de Cordel é a poesia popular, herdeira do romanceiro tradicional, e, em linhas gerais, da literatura oral (em especial dos contos populares, com predominância dos contos de encantamento ou maravilhosos). É a literatura que reaproveita temas da tradição oral com raízes trovadorismo medieval lusitano continuadora das canções de gesta, mas também espelho social de

seu tempo. Com esta última finalidade, a literatura de cordel receberá o qualitativo-verdadeiro, porém reducionista-de “jornal do povo”. O cordelista, como hoje é conhecido o poeta de bancada, é parente do menestrel errante da Idade Média, que, por sua vez defende do rapsodo grego.

Dessa maneira, a literatura de folhetos, de acordo com os diversos autores citados neste trabalho, ocorreu em entre vários povos do continente europeu, uma vez que a literatura de massa, a qual está presente na Península Ibérica, foi a que atuou diretamente na constituição do cordel brasileiro transferindo, para este, o formato impresso em folhetos e estilo narrativo.

Segundo Sampaio (2021), o cordel se firmou no Nordeste no final do século XIX, por intermédio da obra de dois poetas cordelistas Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas Batista² cujas normas de composição de folhetos teriam sido delimitados por eles que perdura até hoje.

Era frequente uma pessoa erudita comprar estes cordéis e ler para as pessoas que não eram letradas, público esse que era a maioria no país durante muito tempo. Assim, percebe-se que muitos foram os fatores que contribuíram para que o nordeste se tornasse a matriz da literatura de cordel, devido a transposição do cordel pela oralidade.

A riqueza e a diversidade cultural da cidade de Salvador, capital da Bahia que foi a primeira a ser instalada e serviu como sede do governo-geral do Brasil colonial, promoveu o intercâmbio cultural através do português com o africano. Pode-se destacar que o contexto cultural e social colaborou com o surgimento desta forma de comunicação literária e o espalhamento da literatura de cordel através da cantoria em grupo e escrita (Cadó, 2022).

Um ponto crucial é que várias histórias originárias de Portugal ao chegarem no Brasil sofreram alterações para que estivessem em conformidade

com cenário sociocultural, político e econômico da época, alcançando os ideais, fantasias e valores da população, isso transformou os gêneros em um elemento de socialização de fatores culturais na sociedade (Cadó 2022).

² Leandro Gomes de Barros (19/11/1865 – 04/03/1918) é considerado o primeiro escritor brasileiro da literatura de cordel ²Francisco das Chagas Batista (05/05/1882 – 26/01/1930) foi um cordelista se no membro da primeira geração que poetas populares é um dos primeiros editores de cordel no Brasil

O cordel tem como marcas uma gama de recursos que podem ser valiosos para uma proposta de ensino, que podem ser citados: rimas, musicalidade, assonância, alterações, recursos sonoros, e semânticos. Sua diversidade temática também pode ser mencionada ao abrir espaços para abordagem de assuntos sociais, personagens históricos, narrativas inspiradoras em ocorrências locais, nacionais e internacionais (Ferreira, 2018)

A escritora Júlia Constança Camelo que usa o pseudônimo: A Menina de Buíque apresenta um trabalho em colaboração com Raimundo poeta, que corrobora essas características do cordel em despertar o interesse e prazer com essa forma literária. Vejamos o poema de Raimundo poeta e Menina de Buíque:

PORQUE ESCREVER
CORDEL? [...]
Foi por gostar de
cordel Que me
motivei a ler.
Depois vi que é uma
arte Traz alegria e
prazer
Pois, trata de todo
assunto, E facilita o
saber.
[...]
Tem a cultura do
povo Na escola é
ensinado Circula
por todo canto Da
cidade ao roçado
Ele atrai jovem, e
idoso Por criança
é amado. [...]
Foi o Nordeste que
inventou Métrica,
lapidou rima, Amplio
verso europeu, Pra
construir obra prima,
Pois, a forma
existente hoje É plus para
nossa estima.
[...]
Para a cidade se
encher De música
e alegria Para o
povo de repente
Dizer como já dizia
São Luís é rica,
rica... De versos e
poesia.

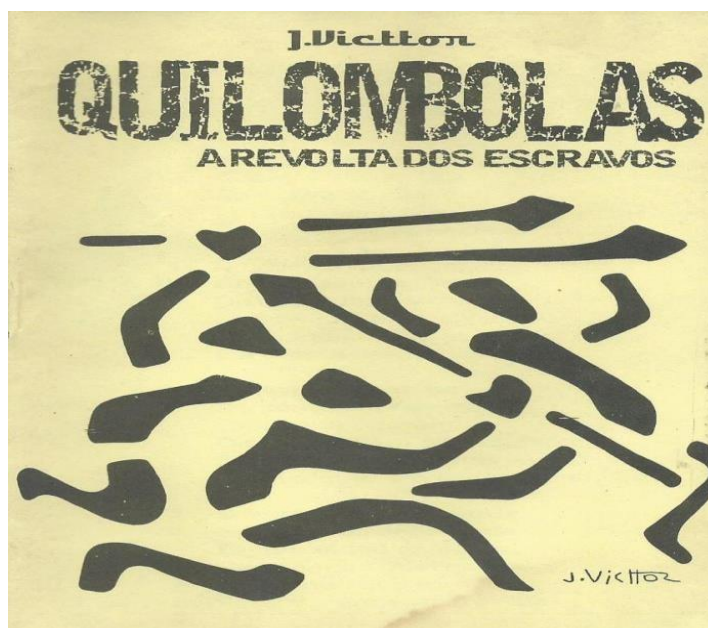
(Raimundo Poeta/Menina de Buíque, 2022)

Os autores revelam através desse poema como o folheto de cordel tem meios que atraem a atenção dos leitores e ouvintes. Percebe-se que o

próprio texto revela a riqueza das rimas, enfatizando o ponto de referencial desse gênero. Além do mais, é um reflexo de como cordel influencia a ação dos ouvintes, uma vez que incentiva a autora aprender a ler.

Um exemplo de literatura popular que trata de um assunto histórico de cunho social é Quilombolas: a revolta dos escravos, de autoria de J. Victor. Nesta obra o autor expõe a condição de servidão africana no Brasil e o surgimento dos quilombos. Por meio dessa narrativa, o leitor é levado a perceber não apenas as atrocidades da escravidão, mas também a luta por liberdade e dignidade.

Figura 3: Quilombolas: a revolta dos escravos



Fonte: <https://memoriasdapoesiapopular.com.br/wp-content/uploads/2021/03/quilombolas-a-revolta-dos-escravos.jpg>

Nesse sentido, a obra evidencia como exemplo de como o cordel pode atuar como recurso de educação e conscientização, de modo fascinante informativo, os aspectos históricos e sociais da formação da sociedade brasileira, como podemos ver alguns trechos a seguir:

Quilombolas: A Revolta dos Escravos – J.
 Victor. [...]
 O europeu na
 ganância, Saiu do
 seu continente
 Escravizando os
 povos, Se achando
 inteligente,
 Ignorando que os
 negros 16
 Foram a origem da
 gente. [...]
 Precisavam mão-de-
 obra, Trazendo então
 prisioneiros; Da África
 vieram os Grandes
 navios Negreiros
 E nas viagens
 sofridas Poucos
 chegaram inteiros.
 [...]
 Os escravos
 brasileiros, Muitos
 vindo de Angola,
 Sofriam sérios maus-
 tratos, Desconheciam
 escola, Fugiram para
 formar
 Uma nação
 quilombola [...]
 (Victor, 2020)

Através desse cordel, podemos perceber por meio de uma narrativa poética que mostra os capítulos sombrios da história do Brasil, marcados pela ambição europeia e pela escravidão e exploração dos povos. A obra se evidencia em retratar a presunção do povo europeu que, guiado pelo egoísmo e ganância atravessavam oceanos com objetivo de escravizar populações inteiras e titulando-se inteligente, enquanto desconsidera a verdadeira origem da humanidade, representada por africanos e afrodescendentes.

Por meio das estrofes, somos transportados para o Brasil colonial, lugar onde os escravizados, muito provenientes de Angola foram submetidos a terríveis maus-tratos e condições desumanas.

2.4 No Maranhão

A literatura popular em verso é uma expressão valiosa, sobretudo no Nordeste. Ela traz consigo várias características da cultura e da sociedade, e seu estilo

sublime envolve e se destaca, atraindo bastante atenção dos ouvintes e leitores. Diante disso, a literatura de cordel pode ser utilizada como ferramenta importante para partilhar a cultura e conhecimento.

No contexto do Maranhão, com o um vasto patrimônio histórico e cultural com tradições e lendas que permeiam a população do Maranhão, o Cordel, que chegou ao Brasil no século XVIII trazido pelos portugueses, também aporta nesse território nordestino.

O Estado do Maranhão, em especial disponibiliza uma variedade de temas significativos que podem ser estudados e divulgados através desse gênero literário singular. Entre esses, aludimos ao tema de Dom Sebastião e Ana Jansen, duas figuras célebres que ocupam um lugar precioso nos contos e tradições maranhenses. Porém, cabe ressaltar que existe outros temas também deslumbrantes e incentivadores que fazem parte desse universo cordelista que enriquecem a cultura da história local.

Uma personagem destacada foi Ana Jansen com uma narrativa admirável e complexa, cheia de elementos divergentes. A visão sobre essa mulher foi influenciada negativamente ao longo do tempo, seus atos e condutas podem ser interpretados de várias maneiras, pois é essencial que se desvende a profundidade desse personagem histórico como também é um contexto sociocultural do qual ela fez parte.

Entre as obras importantes as quais sobressaem na abordagem de Ana Jansen pelo cordel se destacam são a carruagem de Ana Jansen: uma lenda do Maranhão de produção do cordelista José Medeiros de Lacerda e Ana Jansen em cordel, escrito por Raimunda Frazão.

Figura 4: Ana Jansen em cordel

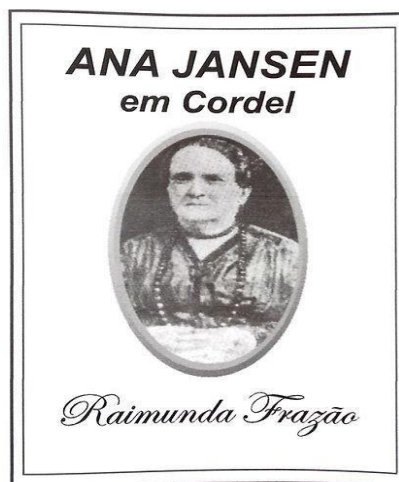


Figura 5: Ana Jansen em prosa



No Estado do Maranhão, a literatura de cordel é engrandecida tanto com a colaboração masculina quanto a feminina, pois a emancipação feminina no panorama literário é uma conquista que ecoa em diversas regiões do país. Nesse cenário, Raimunda Frazão, nascida em 14 de março de 1951, sobressai como uma notável representante com esse estilo literário. Sua produção inclui uma grande variedade de

temas que reflete temas do povo maranhense.

Outras maranhenses, igualmente exercem um papel vital na criação do cordel no estado do Maranhão. Entre elas, Gorete Pereira que começou sua jornada poética aos 10 anos de idade, de origem modesta, filha de uma empregada doméstica e um pedreiro, Gorete Pereira aborda em suas produções a violência contra a mulher e explorou também a vida de uma personalidade notável na história do Maranhão: Ana Jansen.

A professora Doutora Maria Júlia Constança Camelo, natural da cidade de Buíque, interior de Pernambuco, desde criança dedicou-se bastante a literatura de cordel no estado do Maranhão, posteriormente, decidiu contribuir para essa vasta tradição, tornando-se uma cordelista cujo pseudônimo: a Menina de Buíque. Todo o conhecimento e experiência, com o passar do tempo, em todo lugar, tanto no interior como na capital alicerçaram sua base intelectual para a produção literária direcionada para a cultura, memória do povo do Maranhão:

Esse aqui São Raimundo Nonato dos Mulundus, cordel um santo do Maranhão, ele fala do festejo de São Raimundo. Esse aqui em homenagem a Negro Cosme. Esse aqui em homenagem ao miolo do boi. Esse aqui -tempo de guarnicê - fala de todas as brincadeiras folclóricas do Maranhão. Esse sobre a cidade de Cantanhede – Ma. Esse aqui sobre São José Ribamar Maranhão. Esse aqui a cidade de Raposa em cordel. Esse aqui falando do Quebra Pote, esse caso aconteceu real mesmo lá no Quebra Pote. O finalzinho dele diz assim: “foi uma história real, ninguém deve duvidar, o dia em que a jumenta fez a noiva desmaiar, e o jumento feroso botou um nojo para rodar”. Esse aqui foi em 2020 que eu escrevi ele, mas só que o acontecimento foi bem antes. Esse aqui sobre os 409 anos de São Luís. Todo aniversário de São Luis, quando é mais ou menos dia 6 eu faço uma poesia em homenagem a São Luís e já deixo no jornal e ele publica. Porém esses tempos eu não tenho feito, mas eu fazia todo ano, tanto que nesse livro - sol luar brisa e mar - tem vários sobre o aniversário de São Luís. Esse aqui, Maria Firmina. Esse aqui é sobre a viagem de uma romaria de São Mateus até Canindé do Ceará. Esse aqui fala dos idosos. Esse aqui foi um concurso de poesia que teve em Nossa Senhora do Perpétuo Socorro na Cohab onde eu consegui o primeiro lugar também, e o tema era assim: “este cordel teve como origem a poesia - Maria de sempre - vencedora do primeiro festival e poesia da paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no bairro da Cohab, São Luis – Ma, em 2017. O tema era Maria exemplo de ser mulher, aí eu fui falando de cada mulher. [...] Aí em mulheres de profissões eu falo de cada profissão. Esse daqui - mulher símbolo de amor e fé - toda festa que eu faço eles convidam para eu declamar essa poesia. toda a festa de 2015 para cá, o pessoal da polícia da casa da mulher brasileira pede essa poesia aqui. (Frazão 2023)

Desse modo, percebe-se no trecho citado, a escritora Raimunda Frazão se cruza com a história e cultura maranhense, uma vez que ela recupera e divulga os

saberes da região com a utilização de uma linguagem simples e cheia de rimas de literatura de cordel.

Paulo Roberto Gomes Leite Vieira, conhecido como Paulino Nó Cego é um poeta, compositor e jornalista. Nascido em Pedreiras do Maranhão no dia primeiro de maio de 1962, foi autor de várias poesias em cordel, onde a grande maioria o poeta não reconhece como suas. Respondeu vários processos por questões políticas.

Devido divergências políticas e/ou perseguitivas acabou sendo excluído da Academia Pedreirense de Letras. Com isso, se prepara para lançar mais um novo trabalho o qual se intitula: “um cordel para a academia”. Onde descreve toda a saga do instituto “intelectuais” de Pedreiras para a formação da academia de W. Brandão, passando pelo refencial poronga, indo estudar a vasta bibliografia Tenoriana.

O DESERTOR DA POESIA Paulinho Nó Cego

Para Gerô, uma homenagem em rima.

Ninguém cala o
poema O fruto da
inspiração O
sentimento do
povo
Nem o pulsar do
coração O poema é
o engate
É a válvula de
escape Voz que
soa é direção.

Direção contra
injustiças É
defensor do
explorado É o
desejo da maioria
É sangria do
indignado É
ferramenta
perfeita É a voz
insatisfeita
É martelo agalopado.

O poema o
acompanha Se
move é
emocionante O
atrai pra terra firme
O leva a lugar
distante O poema
não se cala Com

taca nem com bala
O poema vai
avante!

O poema quando
surge Desce na
veia da gente
Passa pelo
coração
Depois é que vai pra
mente Onde ele é
construído Com tema
já definido
É só seguir a corrente

Fonte: <https://www.raimundofloriano.com.br/o-desertor-da-poesia-cordel-de-paulinho-no-cego>

Paulinho Nó Cego se encaixa na categoria de poetas, os quais seguem assumem tradição da poesia satírica, uma vez que a sua poesia aponta para as mazelas causadas pela má gestão de políticos e governantes durante o cumprimento de seus mandatos nos respectivos cargos que ocupam ou ocupam revelando cumplicidade com os versos, o cordelista muda constantemente as terminações das rimas ao longo das estrofes.

Constantemente, desprovido de qualquer arsenal metafórico, o cordelista profere contra seus adversários numa exibição de bravura, chegando às vezes até nominá-los diretamente, ora assinalando-os, advertindo-os, ora ridicularizando-os antes de entregá-los definitivamente aos leitores.

3 COMPREENSÕES SOBRE LITERATURA DE CORDEL

Nesta parte desta dissertação vamos abordar a literatura e educação que estão intimamente ligadas, uma vez que a literatura é uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento da linguagem como também para o desenvolvimento pessoal e intelectual do ser humano.

3.1 Literatura e Educação

Ao se reportar a temática da pesquisa, numa abordagem interpretativa recorre-se aos aportes teóricos que contribuem para a fundamentação e sistematização da referida proposta de trabalho. Neste aspecto a literatura é um conhecimento utilizado em todos os períodos da história da humanidade a representar os acontecimentos políticos, econômicos e sociais ocorridos na sociedade; na atualidade tem a função social de desenvolver habilidades e competências em todas as áreas do saber.

No tocante a educação, Cosson (2010, p. 55) aponta que

[...] a relação entre literatura e educação é tão antiga que se confunde com a ideia de civilização. Antes mesmo de essas duas práticas serem assim denominadas e adquirirem o sentido que possuem hoje para nós, a literatura já era usada como matéria de formação, ensino e aprendizagem em diferentes culturas.

Conforme Araújo (2010), a historicidade da literatura é condizente com os conhecimentos que ela reúne em seu corpo teórico, a manifestar os aspectos culturais das diferentes civilizações, humanas, manifestações estas testemunhadas pelos deixados arqueológicos, a exemplo as tradições orais e escrita. Logo a literatura reveste-se de significados a delinear a educação como transmissão da herança cultural, pois é de grande relevância a concomitância entre a literatura e a educação como bases contribuidoras na formação do homem (Araújo, 2010).

A literatura mobiliza o imaginário ao desenvolver habilidades leitoras interpretativas, contextualizações e a utilizar os signos linguísticos na materialização textual, das ideias literárias e filosóficas de uma sociedade em determinadas épocas “[...] a ciência da literatura deve estabelecer o vínculo mais estreito com a história e com a história da cultura” (Bakhtin, 2017, p. 11).

A partir da contribuição do autor, vimos que a literatura é manifestação da cultura e não pode ser desenvolvida sem retratar as influências culturais de pensamento e linguagem no plano coletivo e individual, o que permite dizer que entre os diversos campos das ciências humanas, a cultura se interrelaciona com a literatura no âmbito das transcrições e revelações imbricadas nas tradições e transformações do pensamento humano.

Os textos literários permitem que as atividades amplas, diversas e interessantes, desenvolvam aspectos da aprendizagem linguística, cultural e facetas específicas da aprendizagem comunicativa. De fato, estão ligados a diversos conhecimentos e contribuições da competência literária e comunicativa, o que revela que o conhecimento de ambos leva aos estímulos textuais para reconhecer. Um dos aspectos importantes resultantes dessa interação com os textos literários é o desenvolvimento da curiosidade da imaginação do leitor em relação à leitura, isso faz com que nos deixem uma bagagem de experiências que nos define como leitor (Santana, 2015).

Marcuschi (2011) aduz que, tendo em vista que todos os textos se manifestam sempre num ou noutro gênero textual, um maior conhecimento do funcionamento dos gêneros textuais é importante tanto para a produção como para a compreensão. Entende-se, com isso, que a literatura é de grande importância para o estudante, pois além de ser prazerosa, contribui para o enriquecimento intelectual e cultural, assim como desenvolvimento do senso crítico, do encantamento, da diversão e do conhecimento de mundo e sensibilidade.

Assim, a medida em que o aluno interage com diferentes leituras, ele constrói os sentidos a partir da compreensão do texto, atuando como um leitor reflexivo, capaz de dialogar com um texto aberto a inúmeras interpretações. É a partir daí que o aluno intervém como leitor, ao gerar atividade de aprendizagem através da leitura dos textos literários (Severo, 2021).

Convém ressaltar, que a literatura e suas abordagens permitem ao leitor um discurso representativo dos sentidos humano sobre si e o mundo. Encontrar

sentido na literatura é algo transformador, pois chega-se a criação artística, e "um dos principais motivos da criação artística é certamente a necessidade de nos sentirmos essenciais em relação ao mundo" (Sartre, 2004, p. 39).

A literatura como pressuposto da arte expressa nas obras literárias ressalta os aspectos ideológicos, históricos e culturais dos indivíduos na sua constituição identitária e sua relação social a partir do ato consciente de estar no mundo. Dessa forma, a literatura e seus instrumentos de construção, interpretação e aplicação, ao associar as ideias, menciona-se a leitura, como prática social que ressignifica a literatura pelo viés da linguagem.

A partir das acepções sobre a linguagem, evidencia-se as caracterizações do uso dos signos nas composições verbais e não verbais, perpassando pela abordagem simbólica e conceitual das construções linguísticas encontradas na literatura. Segundo Amora (2006, p. 57),

uma obra literária apresenta a nós em princípio, como uma realidade concreta que lemos, que ouvimos, [...] que assistimos [...]; mas se bem pensarmos essa realidade concreta é apenas a forma da obra, isto é, sua expressão, porque seu conteúdo, ou aquilo que ela expressa, é uma realidade abstrata que existiu no espírito do autor.

Constata-se, desse modo, que as obras literárias favorecem a condição construtiva para o gosto e apreciação de conteúdos que se estabelecem sobre o ponto de vista do autor, isto constitui o aspecto concreto da obra, enquanto a fantasia, sobre o mundo, a curiosidade e manifestações de linguagens e emoções interpretadas pelo leitor constituem o sentido abstrato da obra literária.

No contexto do desenvolvimento da literatura em sala de aula, Bettelheim (1996, p. 13) descreve que:

para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimulá-la a imaginação; ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam.

O professor como facilitador no processo ensino e aprendizagem precisa estimular a atenção das crianças através de estratégias que despertem o interesse da criança pela leitura para que ela desenvolva sua concentração e foco, pois através da prática da leitura, a criança terá vários benefícios, os quais se estendem e fortalece vínculos afetivos e habilidades socioemocionais. Pois, por meio da leitura, é que as

crianças entendem seus sentimentos e aprendem a lidar com eles. Logo, o professor é o mediador na fundamentação de conhecimentos nas dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais, de modo a construir os saberes literários específicos.

Ainda sobre esse entendimento, Lajolo (2008, p. 106), destaca a importância da leitura literária no currículo escolar, pois permite ao cidadão exercer plenamente sua cidadania ao apossar-se da linguagem literária, tornando-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro, mas porque leu muitos livros.

Concordamos com Solé (1998), quando afirma que a função do professor no ensino é de mediar as competências de leitura, de análise, da abstração e argumentação, possibilitando aos educandos a capacidade de estruturar com autonomia as atividades propostas, visto que, a literatura é um meio que permite o domínio de conceitos formulados a partir dessa interação professor-aluno. A literatura é, portanto, um meio organizacional do conhecimento que envolve o aluno nas atividades de reflexão a vislumbrar o caráter dialógico, investigativo, crítico, criativo e ético diante da realidade cotidiana (Cosson, 2010).

Constata-se no conjunto das reflexões dos autores e autoras que, a função social da literatura é facilitar às pessoas compreender e libertar-se dos dogmas que a sociedade lhes impõe. Isso porque, “a leitura do texto literário pode se constituir num fator de liberdade e transformação dos homens” (Silva, 1986, p. 21). Pode-se acrescentar, ainda, que tanto a leitura do texto maravilhoso, quanto a leitura do texto realista cumprem o papel social de transformar a infância, na medida em que fazem a criança pensar de modo novo e crítico.

As funções sociais da Literatura de Cordel não são diferentes. Na verdade, ela tem grande importância para o desenvolvimento da linguagem e da formação de leitores, pois os cordéis são fonte de preservação da identidade regional, da cultura nordestina, de informação e oportunidade de crítica e conscientização popular sobre temas relevantes sobre o Nordeste e o Brasil.

A Literatura de Cordel transforma-se, em certa medida, numa forma de se expressar que atinge todas as classes sociais, estimulam e aumentam o hábito e o interesse pela leitura de forma prazerosa. Ela tem assim, a mesma importância das demais literaturas, cuja principal função social é informar, ao mesmo tempo que diverte os leitores (Teixeira, 2020).

4 LITERATURA DE CORDEL NA ESCOLA

O interesse pela inserção da literatura de cordel na escola tem crescido significativamente, como destacam Nascimento (2024) e Pereira et al. (2015). Para Nascimento (2024), o cordel configura-se como um recurso metodológico potente para o desenvolvimento do letramento literário, pois mobiliza elementos da cultura popular que dialogam diretamente com o cotidiano dos estudantes. Ao propor práticas que envolvem leitura, performance e produção textual, o autor defende que o cordel favorece a aproximação dos alunos com a literatura, promovendo engajamento, curiosidade e autonomia interpretativa.

De forma semelhante, Pereira et al. (2015) enfatizam que a presença do cordel na sala de aula constitui uma estratégia pedagógica que valoriza a identidade cultural dos alunos, ao mesmo tempo em que possibilita o desenvolvimento de habilidades linguísticas e estéticas. Para esses autores, o cordel propicia uma leitura envolvente, marcada por humor, crítica social e representações simbólicas que atravessam a realidade brasileira. Assim, ao ser integrado ao currículo, esse gênero literário fortalece práticas educativas que rompem com uma visão restrita da literatura e fomentam um ensino mais dinâmico, crítico e culturalmente situado.

Assim, esta seção dedica-se a compreender o papel da literatura de cordel no contexto escolar, discutindo seus fundamentos pedagógicos, suas contribuições para o ensino da língua portuguesa e sua relevância para a formação de leitores críticos e sensíveis.

Estruturamos essa seção em três partes, onde inicialmente analisamos os documentos normativos que orientam o ensino de língua portuguesa e que abrem espaço para o trabalho com gêneros literários diversos, entre eles o cordel; em seguida, discute-se a contribuição do gênero narrativo — categoria à qual o cordel pertence — no processo de ensino-aprendizagem; por fim, explora-se como a literatura de cordel pode favorecer a ampliação do repertório cultural dos estudantes e estimular práticas de letramento literário contextualizadas.

A abordagem dada ao texto busca articular teoria e prática, reconhecendo que o cordel, tradicionalmente vinculado à cultura popular nordestina, insere-se no ambiente escolar não apenas como texto para leitura, mas como objeto cultural, artístico e histórico. Objetivamos, ainda, compreender como esse gênero, marcado

pela oralidade, pelo ritmo e pelo uso de linguagem acessível, pode contribuir para uma educação mais plural, democrática e coerente com a diversidade cultural brasileira.

4.1 Documentos Normativos e o Ensino da Língua Portuguesa

O ensino de Língua Portuguesa no Brasil é orientado por um conjunto de documentos normativos que estabelecem diretrizes para a prática pedagógica, a organização curricular e os princípios que fundamentam o processo de ensino-aprendizagem. Esses documentos, produzidos ao longo das últimas décadas, reafirmam a função social da escola na promoção da linguagem como prática cultural, discursiva e cidadã (Souza, 2020).

Lopes (2020) discursa que a literatura de cordel, enquanto manifestação literária marcada pela oralidade e por forte representatividade sociocultural, enquadra-se plenamente nesse cenário, pois atende às exigências de um ensino que valoriza múltiplas linguagens e identidades culturais. A Constituição Federal de 1988 já estabelece, em seus princípios, uma educação voltada para o pleno desenvolvimento da pessoa, o preparo para o exercício da cidadania e o respeito à diversidade cultural (Brasil, 1988).

O cordel constitui uma expressão cultural que rompe com modelos tradicionais de ensino ao articular conteúdo, linguagem e identidade em uma única proposta pedagógica. Seu uso valoriza os saberes socioculturais dos alunos e fortalece práticas educativas dialógicas, baseadas na escuta, na oralidade e na sensibilidade literária. Apesar de seu potencial formativo e de sua força como recurso de letramento, o cordel ainda encontra resistência e pouca presença tanto nos documentos normativos quanto nas práticas docentes do cotidiano escolar (Oliveira, 2019).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996), documento norteador de todas as políticas educacionais do país, reforça a necessidade de garantir aos estudantes domínio das linguagens como condição para participação social (Brasil, 1996). Nogueira et al. (2021) discute que a LDB explicita que o currículo deve refletir a diversidade cultural brasileira, incentivando experiências pedagógicas que dialoguem com as realidades dos alunos. Nesse sentido, trabalhar

com a literatura de cordel atende diretamente ao dispositivo legal, pois introduz na escola um gênero que emerge do universo popular, aproximando a educação formal das vivências culturais dos estudantes. Desta forma,

[...] a literatura de cordel, utilizada na sala de aula, é uma experiência significativa, tanto para os escolares, quanto para o docente em Língua Portuguesa, uma vez que propiciou momentos de estudos, pesquisas e construção do conhecimento de forma envolvente e favoreceu a interatividade, a criatividade e expressividade dos escolares (Nogueira et al., 2021, p. 202).

Nesse quadro normativo, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), publicados entre 1997 e 1998, constituíram um marco na história do ensino de Língua Portuguesa ao deslocarem o foco dos conteúdos linguísticos para as práticas de linguagem (Brasil, 1997, 2002). Os PCN defendem que a escola deve promover o desenvolvimento da competência comunicativa dos estudantes por meio da leitura, escrita, oralidade e análise linguística em situações reais de uso (Pereira, 2019). O cordel, com sua natureza híbrida entre oral e escrita, torna-se uma ferramenta pedagógica estratégica para desenvolver essas competências de forma contextualizada, criativa e culturalmente significativa (Lima, 2013).

Segundo Lima (2013), os PCN também introduzem de forma clara a importância dos gêneros textuais como eixo estruturante do ensino de língua. Ao apontarem que a aprendizagem se dá por meio de práticas discursivas concretas, reconhecem que a diversidade de gêneros deve estar presente no currículo escolar. Nesse sentido, a literatura de cordel não é apenas admitida, mas recomendada como possibilidade de trabalho pedagógico, já que exemplifica um gênero narrativo-poético capaz de mobilizar diversas habilidades linguísticas.

Outro documento importante é a Matriz de Referência do SAEB, responsável por orientar a avaliação em larga escala no país. A Matriz reconhece explicitamente os gêneros literários populares como objeto de avaliação, o que reforça sua legitimidade dentro do currículo (Brasil, 2020). O cordel aparece como um dos gêneros que os estudantes devem ser capazes de ler, interpretar e relacionar com seu contexto de produção, o que demonstra sua importância para a formação leitora e sua inserção oficial nas práticas escolares (Lopes- Rossi, 2012).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada em 2017, aprofunda essa discussão ao consolidar uma concepção de língua como prática social

e ao enfatizar o trabalho com gêneros textuais diversos. No componente de Língua Portuguesa, a BNCC organiza as habilidades a partir de quatro eixos

— leitura, produção de textos, oralidade e análise linguística/semiótica — todos atravessados por situações discursivas reais. A literatura de cordel aparece entre os gêneros previstos, evidenciando que sua exploração atende plenamente às competências e habilidades propostas pelo documento (Brasil, 2017).

No documento, o termo cordel/cordéis perpassa por todas as fases do ensino básico, sendo citado diretamente oito vezes, a saber: uma vez no campo da Experiência da Educação Infantil, quatro vezes em descritores e no Campo Artístico Literário do Ensino Fundamental I; duas vezes nos descritores do Ensino Fundamental II; uma vez no Parâmetros para a organização/progressão curricular do Ensino Médio (Sousa, 2024, p. 54).

Além disso, a BNCC incentiva a valorização das manifestações culturais brasileiras, reconhecendo que textos de diferentes matrizes socioculturais devem integrar o currículo. O cordel, como produção literária tradicionalmente nordestina, assume papel relevante nesse contexto, pois contribui para o reconhecimento das culturas regionais, o fortalecimento da identidade e a promoção de práticas de letramento que respeitam a multiplicidade de vozes do país. Assim, o documento normativo fornece base sólida para sua inserção pedagógica (Sousa, 2024).

A BNCC também introduz o conceito de “ampliação do repertório cultural”, propondo que os estudantes tenham contato com diferentes tradições literárias. Ao incluir o cordel como possibilidade de leitura literária, o documento reafirma que o ensino de língua deve superar a centralização no cânone hegemônico e abrir espaço para textos que representem a diversidade sociocultural do Brasil. Essa diretriz favorece uma abordagem mais democrática e crítica da educação linguística (Santos, 2021).

No que diz respeito à formação do leitor literário, os documentos normativos enfatizam que a escola é responsável por garantir práticas de leitura que ampliem a sensibilidade estética dos estudantes. Nesse contexto, a literatura de cordel, com sua musicalidade, sua poética rimada e suas narrativas envolventes, tem papel relevante, pois congrega todos esses elementos.

Ressalte-se que a Literatura de Cordel já faz parte de nossas tradições antes mesmo da chegada das novas tecnologias, as quais nos trouxeram inúmeras novidades que nos atraíram e faz com que deixemos de lado nossas próprias origens

culturais. O que nos faz lembrar que é importante a preservação dessa nossa manifestação cultural, posto que, além de ela dar ênfase tanto à riqueza, quanto à expressividade da nossa cultura, constitui-se em uma maneira de despertar o senso crítico, uma vez que aspectos econômicos, políticos, sociais e históricos permeiam o conteúdo dessa valiosa manifestação popular (Morais, 2021).

Os documentos normativos também reforçam a importância da interdisciplinaridade, permitindo que o cordel seja explorado de maneira ampliada em articulações com a História, Geografia, Arte e Ensino Religioso, fornecendo elementos da identidade cultural, folclore, religiosidade popular, desigualdade social e meio ambiente a partir de suas narrativas em cordeis. Essa perspectiva interdisciplinar está prevista na BNCC ao enfatizar competências gerais relacionadas à responsabilidade, empatia e repertório cultural, o que sustenta o trabalho pedagógico com o cordel (Santos, 2021).

Outro ponto expressivo de alinhamento com as diretrizes normativas são as demandas contemporâneas por práticas pedagógicas mais inclusivas. O cordel, por sua linguagem acessível e por sua forte representação social, pode favorecer a inclusão de estudantes que, por vezes, encontram barreiras para se relacionar com textos considerados eruditos. Os documentos oficiais demandam a construção de ambientes de aprendizagem que respeitem diferenças culturais e considera o cordel como uma ferramenta eficaz para esse propósito (Araújo Neto, 2025).

Os documentos normativos que regem o ensino da Língua Portuguesa no Brasil convergem para uma visão ampla, democrática e culturalmente comprometida da educação linguística. Todos eles — da Constituição à BNCC — apontam para um ensino que valorize a pluralidade de gêneros, manifestações culturais e experiências de linguagem. Nesse sentido, a literatura de cordel não apenas está autorizada pelos documentos normativos, mas encontra neles respaldo teórico, metodológico e político para ser integrada ao currículo de forma consistente, contribuindo para uma aprendizagem significativa e para a formação de leitores críticos.

4.2 Contribuição do gênero narrativo para o ensino

O gênero narrativo ocupa um lugar central no ensino da língua portuguesa em virtude de sua presença histórica e cultural na formação dos sujeitos. Desde a infância, a humanidade estrutura experiências e conhecimentos por meio de

narrativas, o que evidencia sua função cognitiva e social. No contexto educativo, essa característica torna o gênero narrativo um recurso privilegiado para o desenvolvimento da linguagem, da imaginação, da criatividade e da capacidade crítica dos estudantes (Santos; Seixas, 2012).

A narrativa, segundo Bakhtin, discutido por Machado (2010), é uma das formas mais antigas de organização do discurso humano, constituindo espaço de interação, de expressão de valores, de memórias e de identidades culturais. Ao ser trabalhado na escola, o gênero narrativo aproxima o aluno da dimensão social da linguagem e rompe com práticas meramente formalistas, pois o sentido da narrativa depende da relação entre texto, contexto e interlocutores. Assim, sua presença no currículo favorece a formação de leitores e produtores de sentido.

No âmbito da BNCC, o gênero narrativo é reconhecido como uma categoria textual que integra múltiplas práticas de linguagem, abrangendo textos escritos e orais, tradicionais e contemporâneos. A BNCC prevê habilidades voltadas para a leitura, análise e produção de narrativas nos anos iniciais e finais do ensino fundamental, o que demonstra sua relevância para a formação linguística dos estudantes (Brasil, 2017). Essa proposta dialoga com abordagens socioconstrutivistas, que compreendem o texto narrativo como instrumento de interação e aprendizado, contudo Lopes-Rossi lembra que:

Esse documento normativo, por sua natureza, não tem o propósito de explicitar como as práticas de linguagem devem ser desenvolvidas em sala de aula. Fica a cargo das redes escolares, das equipes pedagógicas e dos professores o planejamento e as decisões sobre as formas de implementar as prescrições. Se, por um lado, isso garante certa autonomia aos educadores, por outro lado, impõe a difícil tarefa de interpretar o que se propõe em um documento sem qualquer explicitação de suas bases teóricas (Lopes-Rossi, 2021, p. 7).

Além de ser uma das formas de texto mais frequentes no cotidiano escolar, o gênero narrativo favorece o desenvolvimento de competências cognitivas essenciais, como sequenciação temporal, coerência, coesão, construção de personagens e identificação de conflitos. Essas habilidades influenciam diretamente a estruturação do pensamento, o desenvolvimento da oralidade e a capacidade de organizar ideias, elementos fundamentais para a aprendizagem em diferentes áreas do conhecimento.

Ao trabalhar com narrativas na escola, o docente mobiliza dimensões do

letramento que vão além da decodificação, incluindo interpretação, inferência, apreciação estética e posicionamento crítico (Silva, 2025). Conforme defende Kantorski (2025), o contato sistemático com textos narrativos contribui para a formação de leitores literários capazes de ultrapassar a leitura superficial e construir relações entre texto, mundo e subjetividade. Nesse sentido, a narrativa torna-se ferramenta para a emancipação intelectual.

O gênero narrativo também apresenta um potencial significativo para o ensino interdisciplinar. Textos literários e relatos de vida, por exemplo, podem ser mobilizados para discutir temas de história, geografia, política, filosofia ou ciências sociais. Ao narrar experiências ou recontar eventos, os alunos assumem postura investigativa, articulando conhecimentos de múltiplas áreas e compreendendo o papel da linguagem na construção do conhecimento sobre o mundo (Leão; Santos, 2022).

Nesse contexto, a literatura de cordel, como gênero narrativo-poético, se apropria de histórias, acontecimentos e personagens reais ou fictícios, utilizando rima, métrica e oralidade como elementos estruturantes. Isso contribui para que os estudantes compreendam como as narrativas se constroem e de que maneira o texto literário pode dialogar com o cotidiano. A estrutura simples, rítmica e envolvente do cordel favorece o engajamento e a aprendizagem em diferentes níveis de escolarização (Martins et al., 2012; Silva; Gabriel, 2019).

Acreditamos no cordel como uma forma rica de comunicar a necessidade de se questionar as nossas práticas de consumo e a nossa relação com a natureza, da qual somos parte. Acreditamos na riqueza do cordel como forma folkcomunicação capaz de produzir processos de alteridade do homem consigo mesmo, ao valorizar e criar identidade quando dá voz às classes populares; ao promover o encontro do homem com os seus iguais e diferentes; ao instaurar processos tradutórios que combinam elementos de culturas distintas; ao trazer aos homens saberes ancestrais e atuais, de forma lúdica, poética e sensível, numa didática da simplicidade, cujas narrativas servem também para perenizar o conhecimento e transformar a relação entre os homens e dos homens com o mundo (Silva; Gabriel, 2019, p. 231).

A prática com narrativas também possibilita trabalhar aspectos linguísticos de maneira contextualizada. Elementos como tempo verbal, modalidades discursivas, verbos de ação, marcadores temporais, conectivos e recursos expressivos tornam-se mais significativos quando estudados dentro de textos narrativos reais. Essa

perspectiva afasta o ensino da fragmentação gramatical tradicional, aproximando-o da função social da língua (Hila, 2009).

Outra contribuição relevante do gênero narrativo é seu papel na formação da identidade e da subjetividade. Ao ler e produzir narrativas, os alunos entram em contato com diferentes vozes sociais, compreendendo perspectivas e experiências diversas, o que favorece o desenvolvimento da empatia e da consciência social. Essa dimensão torna-se ainda mais forte no cordel, que frequentemente trata de temas populares, injustiças, religiosidade, moralidade e crítica social (Souza, 2021).

A Educação Literária, entendida como componente essencial da formação humana, encontra na narrativa um de seus principais instrumentos (Santana, 2025). A fruição estética, tão defendida por Antonio Candido, só é possível quando o aluno tem acesso à literatura enquanto experiência sensível e não apenas como objeto de análise estrutural (Coelho et al., 2020). A narrativa permite essa vivência, especialmente quando são utilizados gêneros como o cordel, que combinam arte, oralidade e crítica.

Assim:

[...] consideramos a leitura como ato social que não termina na decodificação, mas acontece por meio da interação entre o autor, o texto e o leitor, numa perspectiva de letramento. Para tanto, possibilitar o contato com os textos literários na sala de aula é uma ação necessária para viabilizar a formação de leitores proficientes em sentido de leitores críticos, uma vez que a diversidade de gêneros literários possibilita compreendermos os outros e a nós mesmos, como também, contribui para a formação da personalidade do sujeito (Freitas, 2021, p. 88).

Do ponto de vista metodológico, diversos estudiosos defendem o emprego do gênero narrativo em práticas de leitura e produção textual que dialoguem com a realidade dos estudantes. Dolz e Schneuwly (1995) apontam que o ensino por gêneros deve articular leitura, produção e reflexão linguística em uma sequência didática estruturada, garantindo o desenvolvimento de capacidades comunicativas. O cordel, nesse processo, pode servir como texto-base, texto-modelo e texto de referência cultural.

A oralidade é outro fator chave na contribuição das narrativas para o ensino. No caso do cordel, a leitura em voz alta, a declamação e a performance tornam-se

experiências que integram linguagem verbal e corporal, motivando os estudantes e promovendo habilidades discursivas avançadas. A BNCC reconhece a importância de práticas de oralidade em sala de aula, e o gênero narrativo é uma das formas mais ricas de explorá-las (Gonçalves, 2021).

O uso do gênero narrativo no ensino também colabora com a alfabetização e o letramento inicial. Silva (2017) discursa que histórias estruturadas com repetições, rimas e sequências ajudam na memorização e na compreensão da lógica do texto, favorecendo a aprendizagem da leitura e da escrita. Isso é particularmente relevante no caso do cordel, cujos elementos rítmicos e repetitivos facilitam o contato inicial da criança com a linguagem escrita e poética.

Na educação de jovens e adultos, o gênero narrativo também tem papel importante ao valorizar histórias de vida e experiências pessoais. A narrativa contribui para o reconhecimento dos saberes e identidades dos estudantes, permitindo que sua própria trajetória seja transformada em objeto pedagógico. Trabalhos com cordel autobiográfico, por exemplo, têm sido utilizados como estratégia de letramento narrativo e empoderamento cultural (Pereira et al., 2023).

Mesmo no ensino médio, quando o estudo dos gêneros tende a ser mais analítico, a narrativa permanece relevante como instrumento de formação crítica e interpretação de mundo. Textos literários narrativos, como contos, romances e cordéis, desenvolvem competências de leitura profunda e análise discursiva, fundamentais para o exercício da cidadania, para as práticas acadêmicas e para a compreensão das dinâmicas sociais (Sá, 2015).

Outro aspecto a ser considerado é o potencial da narrativa para a aprendizagem significativa, pois ela permite partir de conhecimentos prévios dos estudantes, construir sentido a partir de suas experiências. Isso está em consonância com teorias sociointeracionistas, como as de Vygotsky, que afirmam que o aprendizado ocorre por meio da interação social e da mediação cultural. Narrar e ouvir narrativas são, nesse sentido, ações estruturantes do conhecimento (Silva et al., 2011).

Assim, o gênero narrativo contribui para o desenvolvimento de competências comunicativas que ultrapassam a escola, como argumentação, produção de discursos orais, construção de relatos e organização de conteúdo. Essas habilidades são essenciais na vida pessoal, acadêmica e profissional dos alunos, o que reforça o papel do gênero na formação integral prevista pelos documentos

normativos.

Em síntese, a contribuição do gênero narrativo para o ensino vai além da dimensão conteudista: ela engloba aspectos culturais, afetivos, linguísticos, cognitivos e sociais, possibilitando a construção de práticas de linguagem que respeitam a diversidade e promovem o protagonismo dos estudantes.

Considera-se que, a literatura de cordel, inserida nesse contexto, fortalece o ensino por meio de narrativas acessíveis e culturalmente representativas, assim como promove uma educação democrática, crítica e significativa para a Educação Básica.

4.3 Literatura de Cordel e a Formação de Leitores

A literatura de cordel tem sido reconhecida como um recurso didático relevante para a formação de leitores, sobretudo por sua capacidade de articular práticas culturais populares com o ensino formal da leitura. Como destaca Pereira (2022), o cordel mobiliza o envolvimento afetivo dos estudantes e possibilita que a leitura seja vivenciada a partir de elementos estéticos, linguísticos e identitários. Essa característica o diferencia de textos convencionais utilizados na escola, pois rompe com o distanciamento entre o universo literário e a vivência cotidiana dos alunos, tornando-se, portanto, um suporte capaz de democratizar o acesso à literatura.

Ao analisar o papel do cordel nos anos iniciais, Pereira (2022) destaca que o gênero favorece a alfabetização e o desenvolvimento da consciência fonológica, elementos fundamentais para a formação do leitor. A presença de rimas, repetições e ritmo contribui para a compreensão oral e escrita, facilitando a memorização e a familiarização com estruturas textuais. Assim, a literatura de cordel não apenas estimula o contato com o texto literário, mas também atua como ferramenta para o desenvolvimento das bases cognitivas da leitura, o que reforça sua relevância nas etapas iniciais da escolarização.

Estudos como os de Machado et al. (2022) evidenciam que o cordel é capaz de promover um letramento literário significativo, pois dialoga com a realidade social dos estudantes ao mesmo tempo em que desenvolve habilidades interpretativas e críticas. A linguagem acessível, aliada à criatividade narrativa, permite que os alunos se apropriem do texto com autonomia e prazer. Os autores defendem que a formação de leitores exige metodologias que valorizem a pluralidade textual, e o cordel, como

manifestação cultural viva, insere-se nesse campo com grande potencial de engajamento e transformação.

O letramento é um processo. Algo em constante alteração que não começa nem termina na escola, mas que acompanha os sujeitos por toda a vida e se renova ao fim da leitura de cada obra. Segundo Rildo Cosson (2010, 2014), o letramento literário deve ser compreendido como um processo contínuo e dinâmico de apropriação da literatura enquanto linguagem, no qual o leitor desenvolve não apenas a capacidade de decodificar textos, mas, sobretudo, de interagir com eles de maneira crítica, sensível e significativa. Para o autor, a literatura ocupa um lugar fundamental na formação humana, pois possibilita ao sujeito vivenciar experiências simbólicas, ampliar sua visão de mundo e construir sentidos a partir do diálogo entre texto, leitor e contexto social. Nesse sentido, o letramento literário ultrapassa a perspectiva tradicional de ensino centrada na memorização de conteúdos, autores e escolas literárias, propondo uma prática pedagógica voltada para a formação de leitores autônomos e participativos.

Ainda de acordo com Cosson, o letramento literário se inicia nas primeiras experiências do indivíduo com a linguagem, como as narrativas orais, cantigas e histórias contadas no ambiente familiar, e se desenvolve ao longo de toda a vida, especialmente no contexto escolar, que desempenha um papel essencial na mediação entre o leitor e a obra literária. A escola, portanto, deve promover práticas que favoreçam o contato direto com os textos literários, estimulando a interpretação, a imaginação e a construção de sentidos, em vez de limitar-se à análise estrutural ou ao estudo fragmentado das obras. Dessa forma, o trabalho com a literatura precisa considerar o leitor como sujeito ativo, capaz de atribuir significados próprios às leituras realizadas

Além disso, o autor destaca que o letramento literário está diretamente relacionado às práticas sociais de leitura, uma vez que a literatura circula em diferentes espaços e contextos, sendo apropriada de diversas maneiras pelos leitores. Assim, formar leitores literários implica possibilitar o acesso a diferentes gêneros, autores e manifestações culturais, valorizando a diversidade e promovendo o diálogo entre diferentes perspectivas. Nesse processo, o professor atua como mediador, orientando a leitura e criando condições para que os alunos desenvolvam competências interpretativas e críticas.

Portanto, o letramento literário, conforme proposto por Cosson (2010,

2014), configura-se como um elemento essencial na formação integral do sujeito, pois contribui não apenas para o desenvolvimento das Habilidades de leitura, mas também para a construção da sensibilidade estética, da empatia e do pensamento crítico. Ao inserir o indivíduo nas práticas sociais mediadas pela literatura, esse processo amplia suas possibilidades de compreensão do mundo e de atuação consciente na sociedade, consolidando a literatura como um direito e uma necessidade na educação. A partir disso, conjecturamos que escola não é o ponto inicial e final no que diz respeito ao ensino de literaturas. Assim, é preciso que, como educadores, pensemos em estratégias que favoreçam a prática de leitura fora do espaço escolar. Para tanto, faz-se imprescindível perceber que cada leitor tem o seu próprio universo literário, participando da construção, manutenção e transformação da literatura (Machado et al., 2022)

Note-se, ainda, que a contribuição do cordel não se limita ao estímulo à leitura, pois envolve o reconhecimento e valorização da cultura popular. Conceição e Gomes (2016) afirmam que o folheto de cordel funciona como instrumento de afirmação identitária, especialmente para estudantes de grupos marginalizados que, ao entrar em contato com narrativas que refletem suas próprias experiências, fortalecem suas relações com o texto e ampliam a autoestima cultural. Até porque, a formação do leitor não é apenas cognitiva, mas também social e afetiva, algo que o cordel atende de forma eficiente.

Os pesquisadores relatam que as práticas tradicionais de ensino de literatura ainda limitam a formação de leitores, mas o uso do cordel surge como alternativa potente ao articular oralidade, ritmo e identidade cultural, criando vínculos entre escola, família e comunidade. A leitura em voz alta e a performance do cordel envolvem os estudantes afetivamente, fortalecem a comunicação, reduzem a timidez e ampliam a capacidade de significação, pois a presença da voz transforma o ato de ler em experiência compartilhada e sensorial. Ao suscitar estranhamento, reflexão e diálogo, o cordel contribui para formar leitores críticos, capazes de reconhecer o valor de sua cultura e de construir novas formas de interação com o texto literário (Conceição; Gomes, 2016).

Outro aspecto relevante da literatura de cordel é sua dimensão crítica. Carvalho (2024), ao analisar os versos de Juraci Siqueira, destaca que o cordel frequentemente aborda temáticas como desigualdade, injustiça, religiosidade, política e cotidiano popular, estimulando nos leitores a reflexão sobre a realidade social. A

partir dessa compreensão, torna-se possível trabalhar a leitura como prática de consciência e transformação, aproximando-se da concepção freireana de leitura de mundo. Assim, o cordel contribui não apenas para o prazer estético, mas para o desenvolvimento de um leitor crítico e politicamente ativo.

Maciel et al. (2025) reforçam que o cordel pode e deve ser utilizado como ferramenta para o desenvolvimento do pensamento crítico desde os primeiros anos da escolarização. Para as autoras, o envolvimento dos alunos com narrativas que apresentam conflitos sociais e éticos estimula o posicionamento e a interpretação profunda. Dessa forma, a formação leitora deixa de se limitar à compreensão literal e passa a contemplar o desenvolvimento da consciência, abrindo espaço para práticas pedagógicas emancipatórias e contextualizadas.

A presença do cordel na escola também está relacionada à capacidade do gênero de atuar como mediador pedagógico na construção de leitores proficientes. Moraes (2021) explica que a leitura de cordel favorece a progressão do estudante da etapa de decodificação para níveis mais complexos de interpretação e atribuição de sentido. Isso ocorre porque o texto rimado e ritmado possibilita a compreensão gradual, ao mesmo tempo em que oferece desafios cognitivos que exigem inferência, análise e reconstrução semântica.

O trabalho com o gênero cordel na escola como um meio de acesso à literatura para formação de leitores comprometidos com a sociedade da qual fazem parte, tem sido uma boa estratégia para incentivar a leitura de textos literários. A singeleza deste gênero que faz com que os relatos sobre eventos históricos, artísticos e folclóricos ganhem destaque em versos destituídos de formalidade, e possam alcançar uma linguagem apropriada de interação com os discentes sobre assuntos importantes e diversos (Moraes, 2021, p. 76).

Experiências de mediação com turmas de ensino fundamental demonstram que o cordel pode transformar o ambiente de leitura e torná-lo mais interativo. Santos et al. (2024) investigaram o uso de cordéis nas turmas de 8º ano e constataram que os alunos passaram a participar com maior interesse das práticas de leitura, incluindo declamações, análise de enredos e discussões temáticas. Esses resultados evidenciam que a literatura de cordel ativa processos de mediação e participação coletiva, transformando a leitura escolar em prática viva e compartilhada, e não em atividade isolada.

A pesquisa de Santos et al. (2024) mostra que o cordel, por seu caráter

popular, rítmico e profundamente cultural, é um instrumento potente para a formação de jovens leitores, pois amplia experiências, favorece a participação e promove o letramento literário ao envolver os alunos em práticas de leitura significativas. Por meio de oficinas pedagógicas, o cordel revelou-se capaz de despertar interesse, melhorar assiduidade, fortalecer habilidades de escuta, fala e escrita, além de estimular novas formas de ver e interpretar o mundo.

Esse revela que na mediação da leitura literária com o cordel, o professor atua como provocador e facilitador da autonomia do estudante, oferecendo uma via acessível e transformadora para a formação de leitores proficientes mesmo em contextos escolares com poucos recursos.

Vale sublinhar que, para que o cordel cumpra esse papel formativo, é essencial que os professores estejam preparados para trabalhar com o gênero. Nessa perspectiva, Serikawa e Wanderley (2021) defendem que a formação continuada docente é indispensável para uma inserção qualificada do cordel no currículo. As autoras propõem uma sequência didática estruturada, demonstrando que o ensino do cordel pode articular leitura, análise e produção de maneira sistematizada, contribuindo para o letramento literário e para a formação docente crítica e reflexiva.

Além de favorecer práticas leitoras contextualizadas, o cordel também se destaca como recurso interdisciplinar. Gomes (2020) desenvolveu um estudo sobre o uso de cordéis que tratam da temática ambiental e concluiu que o gênero pode potencializar a leitura literária ao mesmo tempo em que promove educação ambiental crítica. Essa articulação entre literatura e ecologia demonstra que o cordel é capaz de integrar áreas do conhecimento e sensibilizar os estudantes para questões urgentes, tornando a leitura um instrumento de formação científica e cidadã.

A contemporaneidade do cordel também se manifesta em sua circulação digital, ampliando seu alcance e sua permanência entre os jovens. Silva e Silva (2023) analisaram um clube de leitura online baseado em cordéis e observaram que a vivência digital não descaracteriza o texto, mas o expande. A interação virtual permitiu que os leitores discutissem, interpretassem e produzissem cordéis em ambientes digitais, demonstrando que o gênero tem capacidade de adaptabilidade e resistência diante das transformações tecnológicas, mantendo-se como ferramenta relevante de formação leitora.

Mesmo antes da consolidação de pesquisas recentes, Sousa et al. (2008) já destacavam que o cordel poderia ser inserido como metodologia de incentivo à

leitura, especialmente em escolas que enfrentavam dificuldades em estabelecer relações significativas entre estudantes e literatura. Segundo os autores, o uso do cordel favorece a prática da leitura prazerosa, pois rompe com o formalismo rígido e traz para a sala de aula um texto próximo da realidade do aluno. Essa visão antecipou discussões atuais sobre letramento literário e diversificação de gêneros.

No contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), o cordel tem assumido uma função social ainda mais potente. A pesquisa de Dantas (2024) demonstra que o uso do cordel com alunos da modalidade EJA no Seridó Potiguar não apenas estimula a leitura, mas valoriza os saberes locais e a memória cultural dos sujeitos. A autora conclui que o cordel possibilita a ressignificação da relação com a leitura entre estudantes que, historicamente, tiveram uma escolarização precária ou experienciaram o afastamento do universo literário.

Neste sentido,

[...] o cordel dialoga com a vida, resgatando experiências, história e saberes que, quase sempre, encontram-se à margem do tradicional currículo escolar. A inclusão desse gênero nas práticas pedagógicas propicia além das contribuições para a formação leitora do aluno da EJA, uma formação crítica e reflexiva, possibilitando aos alunos o reconhecimento de si mesmos na Literatura, desenvolvendo, assim, uma profunda leitura do mundo, de si e dos fenômenos que o envolve, ocorrendo, dessa forma, uma educação transformadora (Dantas, 2024, p. 27).

A literatura de cordel também pode funcionar como ponte entre a cultura popular e a literatura clássica. Furtado e Silva (2019) mostram que a intertextualidade entre obras do cânone e adaptações em cordel promove aproximação dos leitores com textos tradicionalmente considerados difíceis. Essa estratégia não apenas amplia o repertório literário dos estudantes, mas reduz a percepção de inacessibilidade que cerca os clássicos, contribuindo para uma formação leitora ampla, plural e antielitista.

De perspectiva semelhante, Silva Neto et al. (2018) desenvolveram uma proposta de leitura intertextual entre cordel e a obra “O Auto da Compadecida” com alunos do 9º ano. Os resultados demonstraram avanços na compreensão literária, na produção de sentidos e na capacidade dos estudantes de realizar comparações críticas entre diferentes textos. Essa experiência reforça que a literatura de cordel não deve ser vista como um gênero menor, mas como ferramenta de articulação cultural e de ampliação do repertório literário do leitor em formação.

Diante dos fatos até aqui analisados, torna-se evidente que o cordel se

constitui como um gênero articulador entre letramento, identidade e cultura, e não apenas como um recurso pedagógico eventual. Os estudos até aqui interpretados também confirmam que a leitura do cordel ativa mecanismos de pertencimento cultural, principalmente entre alunos das regiões Norte e Nordeste, que reconhecem nos textos suas próprias formas de falar, pensar e viver (Pereira, 2022; Dantas, 2024). A formação de leitores, com o cordel, prima pela valorização da memória individual e coletiva, elemento que transforma o texto literário num espaço de afirmação simbólica de um povo.

Além do fortalecimento cultural, a literatura de cordel contribui para processos de aprendizagem que integram emoção e racionalidade. Segundo Machado et al. (2022), as narrativas cordelísticas acionam experiências afetivas que facilitam a compreensão textual, favorecendo a internalização da leitura

como prática prazerosa. Isso significa que o cordel atua simultaneamente no campo cognitivo e emocional, aspecto fundamental para o desenvolvimento da relação duradoura com a leitura, especialmente entre alunos que historicamente apresentam dificuldades ou rejeição aos textos literários convencionais.

A dimensão performática do cordel também ocupa um lugar central na formação de leitores. Moraes (2021) enfatiza que o ato de declamar, ouvir e interpretar o texto oralmente expande as possibilidades de leitura, transformando o aluno em sujeito ativo na construção dos sentidos. Essa característica aproxima o cordel de práticas de leitura que envolvem corpo e voz, resgatando elementos da oralidade que historicamente estiveram presentes no processo de transmissão cultural. A leitura deixa de ser um ato silencioso e individual e passa a se configurar como experiência coletiva e interativa.

Outra contribuição destacada pela literatura diz respeito ao potencial do cordel como recurso para práticas interdisciplinares e contextualizadas. Maciel et al. (2025) afirmam que a força social e temática dos cordéis possibilita desenvolvê-lo como ferramenta de problematização crítica em temas como meio ambiente, desigualdade, direitos humanos e cidadania. Essa abordagem encontra suporte no estudo de Gomes (2020), que mostra como o cordel ambiental mobiliza o engajamento dos alunos com causas socioambientais, demonstrando que a literatura pode favorecer também a educação científica e ética.

É importante reconhecer que, a valorização da cultura popular no espaço escolar, constitui-se como um dispositivo político de resistência. Sousa et al. (2008)

defendem que o cordel rompe com a hierarquia entre cultura erudita e cultura popular, abrindo espaço para um currículo mais inclusivo e representativo. Tal perspectiva está alinhada com as bases teóricas dos estudos de letramento crítico, que entendem a leitura como prática cultural e política, e não apenas como técnica de decodificação. Incluir o cordel no currículo escolar é também incluir saberes historicamente marginalizados.

A inserção do cordel no currículo, no entanto, exige projetos pedagógicos contínuos e não ações pontuais. Serikawa e Wanderley (2021) ressaltam que somente a presença de textos de cordel não garante a formação literária; é necessário planejamento, mediação docente e intencionalidade didática. A sequência didática proposta pelas autoras demonstra que o trabalho pedagógico com o cordel pode atingir altos níveis de complexidade interpretativa, desde que estruturado em etapas de contato, análise e produção, ampliando a capacidade leitora dos estudantes.

Outro eixo importante da formação do leitor literário é a autoria. Furtado e Silva (2019) destacam que a produção de cordéis pelos próprios estudantes transforma o leitor em escritor, permitindo-lhe manipular a linguagem poética, construir enredos e desenvolver consciência sobre o funcionamento do texto. Ao escrever cordel, o aluno passa a experimentar o texto literário a partir da criação, o que fortalece a compreensão estrutural e estética do gênero e amplia as possibilidades de leitura crítica.

Verificamos uma sensação semelhante com estudantes do Ensino Fundamental que pesquisamos. O encantamento com as outras formas de conhecer as histórias contadas pelo povo nordestino foi algo novo. Com efeito, essa foi uma ação impactante realizada a partir de nosso trabalho com o cordel na sala de aula em seis turmas distintas do ensino fundamental II, com alunos do 6º ao 9º ano. Na oportunidade foi apresentado para cada turma a história do cordel, as técnicas do cordel e, no final, os estudantes foram desafiados na arte de fazer versos.

Com o avanço da cultura digital, o cordel também tem se reinventado, ampliando seu alcance para ambientes virtuais e redes sociais. Silva e Silva (2023) demonstram que o cordel em formato digital mantém sua essência estética e narrativa, mas passa a circular de modo mais dinâmico entre os leitores, facilitando o compartilhamento, a interação e a criação colaborativa. Essa evolução do cordel não apenas preserva essa literatura popular, como também o expande para além do Nordeste, comprovando sua versatilidade e relevância para novas gerações de

leitores.

Acerca do papel do cordel na alfabetização estética, que consiste em formar leitores capazes de reconhecer a literatura como experiência sensível e artística, Carvalho (2024) enfatiza que o cordel desperta o gosto pela leitura não apenas pelo conteúdo, mas pela musicalidade, humor e linguagem figurada. Esse componente estético é um elemento importante para a formação de leitores literários, pois rompe com visões utilitárias da leitura e resgata o prazer como elemento legítimo do processo educativo.

O cordel também desempenha papel relevante para o desenvolvimento da leitura crítica, pois aborda temas econômicos e sociais de forma acessível e direta, assuntos que são sensíveis e passíveis de censuras. Maciel et al. (2025) observam que, ao trabalhar com cordéis que discutem questões contemporâneas como desigualdade, violência ou política, os estudantes são estimulados a construir suas próprias interpretações e posicionamentos a respeito das temáticas. O que faz com que a literatura popular, por intermédio do cordel, se converta em espaço de debate público e formação cidadã.

Outro aspecto recorrente que revelam as pesquisas acerca do cordel é sua importância no processo de letramento literário em contextos periféricos e vulneráveis. Dantas (2024) e Pereira (2022) reforçam que muitos estudantes só estabelecem vínculo com a leitura após o contato com os cordéis, pois são textos que dialogam com suas experiências reais. O que demonstra que a formação do leitor exige representatividade e identificação cultural, sem as quais o texto literário permanece distante, mecânico e desmotivador.

Mesmo em turmas com dificuldades acentuadas, como estudantes da EJA, o cordel tem demonstrado potencial transformador. Dantas (2024) evidenciou que o trabalho com cordéis regionais possibilitou a reconstrução da autoestima leitora e da identidade cultural de adultos que retornaram à escola após anos de afastamento. A autora conclui que o cordel funciona como mediador de reconciliação com o ato de ler, demonstrando que o desenvolvimento do leitor é um processo contínuo e possível em qualquer etapa da vida.

Machado et al. (2022) argumentam que o contato com obras de autores populares e contemporâneos possibilita que os alunos reconheçam a diversidade das produções literárias brasileiras. Essa diversidade seduz criança, jovens e adultos com um repertório que se torna relevante para a formação de leitores críticos e capazes de

compreender a realidade em que vivem.

As experiências compartilhadas pelos autores que investigam o cordel e seu uso na escola constataam que esse gênero literário favorece práticas coletivas e colaborativas de leitura. Em sala de aula, as leituras em voz alta, rodas de conversa, dramatizações e produções coletivas promovem a socialização do texto e reforçam a leitura como prática comunitária (Santos et al., 2024). O que reflete o caráter comunitário cordel fixado desde sua origem enraizada na tradição oral.

Por fim, todos os autores e autoras analisados convergem para a compreensão de que o cordel é um instrumento potente de democratização do acesso à literatura e formação de leitores literários no Brasil. Ao articular cultura, oralidade, crítica social, estética e identidade, ele se configura como ferramenta que possibilita a entrada de novos leitores no universo da leitura e da literatura (Conceição; Gomes, 2016; Pereira, 2022; Maciel et al., 2025). A permanência do cordel no currículo escolar, portanto, não deve ser vista como exceção ou curiosidade, mas como política de educação literária comprometida com a diversidade cultural e com o direito à leitura como prática humana e libertadora.

5. A TIPOLOGIA DAS NARRATIVAS DE CORDEL: verso, rima, métrica e oração

5.1 Verso

A organização sintática da poesia de cordel caracteriza-se pela predominância de oração simples e diretas, refletindo a oralidade e a intenção comunicativa do gênero. Essa simplicidade estrutural visa facilitar a compreensão imediata do texto, sobretudo situações de leitura ou declaração pública. No entanto, tal característica não implica empobrecimento linguístico, mas sim uma escolha estética consciente.

De acordo com Abreu (1999), a construção oracional no cordel busca equilibrar clareza e expressividade, permitindo abordagem de temas variados, como acontecimentos históricos, críticas sociais, narrativas religiosas e episódios humorísticos. Conforme a autora, “a linguagem do cordel privilegia a comunicação direta com o público, sem abdicar do caráter poético” (Abreu, 1999, p. 61). Além de sua função estética, a rima tem presença constante e contribui para a coesão textual, estabelecendo relação de sentido entre os versos e reforçando a progressão narrativa. A rima no cordel ultrapassa o mero ornamento linguístico, assumindo o papel estruturante na construção do poema.

Os versos, onde se dão as rimas alternam-se em combinações próprias de cada espécie de estrofe o que permite a sonoridade da obra. A rimação para o poeta popular, o esplendor e a graça do poema, é o encantamento em que o som harmonioso nas palavras ressoa como o cântico das musas. Essa cadência sonora da poesia sucessora do cancionero e Ibérico, possibilita ao poeta uma relação comunicativa com o leitor/ouvinte; uma apreciação do belo, com o imaginário, com o lendário dos elementos da natureza. É esse sentido que representa o poeta Patativa do Assaré, no seu poema “Canta lá que eu canto cá”, publicado em 1992, no livro que tem o mesmo nome.

Cante Lá Que Eu Canto Cá
Patativa do Assaré

Poeta, cantor de rua Que
na cidade nasceu
Cante a cidade que é sua
Que eu canto o sertão que
é meu

Se aí você teve estudo
Aqui, Deus me ensinou tudo
Sem de livro precisá
Por favô, não mêxa aqui
Que eu também não mexo
aí Cante lá, que eu canto
cá

Repare que a minha vida É
deferente da sua
A sua rima polida Nasceu no
salão da rua Já eu sou bem
deferente
Meu verso é como a
semente Que nasce enriba
do chão Não tenho estudo
nem arte
A minha rima faz parte Das
obra da criação

Você teve educação
Aprendeu muita ciência
Mas das coisa do sertão
Não tem boa esperiencia
Nunca fez uma paçoca
Nunca trabalhou na roça
Não pode conhecê bem
Pois nesta penosa vida
Só quem provou da
comida Sabe o
gosto que ela tem

Pra gente
cantá o sertão
Precisa nele
morar
Tê almoço de
feijão E a janta
de mucunzá
Vivê pobre, sem
dinheiro Socado
dentro do mato De
alpargata serelepe
Pisando enriba do
estripe Brocando a
unha-de-gato

Você é muito
ditoso Sabe lê,

sabe escrever
Pois vá cantando o seu gozo Que eu canto
meu aparece Em quanto a felicidade
Você canta na cidade Cá no sertão eu
enfrento A fome, a dor e a miséria
Pra sê poeta deveria Precisa tê
sofrimento

Sua rima, inda que seja Bordada de prata e
de ouro Para a gente sertaneja
É perdido este tesouro Com o seu verso
bem feito Não canta o sertão direito Porque
você não conhece Nossa vida apertada
E a dor só é bem cantada Cantada por
quem padece

Só canta o sertão direito Com tudo quanto
ele tem Quem sempre correu estreito Sem
proteção de ninguém Coberto de precisão
Suportando a privação
Com paciência de Jó Puxando o cabo da
enxada Na quebrada e na chapada
Molhadinho de suor

Amigo, não tenha quêixa Veja que eu tenho
razão Em lhe dizer que não mexa Nas coisa
do meu sertão Pois, se não sabe o colega
De quá maneira se pega Num ferro pra
trabalha
Por favôr, não mêxa aqui Que eu também
não mêxo aí Cante lá que eu canto cá

Mas porém, eu não invejo O grande
tesôro seu Os livro do seu colejo Onde
você aprendeu
Pra gente aqui sê poeta E fazê rima
compreta Não precisa professô Basta vê
no mês de maio Um poema em cada gaio E
um verso em cada fulô

Seu verso é uma mistura É um tá sarapaté
Que quem tem pouca leitura Lê, mais não
sabe o que é Tem tanta coisa encantada
Tanta deusa, tanta fada Tanto mistério e
condão
E outros negócio impossível Eu canto as
coisa visível Do meu querido sertão

Canto as fulô e os abróio Com todas coisa
daqui Pra toda parte que eu olho Vejo um
verso se bule
Se as vez andando no vale Atrás de cure
meus males Quero repare pra serra Assim
que eu ólho pra cima Vejo um divulgue de
rima Caindo em cima da terra

Mas tudo é rima rasteira De fruta de jatobá
De fôlha de gameleira E fulo de trapiá
De canto de passarinho E da poeira do

caminho Quando
a ventania vem
Pois você já tá
ciente Nossa vida
é deferente E
nosso verso
também

Repare que
diferença Existe
na vida nossa
Em quanto eu tô na sentença

Trabalhando em
minha roça Você lá
no seu descanso
Fuma o seu cigarro
manso Bem
perfumado e sadio
Já eu, aqui tive
a sorte De
fuma cigarro
forte Feito de
paia de mio

Você, vaidoso
e faceiro Toda
vez que qué
fuma Tira do
bolso um
isqueiro Do
mais bonito
meta

Eu que não posso
com isso Puxo por
meu artifício
Arranjado por aqui
Feito de chifre de
gado Cheio de
algodão queimado
Boa pedra e bom
fuzil

Sua vida é divertida
E a minha é
grande pena
Só numa parte
de vida Nós
dois samo bem
igual É no
direito sagrado
Por Jesus
abençoado Pra
consolar nosso
pranto

Conheço e não me confundo Da
coisa melhor do mundo Nós
gozamos do mesmo tanto

Eu não posso lhe inveja Nem
você inveja eu
O que Deus lhe deu por lá Aqui
Deus também me deu Pois
minha boa muié
Me estima com muita fé Me
abraça, beja e que bem E
ninguém pode nega
Que das coisa natural Tem
ela o que a sua tem

Aqui findo esta verdade Toda
cheia de razão Fique na sua
cidade

Que eu fico no meu sertão Já
lhe mostrei um respeito Já lhe
dei grande conselho Que você
deve toma
Por favor, não mexa aqui Que eu
também não mexo aí Cante lá
que eu canto cá

Fonte:

<https://www.lettras.mus.br/patativa-do-assare/1072883/>

5.2 Rima

É o elemento que mais fascina leitor/ouvinte e instiga os poetas por meio de sua complexidade, sejam poetas de bancada ou de improviso. Há uma vasta variedade de rimas e, conforme Azevedo (1997), de acordo com a sua natureza, existem rimas toantes e soantes. Cada uma com suas várias derivações. Nas rimas soantes, que são também conhecidas como assoantes ou vocálicas, a semelhança sonora acontece apenas nos vogais átonas e tônica.

É na rima em que há a equivalência de som vocálicos e consonantais a partir da última tônica (Azevedo, 1997). Exemplo de rima soante ou consoante, podem ser mencionados os vínculos juventude / plenitude; cidade / maternidade; matemática / gramática; perfeição / união; correr / vender; etc. Essas rimas podem ser um cordel conhecidas como rima rica, pobre ou esdrúxula.

“A rima rica é um costume que vem de Castilho, que na obra tradição de verificação portuguesa (1908) é considerada rica a combinação de vocábulos de classe gramaticais diferentes” (Apud Azevedo, 1997, p. 124). Como exemplo desse tipo de rima, veremos alguns citados em cordel: altar (substantivo) + cantar (verbo); dela (pronome) + bela (adjetivo); agora (advérbio) + chora (verbo).

A rima pobre, de maneira oposta da rica, rima palavras da mesma categoria gramatical, como por exemplo Rafaela (substantivo) + João (substantivo); cantar (verbo) + gritar (verbo); jeitoso (adjetivo) + mimoso (adjetivo), contudo essa diferenciação entre rima rica e rima pobre, esta e aquela são rimas perfeitas, são soantes e não empobrecem a poética, como declaram Holanda e Rinaré (2009, p. 36):

rima pobre não deve ser confundida com rima malfeita ou aparente. “Pobre” é apenas uma forma de classificação literária para o tipo de rima que ocorre entre palavras da mesma classe gramatical. No entanto podemos usá-la sem prejuízo para a qualidade do cordel, pois “pobre” e “rica” são rimas perfeitas, porque se enquadram na classificação de rima soante.

A rima esdrúxula ocorre na similaridade fonêmica, precisamente afinal dos versos entre as palavras proparoxítonas, como exemplo podemos citar as palavras emblemática / matemática; fonética / cibernética; fatídico / jurídico; entre outros. No que diz respeito as rimas soantes, Holand e Rinaré (2009) destacam as palavras que cuja grafia são diferentes, porém tem o mesmo som no final, já que são rimas perfeitas e, portanto soantes. Nesse sentido, prece / desce; mesa / certeza; essa / peça; sumiço

/ compromisso (Holand Rinaré, 2009), são alguns exemplos com grafemas diferentes e fonemas em igualdade. De acordo com os autores mencionados acima, o que desvaloriza o cordel são as rimas “aparentes”, ou seja, aquelas que parecem que rimam, mas não rimam. Esse tipo de rima é muito comum na poesia matuta, gênero poético de expressão regional, o qual teve como expoentes poetas como Patativa do Assaré e Zé da Luz.

Para fazer divisão silábica de um verso, contam seus sons até a última vogal tônica. Como de uma única vez e não é como as sílabas gramaticais, que ocorre a fusão de uma vogal átona do final de uma palavra com a próxima vogal solta ou de um começo de uma palavra, gerando uma só na sua pronúncia. Esse formato é chamado de elisão.

5.3 Métrica

A métrica representa um dos aspectos mais rigorosos da poesia de cordel, contrariando a visão de que a literatura popular seria desprovida de técnica. A redondilha maior, composta por sete sílabas poéticas, e a métrica mais recorrente, embora outras variações, com decassílabo, sejam utilizados em formas mais elaboradas. A regularidade métrica garante o ritmo constante do poema, elementos essenciais para musicalidade e oralização do texto.

Abreu (1999) ressalta que a métrica no cordel é resultado de um aprendizado coletivo, transmitido entre geração de poetas populares. Segundo a autora, “a observância rigorosa da métrica demonstra que o cordel se fundamenta em regras estáveis, aprendidas e respeitadas pelos cordelistas” (Abreu, 1999, p. 49). Esse rigor técnico reforça além de legitimidade do cordel como forma poética estruturada e consciente de seus procedimentos formais.

A medida e o tamanho do verso são os elementos que dão cadência melódica o poema, os quais o torna prazeroso ao ouvido e permite que o mesmo seja cantado. Para fazer a metrificação, faz-se a divisão silábica e no cordel essa medida exata é de 7 sílabas, o qual é chamada de redondilha maior. Esse “[...] verso de sete sílabas, é essencialmente do romanceiro hispânico e do repertório português [...] Não há uma só tendência estética que não haja praticado largamente, (Azevedo, 1997, p. 56). Conforme a professora Gerusa Pires (Ferreira, 2013) pesquisadora da oralidade em literatura de cordel essa medida de sete sílabas poética, é o ritmo natural da fala,

na língua portuguesa.

5.4 Oração

É a consistência do narrador com a história. Essa é a característica fundamental e diferenciadora do cordel para cantoria e outras categorias poéticas populares tais como o aboio e a embolada de côco. Enquanto essas são verdadeiras superficiais, sem um foco narrativo determinado, o cordel é uma poesia contista com foco, personagens, diálogos e descrição de cenário. Quando os poetas começam um romance, ou até mesmo folheto de circunstância, geralmente fazem descrições poéticas referentes à data do fato ocorrido, do espaço geográfico, das personagens principais e também dos próprios acontecimentos narrados, somente para depois adentrar no foco narrativo. Isso é visto no romance de cordel dos escritores: José Carlos de Melo Resende, Armando e Rosa, conhecido como Côco Verde e Melancia

Coco-Verde e Melancia é
uma história que alguém
quer sabê-la mas não sabe
o começo de onde vem nem
sabe os anos que faz pois
passam trinta de cem

Coco-Verde era filho de
Constantino Amaral
morador no Rio Grande
mas fora da capital pois
sua casa distava meia
légua de Natal
Porém seu nome era
Armando como o povo o
conhecia
mas a namorada dele
essa tal de Melancia a ele
por Coco-Verde
chamava e ninguém sabia

Então dessa Melancia
Rosa era o nome dela porém
Armando em criança se
apaixonando por ela para
poder namora-la
pôs esse apelido nela

Portanto, seu nome é Rosa
seu pai Tiago Agostinho de
origem portuguesa
do pai de Armando vizinho
seus sítios eram

defronte divididos num caminho

Quando Rosa fez seis anos e Armando a
mesma idade os pais de ambos trouxeram
um professor da cidade para instruir as
crianças daquela localidade

Fizeram logo uma casa sobre um alto,
nela então Rosa e Armando começaram a
receber instrução
junto com outros meninos uns vizinhos
outros não

Nessa escola começou Armando a
namorar Rosa pois ela além de ser rica
era bastante formosa inteligente e cortez
muito séria e carinhosa

Rosa tinha por Armando uma grande
simpatia
de forma que quando o mestre dava nele ela
sentia
o mesmo fazia Armando quando ela
padecia

Percebe-se, portanto, que o poeta segue uma lógica, relatando uma linha narrativa, para que esse leitor/ouvinte perceba o contexto da história, quem são os personagens, como se relacionam e também as relações estabelecidas entre si. A oração equivale em o narrador fazer-se entender pelo leitor, relatar os fatos com sequência lógica.

6 LITERATURA DE CORDEL NA ESCOLA

A oralidade, enquanto a atividade educativa, é indicada pelos documentos legais tais como os parâmetros curriculares nacionais (Brasil, 1997) e as diretrizes curriculares nacionais (Brasil, 2013). Apesar disso, os professores acabam restringindo essa prática educativa a rodas de conversa em sala de aula. Pesquisadores de áreas multidisciplinares, como críticos literários, linguística, pedagogos e educadores em geral, pesquisadores “frequentemente afirmam [...] ela não é ensinada, a não ser de forma informal durante uma atividade padronizada e limitada” (Dolz, 2004, p.125).

A literatura de cordel, em seu início, como verificado nas análises feitas, ao longo desse trabalho, foi uma literatura caracterizada pela oralidade que, com o surgimento da imprensa, por volta do século XV passou a ser a impressa. Entretanto, gêneros textuais, como cordel, não sofreram perdas na oralidade, embora essa possa ser classificada com uma oralidade mista.

A respeito da relação da obra popular com a transmissão oral, cabe, no entanto, destacar a existência de graus distintos de oralidade nesse tipo de expressão literária. É o que explica o medievalista Paul Zumthor (1993), apontando três formas de oralidade a partir de como esta se relaciona com a escrita: a primária (aquele que é própria de sociedades ágrafas, nas quais não há contato algum com a palavra escrita); a mista (aquela na qual a escrita influencia a oralidade de modo externo, parcial ou retardado, ou em que a oralidade é (re)composta através da escrita); e a mediatizada (em que a oralidade é conhecida e/ou difundida a partir dos meios eletrônicos de comunicação). [...] Retomando a classificação de Zumthor, [...] cabe ressaltar que a oralidade presente em nossa literatura popular se caracteriza predominantemente como mista, tendo em vista que esta é já influenciada pela escrita. Exemplo é a poesia matuta de Patativa do Assaré, na qual a variante culta da língua, referência da escrita, é constantemente infringida com o fim de dar registro à fala do povo. Também o léxico dos folhetos de cordel e de outras expressões da folkcomunicação, ora regionalista ou rural, ora obtido junto à população das favelas e guetos, também confirma a marca da oralidade nas obras do povo (Lima, s.d., p. 4-5 - Grifo do autor).

Considerando esse aspecto enfatizado pelo autor, pode-se afirmar que essa característica de fala permanece perceptível mesmo no século XXI, tempos marcados pelos profundos impactos da era digital a qual possibilita que as pessoas continuem conectadas na rede mundial. Em consequência dessa revolução tecnológica ocorre mudança acentuada no suporte dos romances do cordel fazendo com que o tradicional folheto do cordel divida espaço com os livros ilustrados, editados

e distribuídos através das grandes editoras.

Segundo Dolz, (2004), o ser humano tem uma atividade vital, que é comer. Essa prática do ser humano por ser necessária para que a espécie sobreviva, faz com que ele produza comida. Do mesmo modo, por ser uma atividade humana o ato de ler, isso faz com que o homem produza e redija textos. Porém, como o autor destaca, nas tarefas escolares é desaconselhado qualquer texto. Para ter eficácia é fundamental que os textos trabalhados em sala de aula comuniquem uma mensagem organizada, onde as mesmas devem se adequar as reais necessidades dos alunos.

Nesse sentido, o autor considera que

um texto adequado no plano da comunicação difere de um conjunto de frases desconectadas e é percebido como um todo, independentemente dos elementos que o compõe. Nessa perspectiva, impõe-se necessariamente a escolha de textos como objetos de trabalho para o ensino do oral. Eles permitem trabalhar fenômenos de textualidade oral em relação estreita com as situações de comunicação, estudar diferentes níveis da atividade de linguagem e tornar o ensino mais significativo (Dolz, 2004, p. 141).

Além disso, Dolz (2004) sustenta que, para o texto ser lido e compartilhado com o coletivo, o texto precisa ser destacado quanto a sua musicalidade e também entonação, possibilitando que o ensino se torne mais significativo para que o aluno tenha seu interesse disputado pelo aprofundamento dos temas abordados. Assim, buscando aproximar os propósitos didáticos com os objetivos dos alunos, Lenner (2002, p. 79) afirma que:

a leitura é antes de mais nada um objeto de ensino. Para que também se transforme em um objeto de aprendizagem, é necessário que tenha sentido do ponto de vista do aluno, o que significa – entre outras coisas – que deve cumprir uma função para a realização de um propósito que ele conheça e valorize.

A respeito do que a autora enfatiza, vale ressaltar que a amplitude temática do cordel brasileiro abrange do romance aos contos tradicionais ou populares, englobando histórias infantis, como também causos de gracejo, fábulas, biografias e personalidades históricas, adaptações de clássicos da literatura das notícias jornalísticas, filmes, concertos teóricos e mais temas ligados as histórias, as geografias e ciências etc.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) documento de caráter normativo que define o conjunto de aprendizagens que o aluno deve desenvolver durante a educação básica, faz direcionamentos específicos para a língua portuguesa, bem como as orientações didáticas quanto ao uso da literatura no contexto escolar.

Desse modo, faz-se necessário que o professor de Língua Portuguesa crie situações que possam desenvolver a aprendizagem, a ponto de estimular a construção de habilidades cognitivas, psicomotoras, socioafetivas, intelectuais, que ajudem na formação do aluno e esteja sempre dando continuidade ao estímulo de novas conquistas (Mazzola, 2010).

Assim, para que o aluno ingresse em um mundo de conhecimento, com a lapidação de sua personalidade, ele precisa de atividades cotidianas de ensino, dentre as quais devem constar a da leitura e da escrita que podem assumir um papel lúdico e educativo, onde pode ser citada o uso de música alimentando a concepção da aprendizagem (Brito Pinto, 2021).

Nessa tarefa a escola tem obrigações que vão desde ensinar quanto a função de ampliar o desenvolvimento social do aluno, envolvendo no seu processo de aprendizagem conceitos culturais, históricos e afetivos. Nessa perspectiva, Assis (2011) defende que a educação tem a função de fomentar no aluno a consciência sobre seu papel de cidadão e sua função na sociedade, tal como identificar suas contribuições para a vida dessa sociedade.

Inegavelmente, a independência do indivíduo e de uma sociedade está relacionada com a consciência que o cidadão tem si e do meio em que vive. Nessa construção, a educação assume um papel relevante, pois a humanização das relações que inicia na escola e é crucial na vida adulta do ser humano, precisa ser construída com fortes laços democráticos para que perdura por toda a vida. Nessa tarefa desafiadora, a leitura literária tem um papel importante, pois precisa aproximar os alunos dos conceitos culturais, sociais, históricos e afetivos.

7 O CORDEL NA ESCOLA MUNICIPAL SÃO FRANCISCO DE ASSIS

7.1 Caracterização da Escola Municipal São Francisco de Assis

O lócus desta pesquisa é a escola São Francisco de Assis como já mencionamos no decorrer desse texto. Essa unidade educacional integra a rede pública municipal de educação de Bacabeira, que é gerida pela Secretaria de Ensino Municipal de Educação (SEMED). A escola permitiu a realização da pesquisa como se observa na carta de autorização no Anexo B.

O município de Bacabeira é relativamente novo, comparado aos que estão próximos. Ele foi criado pela lei nº 6187 de 10 de novembro de 1994, desmembrando do município de Rosário. A escola foco desta pesquisa é reconhecida pela legislação vigente e funciona em prédio próprio. A referida unidade educacional está localizada à Rua Cristo Rei, S/N, CEP 65143-000, Peri de Baixo, em Bacabeira, Maranhão, oferecendo as modalidades de ensino da Educação infantil ao 5º ano (Figura 6).

Figura 6: Fachada externa da escola São Francisco de Assis

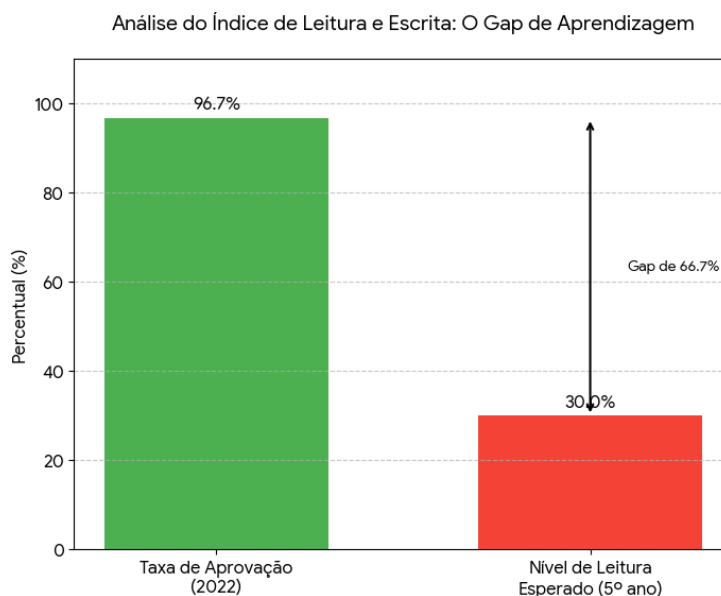


Fonte: Autoria própria (2024)

O motivo da escolha dessa escola deveu-se ao fato da instituição ser localizada em um povoado na área rural do referido município o qual foi observado

muitas dificuldades apresentadas por alunos do 5º ano dos anos iniciais com a língua portuguesa, no eixo temático leitura e escrita, conforme o gráfico abaixo.

Gráfico 1: Análise da leitura e escrita em Bacabeira



Fonte: <https://qedu.org.br/municipio/2101251-bacabeira/ideb/escolas>

O gráfico apresentado revela um dado que merece reflexão: embora a escola tenha alcançado um índice expressivo de 96,7% de aprovação, o percentual de proficiência em leitura e escrita no 5º ano é de apenas 30%. Essa discrepância evidencia que a taxa de aprovação, isoladamente, não é suficiente para medir a qualidade da aprendizagem dos estudantes.

A alta aprovação pode estar relacionada a diferentes fatores, como políticas de progressão continuada, critérios avaliativos mais flexíveis ou estratégias internas voltadas para evitar a reprovação. No entanto, o baixo índice de leitura e escrita indica que uma parcela significativa dos alunos conclui o ciclo sem o pleno domínio das habilidades essenciais de alfabetização e letramento, competências fundamentais para o sucesso nas etapas seguintes da escolaridade.

Esse cenário aponta para a necessidade de reavaliar práticas pedagógicas, instrumentos de avaliação e estratégias de acompanhamento da aprendizagem, especialmente no 5º ano, que representa o fechamento de uma etapa importante do Ensino Fundamental. Os dados do gráfico, portanto, não apenas apresentam

números, mas sinalizam um desafio: alinhar os índices de aprovação ao efetivo desenvolvimento das competências de leitura e escrita, garantindo que a progressão escolar esteja acompanhada de aprendizagem real e significativa

A escola funciona nos dois turnos matutino e vespertino com turmas do 1º ao 5º ano, totalizando 264 alunos matriculados conforme dados fornecidos pela direção da escola. Em relação aos professores, a escola possui 14 funcionários nos dois turnos e um corpo técnico de 10 funcionários, como se observa no quadro a seguir:

Quadro 1: Demonstrativo de professores, funcionários e alunos

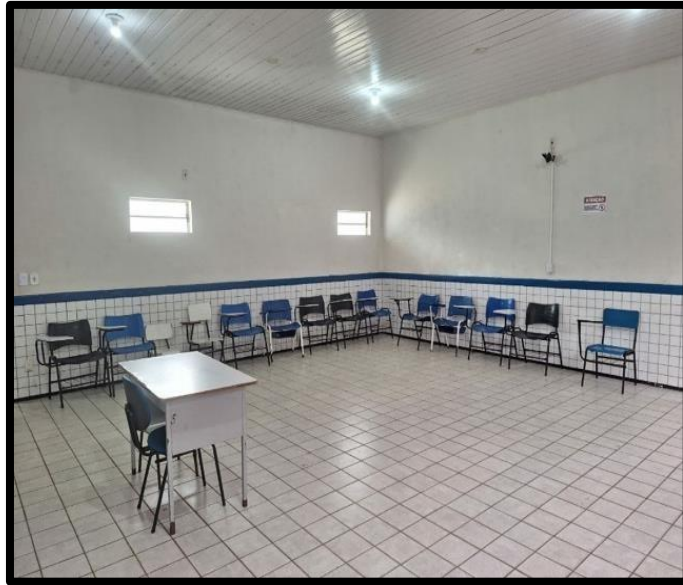
TURNO	PROFESSORES	FUNCIONÁRIOS	ALUNOS
Matutino	4	4	125
Vespertino	10	6	139
Total	14	10	264

Fonte: informações obtidas por meio de documentos da escola.

O primeiro contato com a escola aconteceu no mês de maio de 2024. Em relação à investigação a ser realizada, a primeira ação foi a entrega da carta de apresentação expedida pelo PPGEEB (Programa de Pós-graduação Gestão de Ensino da Educação Básica), solicitando autorização para a realização da pesquisa, conforme o anexo A. A gestora já havia sido comunicada sobre o projeto, não colocando nenhuma objeção. Na verdade, considerou, na época, que o projeto poderia trazer benefícios para a escola. Após a autorização da realização da pesquisa (anexo B), partimos para o reconhecimento da escola com relação à sua estrutura.

A estrutura física da escola dispõe de: 07 salas de aula (figura 7) onde funcionam os anos iniciais e os finais do ensino fundamental nos turnos matutino e vespertino; 01 secretaria; 01 sala de professor; 01 diretoria; 01 coordenação pedagógica; 01 sala de multiuso; 01 cozinha; 01 pátio coberto. Além disso, a estrutura administrativa conta com 01 secretário escolar; 02 administrativos; 02 monitores; 06 operacionais; 02 vigias; 01 porteiro; no aspecto pedagógico é formado com 01 supervisor pedagógico; 14 professores e 04 cuidadoras.

Figura 7: Sala de aula da escola São Francisco de Assis



Fonte: Pesquisa empírica (2025)

Figura 8: Pátio externo da escola São Francisco de Assis



fonte: Pesquisa empírica (2025)

Figura 9: Pátio interno da escola São Francisco de Assis



Fonte: Pesquisa empírica (2025)

Após o reconhecimento da estrutura da escola, foi realizada a apresentação do projeto de pesquisa para o corpo docente da instituição. Como já mencionado na escola havia 10 professoras no turno vespertino da escola, considerando os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental. Todas as cinco professoras do 1º ao 5º ano, que lecionam no turno vespertino, responderam ao questionário (apêndice A) para coleta de dados sobre a temática da pesquisa. Elas também responderam o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (Apêndice B), aceitando participar da pesquisa. No intuito de preservar a identidade das professoras foram usados nomes fictícios como Rosa, Violeta, Margarida, Orquídea e Jasmim

Quadro 2– Perfil dos participantes

NOME	FORMAÇÃO	TEMPO DE DOCÊNCIA	ATUAÇÃO NA ESCOLA	TURMA
Rosa	Pedagogia	10 anos	7 anos	1º ano
Violeta	Pedagogia	7 anos	2 anos	2º ano
Margarida	Pedagogia	3 anos	3 anos	3º ano
Orquídia	Pedagogia	7 anos	1 ano	4º ano
Jasmim	Pedagogia	6 anos	8 meses	5º ano

Fonte: Pesquisa empírica (2025)

Observamos que das cinco professoras participantes, uma tem uma longa experiência na área educacional, a qual está há 10 anos em sala de aula, pois a média

de tempo delas na área pedagógica vem seguindo uma ordem decrescente no que diz respeito ao fazer pedagógico, variando de 10 a 3 anos de docência. Porém todas têm a formação em Pedagogia, conforme a Lei 9.394/96 Lei de Diretrizes e Bases Educação Nacional (LDB) que determina que todos os docentes da Educação Básica tenham a formação a nível superior (Licenciatura).

Apesar de todas as professoras terem sido convidadas a participar da pesquisa, fez-se necessário delimitar o campo de investigação, optando-se pela turma do 5º ano do Ensino Fundamental. Essa decisão ocorreu principalmente em virtude do tempo disponível para a realização do estudo, o qual não permitiria o acompanhamento sistemático e a aplicação de atividades em todas as cinco salas de aula da escola.

A escolha do 5º ano também se justifica por ser uma etapa de consolidação das aprendizagens, na qual os estudantes já apresentam maior autonomia, domínio da leitura e da escrita, além de maturidade para refletir, opinar e participar ativamente das propostas desenvolvidas durante a pesquisa. Tal característica favorece a coleta de dados mais consistentes e a realização de intervenções pedagógicas mais aprofundadas.

Dessa forma, a delimitação da pesquisa para essa turma não exclui a relevância das demais, mas representa uma estratégia metodológica necessária para garantir maior qualidade, organização e viabilidade ao estudo, assegurando acompanhamento adequado e resultados mais significativos.

7.2 Metodologia da Pesquisa

Ao teorizar a pesquisa como instrumento de investigação científica, após caracterizar o problema, evidenciam-se os instrumentos a serem desenvolvidos para o alcance dos objetivos elaborados e pretendidos pelo pesquisador. A necessidade de um método se deve ao fato de que a pesquisa é conceituada como sendo “um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo propor respostas ao problema em estudo” (Gil, 2000, p. 17).

A pesquisa na área da educação está relacionada a necessidade de definição de um problema apresentado. Assim, o objeto de pesquisa e o método

a ser utilizado para que os dados sejam coletados e analisados e seus resultados divulgados dependem da metodologia utilizada para atingir os objetivos pretendidos. Neste item de nosso trabalho estará evidente as trajetórias metodológicas percorridas pela pesquisa para melhor compreensão do que foi realizado até esta etapa.

Começamos pelos caminhos na busca de dados a serem utilizados pelo investigador, que vai desde a pesquisa bibliográfica que fundamenta teoricamente o trabalho e a pesquisa empírica que descreve os procedimentos de ação para o desenvolvimento da investigação. Essa pesquisa intenta, também, ser uma proposta de intervenção sobre o objeto investigado. Buscou-se embasamento teórico em outras análises que abordam questões sobre a leitura utilizando a literatura de cordel.

Vale mencionar que em uma pesquisa acadêmica, os métodos utilizados são científicos e sobre esses métodos Gil (1995, p. 25) assegura que eles, “[...] procuram garantir ao pesquisador a objetividade necessária ao tratamento dos fatos sociais, oferecendo soluções para os problemas epistemológicos da investigação científica”.

Tendo em vista, o objetivo da pesquisa de compreender como o gênero literário, literatura de cordel, pode contribuir para a formação leitora de estudantes do quinto ano do ensino fundamental da Escola Municipal São Francisco, em Peri de Baixo, na perspectiva de se desenvolver, concomitante, um caderno de orientações para a prática da literatura de cordel. Utilizamos como aporte teórico alguns autores de referência que tratam da temática investigada, como: Bakhtin (2017), Cagliari (1993), Cosson (2010), Divides (2009), Ducoc e Gattolim, (2015), Gomes (2018), Lajolo (2008), Oliveira (2010), Solé (1958) entre outros pesquisadores que tratam do tema da leitura literária.

Note-se que, dado o objeto de análise, fomos direcionados a realização da pesquisa de natureza aplicada, a partir de uma abordagem qualitativa, baseada em uma pesquisa de intervenção pedagógica do tipo colaborativa. De acordo com Gil (2008) a pesquisa de natureza aplicada tem o caráter pragmático. É um processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. “O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos” (Gil, 2008, p. 96). A pesquisa aplicada objetiva, ainda, gerar conhecimentos para aplicação prática dirigir a solução de problemas científicos.

Nossa pesquisa se caracteriza também pela abordagem qualitativa que,

segundo Prodanov (2013, p. 70) “trata da relação entre o mundo e o sujeito de forma dinâmica, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”.

Concernente ao nosso viés de pesquisa colaborativa, apoiamo-nos no é definido por Pereira (2019, p. 92), que diz que ela é “uma reflexão crítica que os colaboradores fazem de sua identidade profissional e da própria atividade de trabalho”. O autor ainda ressalta “que o colaborador da pesquisa nem sempre participa de todas as etapas e momentos de investigação, mas o seu estatuto de coprodutor é preservado, o que não garante autoria na divulgação” (Pereira, 2019, p. 92).

Considerando que não existe fases rígidas na pesquisa e em seu desenvolvimento que não possam ser alteradas ou repensadas, entendemos que é importante apresentar as etapas gerais para uma visão macro do processo de nossa investigação. Para Pereira (2019, p. 93), o processo de construção da pesquisa colaborativa se dá em quatro momentos: 1) sensibilização dos colaboradores; 2) negociação dos espaços e tempos; 3) diagnóstico das necessidades formais e conhecimentos prévios; e, 4) seção de estudos e reflexão das práticas docentes.

A sensibilização dos colaboradores ocorreu quando expomos a intenção da pesquisa para gestora, supervisora, professoras, explicando as funções de cada um ao longo da investigação e nos colocamos como mediadores do processo. Em relação a negociação dos espaços e tempos, após seleção da turma, foram realizados encontros semanais na sala de aula, por meio de um planejamento realizado pelo pesquisador, tendo contribuições da supervisão e autorização da professora regente.

As etapas de observações aconteceram na Escola Municipal São Francisco, em Peri de Baixo, em Bacabeira, no período de junho a outubro de 2024. Esses momentos não tiveram intervenções direta do pesquisador de forma sistemática, pois nessa primeira observação não queríamos interferir nas ações dos participantes.

Como instrumento de trabalho na investigação, foi utilizado o diário de campo para que pudéssemos fazer as anotações dos atos ocorridos, como também a frequência deles durante a etapa de observação. Nesse diário foram feitas as anotações, o qual registramos dados tais como: o nome da instituição de ensino, nome do projeto, número de professores, formação, número de alunos por turma que fizeram parte da pesquisa, tipos de atividades que foram desenvolvidas com os estudantes, assim como outras atividades que se fizeram necessárias.

Para identificar as necessidades formais e os conhecimentos prévios foi

aplicado um questionário com as professoras dos anos iniciais do ensino fundamental, que permitiu detectarmos que a maioria já tinha tido contato e realizado ações com o texto literário em sala, mas não especificamente com a literatura de cordel.

Por fim, as seções de estudos aconteceram ao longo do processo de desenvolvimento das sequências didáticas em sala de aula, pois todas as propostas eram apresentadas e discutidas com as professoras. Ou seja, as quatro etapas possibilitaram a análise e reflexão dos professores, colaboradores sobre suas práticas e sobre estratégias que utilizam com as crianças no trabalho de incentivo à leitura e produção de textos. Durante o desenvolvimento da sequência didática com o texto literário, realizamos o registro de todas as atividades permitindo assim a compreensão dos dados coletados.

Vale mencionar que ao final do desenvolvimento da sequência didática foi realizada uma entrevista com a professora regente da turma investigada no intuito de avaliar o projeto desenvolvido na sala. O tipo de entrevista utilizada foi a semiestruturada, que Bogdan e Biklen (2000) definem como um instrumento importante, pois por meio dela o investigador percebe a forma como os sujeitos interpretam as suas vivências, haja vista que ela é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo.

Como produto final desta investigação foi elaborado um Caderno de Orientações Didáticas e Pedagógicas em forma de literatura de cordel com sugestões de atividades de apoio ao trabalho didático do professor, seguido de roteiro de orientação das atividades propostas pelo pesquisador, bem como sequências didáticas, acompanhada de uma parte da coletânea com a exposição de Cordéis criada pelos alunos participante da pesquisa com base em suas vivências cotidianas.

7.3 Análise e Discussão dos Dados

Nesta seção, apresentamos as análises e discussões dos dados da pesquisa. Para tanto, articulamos as respostas da professora participante com os eixos teóricos desenvolvidos na fundamentação teórica deste estudo.

A docente selecionada atua numa turma do 5º ano do Ensino Fundamental. Antes de realizarmos a entrevista, apresentamos a proposta do projeto de intervenção

que foi organizada por etapas: apresentação, diagnóstico, planejamento e desenvolvimento da sequência didática a ser aplicada na turma do quinto ano.

Iniciamos a entrevista perguntando à professora se na sua formação inicial houve algum componente curricular que contemplasse textos literários e formação de leitores. De acordo com a docente “a leitura e escrita são atividades importantes, pois através delas, a criança desenvolve não só o lado cognitivo, mas também o lado socioemocional”. A docente também ressaltou que a leitura literária estimula o raciocínio, amplia o vocabulário e aprimora a capacidade interpretativa “apesar da falta de estímulo à leitura e acompanhamento fora da escola pelos pais ou responsáveis, muitos têm disposição e desejo de ler”.

Embora a fala da professora não vá direto ao cerne da questão, ela evidencia uma concepção ampliada de leitura e escrita, compreendidas não apenas como habilidades instrumentais, mas como práticas formativas que contribuem para o desenvolvimento integral da criança. Ao afirmar que “a leitura e escrita são atividades importantes” por favorecerem tanto o aspecto cognitivo quanto o socioemocional, a docente aproxima-se de abordagens contemporâneas da educação que entendem a leitura como uma prática social, cultural e afetiva, capaz de promover a construção de sentidos, a empatia e a autonomia intelectual (Freire, 1996; Cosson, 2014).

A ênfase dada ao desenvolvimento de habilidades como raciocínio, ampliação do vocabulário e capacidade interpretativa reforça o papel da literatura e da leitura no processo de letramento, especialmente no que se refere à formação de leitores críticos e competentes. Nesse sentido, a leitura literária assume centralidade por possibilitar experiências estéticas e simbólicas que ultrapassam a decodificação, favorecendo a compreensão do mundo e de si mesmo (Zilberman, 2003; Candido, 2011). A fala da professora dialoga, portanto, com a perspectiva de que a escola é um espaço privilegiado para garantir o acesso à literatura, sobretudo para crianças que não dispõem de práticas leitoras sistemáticas no ambiente familiar.

Ao mencionar a “falta de estímulo à leitura e acompanhamento fora da escola pelos pais ou responsáveis”, a entrevistada aponta um desafio recorrente no contexto educacional brasileiro, marcado por desigualdades sociais e culturais que impactam diretamente as práticas de leitura. Estudos indicam que a ausência de um ambiente leitor no âmbito familiar não impede, por si só, a formação de leitores, desde que a escola assuma intencionalmente esse papel mediador, oferecendo experiências

significativas de leitura e promovendo o contato frequente com diferentes gêneros textuais (Soares, 2009; Kleiman, 1995).

Por fim, ao reconhecer que, apesar das limitações, “muitos têm disposição e desejo de ler”, a professora evidencia o potencial da criança como sujeito ativo no processo de aprendizagem. Essa percepção converge com concepções socioconstrutivistas, que compreendem o aluno como protagonista, dotado de curiosidade e interesse, cabendo ao professor criar condições pedagógicas para que esse desejo se transforme em prática leitora consistente e contínua (Vygotsky, 2007; Geraldi, 2013). Assim, a entrevista revela uma compreensão sensível e crítica sobre a formação de leitores, destacando a responsabilidade da escola e do professor na promoção da leitura literária desde a formação inicial docente.

Ao questionarmos se a docente já participou de alguma formação continuada com a temática da formação de leitores, leitura literária etc, nossa colaboradora respondeu: “sim, Trilhos de Alfabetização”.

A resposta apresentada pela professora evidencia a participação em uma ação de formação continuada denominada *Trilhos de Alfabetização*, o que indica a existência de iniciativas institucionais voltadas ao aperfeiçoamento das práticas pedagógicas relacionadas ao processo de alfabetização. A formação continuada constitui um elemento central para o desenvolvimento profissional docente, especialmente no que se refere à ampliação de saberes teóricos e metodológicos que subsidiam o trabalho com a leitura e a escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental (Nóvoa, 1992; Imbernón, 2011).

Entretanto, ao analisar a resposta, observa-se que a docente associa a temática da formação de leitores e da leitura literária exclusivamente a um programa de alfabetização. Tal associação revela uma compreensão ainda bastante recorrente no contexto escolar brasileiro, na qual a leitura literária é frequentemente vinculada apenas ao processo inicial de alfabetização, sendo compreendida prioritariamente como um instrumento para a aquisição do sistema de escrita alfabética (Soares, 2004). Essa perspectiva pode limitar a compreensão da leitura literária como prática cultural, estética e formativa, que ultrapassa os objetivos técnicos da alfabetização.

Autores como Cosson (2014) e Colomer (2007) defendem que a formação de leitores literários exige ações formativas específicas, que considerem a literatura como experiência estética, de fruição e de construção de sentidos, e não apenas como recurso pedagógico auxiliar. Nesse sentido, embora programas como o *Trilhos de*

Alfabetização desempenhem papel relevante no fortalecimento das práticas alfabetizadoras, é necessário problematizar em que medida tais formações abordam, de modo aprofundado, os fundamentos teóricos da leitura literária e da mediação de textos literários na escola.

A resposta da professora também permite inferir que as oportunidades de formação continuada voltadas especificamente à leitura literária podem ser escassas ou pouco visibilizadas no contexto da educação básica. Conforme destaca Imbernón (2011), a formação continuada deve ir além de programas pontuais e prescritivos, promovendo espaços de reflexão crítica sobre a prática docente, articulando teoria e prática e considerando as necessidades reais dos professores. Quando a formação se concentra excessivamente em políticas de alfabetização padronizadas, corre-se o risco de reduzir a leitura a uma prática instrumental, em detrimento de sua dimensão cultural e emancipadora (Freire, 1989).

Além disso, a literatura infantil e juvenil, enquanto campo específico de conhecimento, demanda que o professor tenha acesso a discussões sobre critérios de seleção de obras, estratégias de mediação leitora, diversidade cultural e representatividade nos textos literários (Colomer, 2007; Cosson, 2014). A ausência ou fragilidade dessas discussões na formação continuada pode impactar diretamente as práticas pedagógicas, limitando o potencial da escola como espaço de formação de leitores críticos e autônomos.

Portanto, embora a participação da professora no *Trilhos de Alfabetização* represente um aspecto positivo de seu percurso formativo, a resposta analisada aponta para a necessidade de ampliar e diversificar as formações continuadas, de modo que contemplem, de forma específica e aprofundada, a leitura literária e a formação de leitores ao longo de toda a escolarização. Tal ampliação é fundamental para que o trabalho com a literatura na escola não se restrinja às etapas iniciais da alfabetização, mas se consolide como prática permanente de formação humana, cultural e social.

Perguntamos à professora quais são as principais atividades que envolvem a leitura na sua rotina escolar? A resposta foi: “leitura individual compartilhada de forma interdisciplinar”. A resposta apresentada pela docente evidencia uma concepção ampliada e contemporânea de leitura, compreendida não apenas como uma atividade mecânica de decodificação de textos, mas como uma prática social, dialógica e pedagógica que se constrói de forma coletiva e integrada aos diferentes campos

do conhecimento.

Ao mencionar a leitura individual compartilhada de forma interdisciplinar, a docente sinaliza uma organização didático-pedagógica que valoriza simultaneamente a autonomia do estudante e a interação entre sujeitos e saberes no espaço escolar.

A leitura individual, nesse contexto, assume papel fundamental no desenvolvimento da autonomia leitora, permitindo que o aluno estabeleça relações pessoais com o texto, construa sentidos próprios e desenvolva estratégias cognitivas de compreensão, interpretação e reflexão. Conforme destaca Solé (1998), a leitura envolve processos mentais complexos, nos quais

o leitor mobiliza conhecimentos prévios, formula hipóteses e atribui significados,

o que reforça a importância de momentos individuais no contato com o texto. Essa prática contribui, ainda, para a formação de leitores críticos e conscientes, capazes de posicionar-se diante das informações e discursos que circulam socialmente.

A resposta da docente ainda demonstra que esta profissional não se limita à leitura como prática solitária. Ao caracterizá-la como compartilhada, evidencia-se a dimensão social da leitura, na qual o diálogo, a troca de interpretações e a escuta do outro ampliam os sentidos do texto. De acordo com Freire (1989), a leitura do mundo precede a leitura da palavra, e é na interação com os outros que os sujeitos constroem compreensões mais profundas da realidade. Assim, a leitura compartilhada favorece a construção coletiva do conhecimento, o desenvolvimento da oralidade, do pensamento crítico e do respeito à diversidade de interpretações presentes no grupo.

Além disso, o caráter interdisciplinar da leitura mencionado na resposta aponta para uma prática pedagógica que rompe com a fragmentação do conhecimento, integrando a leitura às diferentes áreas do currículo escolar. Essa abordagem dialoga com o entendimento de que a leitura é uma competência transversal, essencial para a aprendizagem em todas as disciplinas, e não restrita ao ensino de língua portuguesa. Segundo Fazenda (2011), a interdisciplinaridade promove a articulação entre saberes, possibilitando uma compreensão mais ampla e contextualizada dos conteúdos, além de tornar o processo educativo mais significativo para os estudantes.

Nesse sentido, a leitura interdisciplinar contribui para que os alunos percebam a funcionalidade dos textos em diferentes contextos sociais e

acadêmicos, favorecendo o letramento em múltiplas linguagens e áreas do conhecimento. Como apontam Kleiman e Moraes (1999), práticas de leitura que atravessam diferentes disciplinas fortalecem o letramento escolar, uma vez que permitem ao aluno compreender os usos sociais da linguagem e suas implicações na produção e circulação do conhecimento.

Conclui-se que a resposta da professora revela uma prática pedagógica alinhada às concepções atuais de leitura, que a entendem como uma atividade individual e coletiva, cognitiva e social, articulada de forma interdisciplinar no cotidiano escolar. Essa perspectiva contribui para a formação integral dos estudantes, promovendo não apenas habilidades técnicas de leitura, mas também competências críticas, reflexivas e sociais, fundamentais para a participação ativa e consciente na sociedade contemporânea.

Em continuidade com nosso diálogo com a docente em questão, indagamos se ela já havia trabalhado com seus alunos a leitura envolvendo o texto literário. A resposta foi: “sim através da produção de poemas”. Isso demonstra que a docente evidencia uma concepção de trabalho com o texto literário que articula leitura e escrita de forma integrada, ainda que de maneira sintética.

Ao afirmar que já desenvolveu atividades de leitura literária por meio da produção de poemas, a professora sinaliza uma compreensão do texto literário não apenas como objeto de leitura passiva, mas como prática viva, criativa e autoral, na qual os estudantes assumem o papel de sujeitos produtores de sentido. Essa perspectiva dialoga com abordagens contemporâneas do ensino de literatura que defendem a indissociabilidade entre leitura, fruição estética e produção textual (Cosson, 2014; Antunes, 2009).

A produção de poemas, nesse contexto, pode ser compreendida como uma estratégia pedagógica potente para o desenvolvimento da sensibilidade estética, da expressão subjetiva e do domínio da linguagem literária. Segundo Cosson (2014), o trabalho com gêneros literários, como o poema, favorece o letramento literário ao permitir que os alunos entrem em contato com a linguagem figurada, a sonoridade, o ritmo e as múltiplas possibilidades de significação do texto poético. Ao escrever poemas, os estudantes não apenas leem literatura, mas vivenciam seus processos constitutivos, o que contribui para uma compreensão mais significativa do fenômeno literário.

Ademais, a produção poética como prática pedagógica amplia as

possibilidades de leitura do mundo e de si mesmo, especialmente quando vinculada às experiências, emoções e contextos socioculturais dos alunos. Conforme destaca Freire (1996), a leitura da palavra está intrinsecamente relacionada à leitura do mundo, e práticas educativas que valorizam a autoria e a expressão dos sujeitos fortalecem processos de formação crítica e emancipatória. Nesse sentido, a produção de poemas pode funcionar como espaço de escuta, diálogo e reconhecimento das vozes discentes no ambiente escolar.

A resposta da docente revela, ainda, uma experiência positiva com o texto literário que suscita reflexões acerca da amplitude e da diversidade das práticas de leitura desenvolvidas em sala de aula. A menção exclusiva à produção de poemas pode indicar que o trabalho com a literatura esteja concentrado em um único gênero textual, o que limita o contato dos alunos com a diversidade de formas literárias existentes, como contos, romances, crônicas, peças teatrais e narrativas orais. Para Antunes (2009), o ensino da leitura literária deve contemplar uma pluralidade de gêneros e práticas, de modo a ampliar o repertório cultural e linguístico dos estudantes.

Outro aspecto relevante diz respeito à mediação docente no processo de leitura e produção literária. A simples proposição da escrita de poemas não garante, por si só, a formação do leitor literário. É fundamental que o professor atue como mediador, promovendo momentos de leitura compartilhada, discussão interpretativa, análise de recursos expressivos e reflexão sobre os sentidos do texto (Rojo, 2012). Assim, a produção poética deve ser acompanhada de práticas sistemáticas de leitura e escuta de textos literários consagrados e contemporâneos, possibilitando aos alunos dialogar com diferentes autores, estilos e tradições.

A fala de nossa entrevistada aponta para uma experiência significativa com o texto literário, especialmente no que se refere à valorização da autoria discente e da linguagem poética. Contudo, também evidencia a necessidade de aprofundamento e diversificação das práticas de leitura literária na escola, de modo que a literatura seja trabalhada não apenas como produção textual, mas como espaço de fruição, reflexão crítica e formação cultural ampla. Essa abordagem integrada contribui para a constituição de leitores competentes, sensíveis e críticos, capazes de interagir com os textos literários de forma autônoma e significativa (Cosson, 2014; Antunes, 2009).

Ao questionarmos nossa colaboradora sobre qual o principal objetivo do

trabalho com texto literário, a docente foi incisiva: “despertar o interesse pela leitura”. Esta concepção evidencia uma visão de ensino de literatura que ultrapassa a dimensão meramente instrumental ou conteudista, colocando em centralidade a formação do leitor. Ao afirmar que seu principal objetivo é “despertar o interesse pela leitura”, a docente revela uma compreensão da literatura como experiência formativa, afetiva e cultural, capaz de mobilizar o estudante para além das exigências escolares formais. Esse posicionamento dialoga com perspectivas contemporâneas da educação literária, que defendem a necessidade de criar vínculos significativos entre o leitor e o texto literário, sobretudo no contexto da educação básica (Cosson, 2014).

O interesse pela leitura não é compreendido como uma disposição natural ou espontânea, mas como uma construção social e pedagógica, mediada pelas práticas docentes, pelo acesso aos textos e pelas condições socioculturais dos estudantes. Nesse sentido, despertar o interesse implica reconhecer que muitos alunos chegam à escola sem uma trajetória de letramento literário consolidada, exigindo do professor estratégias intencionais que tornem a leitura uma atividade prazerosa e significativa (Kleiman, 2008). A literatura, quando trabalhada de forma sensível e contextualizada, pode atuar como ponte entre o universo cultural do aluno e novos modos de compreender o mundo.

A afirmação de entrevistada sugere uma valorização da dimensão estética da literatura. Ao priorizar o interesse, a docente parece afastar-se de práticas que reduzem o texto literário a pretexto para exercícios gramaticais ou avaliações conteudistas. Essa postura encontra respaldo em autores que defendem a literatura como espaço de fruição, imaginação e reflexão crítica, permitindo ao leitor experimentar emoções, construir sentidos e desenvolver empatia (Candido, 2011). Assim, o interesse pela leitura torna-se condição essencial para que o estudante se reconheça como sujeito leitor.

Do ponto de vista pedagógico, despertar o interesse pela leitura também está relacionado à mediação docente. O professor assume o papel de mediador cultural, responsável por selecionar obras adequadas, propor atividades instigantes e criar um ambiente favorável à leitura literária. Essa mediação não se limita à apresentação do texto, mas envolve a escuta das experiências dos alunos, o diálogo sobre as narrativas e o respeito às múltiplas interpretações possíveis (Chartier, 2009). A resposta da entrevistada, portanto, indica uma prática pedagógica alinhada a uma concepção dialógica e participativa do ensino de literatura.

Outro aspecto relevante é que o interesse pela leitura está diretamente associado à formação do hábito leitor ao longo da vida. Quando a literatura é apresentada como imposição escolar, tende a gerar rejeição e afastamento; por outro lado, quando desperta curiosidade e prazer, contribui para a constituição de leitores autônomos e críticos (Paulino; Cosson, 2009). Nesse sentido, o objetivo mencionado pela entrevistada revela uma preocupação com a formação integral do estudante, indo além dos resultados imediatos e das avaliações externas.

A afirmação de nossa colaboradora reflete também uma compreensão ética e política do ensino de literatura. Ao buscar despertar o interesse pela leitura, o professor contribui para a democratização do acesso aos bens culturais e simbólicos, reconhecendo a leitura literária como direito de todos. Essa perspectiva está alinhada às discussões sobre educação inclusiva e justiça social, que defendem a escola como espaço de ampliação de repertórios culturais e de formação cidadã (Freire, 1996). Assim, a literatura assume um papel fundamental na construção de sujeitos críticos, sensíveis e participativos na sociedade.

No curso da entrevista, começamos a inserir perguntas sobre o nosso objeto de pesquisa, que é a literatura de cordel no ensino da escrita e leitura. Nessa perspectiva, questionamos se a docente já havia trabalhado o gênero cordel com seus alunos. “Sim, foi um pouco difícil de trabalhar, porém consegui ter bom êxito”.

Ao afirmar que “foi um pouco difícil de trabalhar”, a docente reconhece as limitações e obstáculos frequentemente associados à inserção de gêneros literários populares no ambiente escolar, os quais, historicamente, foram marginalizados em detrimento de textos pertencentes ao cânone literário tradicional (Lajolo, 2001; Zilberman, 2009).

A dificuldade mencionada pode estar relacionada a diferentes fatores, tais como a falta de familiaridade dos alunos com a estrutura métrica, rítmica e rimada do cordel, bem como a ausência de formação específica dos professores para o trabalho sistematizado com esse gênero textual (Marinho; Pinheiro, 2012). Além disso, a literatura de cordel carrega marcas culturais regionais e da oralidade que, muitas vezes, não são valorizadas nos currículos escolares, o que pode gerar estranhamento inicial tanto por parte dos estudantes quanto dos próprios docentes (Abreu, 1999; Soares, 2016).

Entretanto, ao completar sua resposta afirmando que “consegui ter bom êxito”, a entrevistada revela que, apesar das dificuldades iniciais, o trabalho

pedagógico com o cordel produziu resultados positivos. Tal êxito pode ser compreendido à luz das contribuições da pedagogia dos gêneros textuais, que defende a aprendizagem significativa a partir de práticas sociais de linguagem contextualizadas e culturalmente situadas (Bakhtin, 2003; Dolz; Schneuwly, 2004). O cordel, enquanto gênero discursivo, possibilita o desenvolvimento da leitura, da escrita e da oralidade, além de favorecer o reconhecimento das identidades culturais dos alunos, especialmente aqueles oriundos de contextos populares e nordestinos (Marinho; Pinheiro, 2012; Cosson, 2014).

A experiência relatada pela professora também dialoga com a perspectiva da educação intercultural e da valorização da diversidade cultural na escola, ao reconhecer o cordel como um instrumento pedagógico potente para promover o respeito aos saberes tradicionais e às manifestações culturais locais (Candau, 2011; Freire, 1996). Nesse sentido, o “bom êxito” mencionado sugere que o trabalho com a literatura de cordel contribuiu não apenas para o desenvolvimento de competências linguísticas, mas também para a ampliação do repertório cultural dos estudantes e para o fortalecimento do sentimento de pertencimento e identidade.

A declaração da docente aponta para a necessidade de superar as dificuldades iniciais por meio de práticas pedagógicas intencionais, formação continuada de professores e inserção efetiva da literatura de cordel nos planejamentos curriculares. Ao reconhecer os desafios e, ao mesmo tempo, os resultados positivos, a fala da docente reafirma o potencial do cordel como recurso didático relevante e coerente com uma educação comprometida com a pluralidade cultural e com a formação crítica dos sujeitos (Freire, 1996; Cosson, 2014).

Acerca do entendimento de nossa colaboradora sobre a literatura de cordel, a docente não hesitou em afirmar: “literatura de cordel é uma tradição poética popular brasileira, principalmente nordestina, com histórias em versos vendidas em folhetos. Fala de amor, política, religião... é uma expressão da cultura popular”.

A compreensão consistente e socialmente estabelecida na história literatura de cordel, alinhada às principais definições presentes na historiografia e nos estudos culturais brasileiros. Ao caracterizá-la como uma tradição poética popular brasileira, principalmente nordestina, a entrevistada reconhece o cordel como uma manifestação literária marcada pela oralidade, pela coletividade e pela forte vinculação com o Nordeste do Brasil, região em que essa expressão cultural se consolidou historicamente, embora não se restrinja a ela (Abreu, 1999; Lemaire, 2010).

A menção às “histórias em versos vendidas em folhetos” demonstra conhecimento dos elementos formais que estruturam a literatura de cordel, como a escrita em forma rimada, o uso de métricas específicas a exemplo da sextilha, da septilha e do martelo agalopado e a materialidade dos folhetos impressos, tradicionalmente comercializados em feiras e mercados populares. Esses aspectos configuram o cordel como um gênero híbrido, que articula oralidade e escrita, performance e texto impresso, preservando traços da tradição oral europeia, especialmente ibérica, reelaborados no contexto sociocultural brasileiro (Cascudo, 2006; Abreu, 1999).

Ao afirmar que o cordel “fala de amor, política, religião”, a entrevistada aponta para a amplitude temática dessa manifestação literária, ressaltando sua capacidade de dialogar com diferentes dimensões da experiência humana e social. Tal característica reforça o papel do cordel como uma forma de leitura do mundo, por meio da qual sujeitos historicamente marginalizados narram acontecimentos do cotidiano, expressam valores, criticam estruturas de poder e reinterpretam fatos históricos e sociais a partir de suas próprias perspectivas (Ferreira, 2014; Haurélio, 2013). Assim, o cordel não se limita ao entretenimento, mas constitui-se como um importante instrumento de formação cultural, política e simbólica.

A conclusão da entrevistada ao definir o cordel como “uma expressão da cultura popular” sintetiza uma concepção que reconhece essa literatura como patrimônio imaterial, produzida e difundida no seio das classes populares, transmitida entre gerações e profundamente vinculada à identidade cultural nordestina e brasileira. Essa compreensão dialoga com abordagens que situam o cordel no campo da cultura popular não como produção inferior ou folclorizada, mas como um saber legítimo, dotado de valor estético, histórico e pedagógico (Chartier, 1990; Brandão, 2009).

Dessa forma, a resposta da entrevistada revela não apenas um conhecimento descritivo sobre a literatura de cordel, mas também uma percepção crítica de sua relevância cultural e social. Tal entendimento é especialmente significativo quando se considera o potencial do cordel em contextos educativos, uma vez que essa linguagem favorece o reconhecimento

de identidades, a valorização de saberes populares e a promoção de práticas pedagógicas culturalmente contextualizadas, conforme defendem estudos no campo da educação e da cultura (Freire, 1996; Ferreira, 2014).

Ao ser questionada sobre a literatura de cordel no ensino da leitura e escrita, a docente ressaltou que acha “... importante porque ajuda a engajar os alunos com a leitura e escrita, principalmente se eles se identificam com as histórias e o linguajar”.

Essa afirmação evidencia uma compreensão pedagógica alinhada a perspectivas contemporâneas de ensino da leitura e da escrita, especialmente aquelas que defendem práticas educativas contextualizadas, culturalmente situadas e socialmente significativas. Ao asseverar que a literatura de cordel “ajuda a engajar os alunos”, a professora reconhece o engajamento como elemento central do processo de aprendizagem, sobretudo nos anos iniciais da escolarização, nos quais a motivação e o vínculo com o texto são decisivos para a formação do leitor e do escritor (Kleiman, 2005; Soares, 2020).

O engajamento mencionado pela docente pode ser compreendido como resultado da aproximação entre o universo cultural dos estudantes e os textos trabalhados em sala de aula. A literatura de cordel, por sua linguagem acessível, ritmo marcado, oralidade presente e temáticas ligadas ao cotidiano, às tradições populares e às experiências sociais dos sujeitos, favorece a identificação dos alunos com o texto, aspecto explicitado na resposta quando a professora destaca que os estudantes se envolvem principalmente se eles se identificam com as histórias e o linguajar. Tal identificação é fundamental para que a leitura deixe de ser uma atividade mecânica e passe a constituir-se como prática social de produção de sentidos (Freire, 1989; Street, 2014).

Nesse sentido, a fala da docente dialoga diretamente com os pressupostos do letramento, que compreendem a leitura e a escrita como práticas culturais, historicamente situadas e atravessadas pelas vivências dos sujeitos. Ao utilizar o cordel no ensino, a professora amplia as possibilidades de acesso dos alunos a gêneros textuais que circulam socialmente fora do espaço

escolar, promovendo uma articulação entre saberes escolares e saberes populares (Soares, 2004; Rojo, 2009). Essa articulação contribui para que os estudantes reconheçam a leitura e a escrita como instrumentos de expressão, comunicação e pertencimento cultural.

Ademais, ao mencionar o linguajar do cordel, a docente revela sensibilidade em relação à diversidade linguística presente no contexto escolar. A literatura de cordel, ao valorizar variantes linguísticas regionais e marcas da oralidade,

possibilita o trabalho pedagógico com a língua sem desqualificar as formas de falar dos alunos, favorecendo uma abordagem mais inclusiva e democrática do ensino de língua portuguesa (Bagno, 2007). Tal perspectiva rompe com práticas normativas excludentes e reconhece a língua como fenômeno vivo, plural e socialmente construído.

No andamento da entrevista com nossa colaboradora, questionamos como a docente articulava a literatura de cordel e a aprendizagem. A resposta foi: “conectando o conteúdo com a realidade dos alunos. Usando os temas dos cordéis pra discutir questões atuais, trabalhar interpretação de texto, rímetria, e até produção textual inspirada nos folhetos”.

A resposta obtida evidencia uma compreensão pedagógica alinhada às concepções contemporâneas de ensino que defendem a articulação entre os conteúdos escolares e a realidade sociocultural dos estudantes. Ao afirmar que a literatura de cordel pode ser trabalhada a partir da conexão com o cotidiano dos alunos, a docente reconhece o potencial desse gênero literário como mediador do processo de aprendizagem significativa, conforme propõe Ausubel (2003), ao enfatizar que novos conhecimentos se consolidam quando dialogam com saberes prévios e experiências concretas dos sujeitos.

A literatura de cordel, enquanto manifestação da cultura popular nordestina, apresenta-se como um recurso pedagógico potente justamente por abordar temas próximos da vivência dos alunos, como questões sociais, políticas, ambientais e culturais. Essa característica possibilita discutir problemáticas atuais de forma crítica e contextualizada, favorecendo o desenvolvimento do pensamento reflexivo e da consciência social dos educandos (Freire, 1996). Assim, ao utilizar os temas dos cordéis para tratar de questões contemporâneas, a professora promove uma prática pedagógica que valoriza a cultura local e estimula o protagonismo discente.

Outro aspecto relevante da resposta é a menção ao trabalho com a interpretação de texto. O cordel, por sua linguagem rimada, narrativa dinâmica e estrutura própria, contribui para o desenvolvimento da competência leitora, permitindo que os alunos compreendam textos em diferentes níveis — literal, inferencial e crítico (Solé, 1998). Além disso, o uso de textos que dialogam com o universo cultural dos estudantes tende a aumentar o interesse pela leitura, fortalecendo hábitos leitores e ampliando o repertório linguístico.

A referência à “rímetria” demonstra uma preocupação com os aspectos

formais da linguagem poética, como rimas, métrica e ritmo, elementos centrais da literatura de cordel. Trabalhar esses recursos em sala de aula possibilita não apenas o desenvolvimento da sensibilidade estética, mas também a ampliação do conhecimento linguístico, favorecendo a compreensão do funcionamento da língua de maneira contextualizada e significativa (Antunes, 2009). A abordagem desses elementos contribui para que os alunos compreendam a estrutura dos gêneros textuais e aprimorem suas habilidades de leitura e escrita.

A produção textual inspirada nos folhetos de cordel, conforme apontado pela professora, constitui uma estratégia pedagógica que integra leitura e escrita de forma indissociável. Ao produzir seus próprios textos, os alunos assumem o papel de autores, exercitando a criatividade, a autoria e a expressão de suas identidades culturais (Geraldi, 2011). Essa prática dialoga com as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que defende o trabalho com gêneros textuais diversos e a valorização das culturas locais no processo educativo (Brasil, 2017).

Desse modo, a resposta da professora revela uma concepção de ensino que reconhece a literatura de cordel como um instrumento pedagógico interdisciplinar, capaz de articular linguagem, cultura e aprendizagem. A proposta apresentada contribui para uma educação contextualizada, crítica e culturalmente significativa, fortalecendo o vínculo entre escola, saberes populares e formação integral dos alunos.

Encerramos a entrevista com nossa colaboradora questionando quais sugestões a docente enumera para trabalhar a literatura de cordel em sala de aula. A professora ressaltou quatro itens: 1) “levar folhetos pra sala e fazer leitura compartilhada”; 2) “propor que os alunos criem seus próprios cordéis com temas atuais”; 3) “discutir as histórias e o contexto cultural”; 4) “fazer uma “feira de cordel” na escola com apresentações e exposição dos trabalhos”.

Ao sugerir levar folhetos de cordel para a sala de aula e realizar leitura compartilhada, a entrevistada destaca uma estratégia que aproxima os estudantes do texto literário em sua materialidade original, respeitando suas características estéticas, linguísticas e culturais. Essa prática dialoga com perspectivas sociointeracionistas de leitura, nas quais o sentido é construído coletivamente por meio da interação entre leitores, texto e contexto (Bakhtin, 2011; Marcuschi, 2008).

A leitura compartilhada dos folhetos de cordel também favorece o desenvolvimento da escuta atenta, da oralidade e da interpretação, aspectos fundamentais no ensino de Língua Portuguesa e de Literatura. Além disso, essa prática

contribui para a valorização da cultura popular nordestina no espaço escolar, rompendo com a hegemonia de cânones literários tradicionais e promovendo uma educação culturalmente situada (Canclini, 2015). Ao inserir o cordel na sala de aula, o professor reconhece saberes historicamente marginalizados e fortalece a identidade cultural dos estudantes, especialmente daqueles pertencentes a contextos regionais onde o cordel faz parte do cotidiano social.

Outro ponto relevante da resposta é a proposta de que os alunos criem seus próprios cordéis com temas atuais. Essa sugestão revela uma concepção de ensino que entende o estudante como sujeito ativo do processo de aprendizagem, capaz de produzir conhecimento e expressar sua visão de mundo por meio da escrita criativa. A produção de cordéis estimula competências relacionadas à autoria, à criatividade e ao domínio de gêneros textuais, além de favorecer o trabalho com rima, métrica e narrativa, elementos estruturantes do gênero (Lima, 2010).

A indicação de trabalhar temas atuais nos cordéis produzidos pelos alunos reforça o caráter crítico e social da literatura de cordel, historicamente utilizada como meio de comunicação, denúncia e reflexão sobre a realidade social. Ao abordar questões contemporâneas, os estudantes são convidados a estabelecer relações entre tradição e atualidade, compreendendo o cordel como um gênero vivo e dinâmico, e não como uma manifestação folclórica cristalizada no passado. Essa abordagem contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico e para a formação de sujeitos conscientes de seu papel social (Santos, 2012).

A entrevistada também ressalta a importância de discutir as histórias e o contexto cultural, o que evidencia uma preocupação com a compreensão ampliada dos textos trabalhados. Essa discussão possibilita aos alunos entenderem o cordel em sua dimensão histórica, social e cultural, reconhecendo-o como expressão de experiências coletivas, valores, crenças e modos de vida. Tal perspectiva dialoga com os pressupostos da educação intercultural, que defende o reconhecimento e o respeito à diversidade cultural no currículo escolar (Gomes, 2017). Ao contextualizar o cordel, o professor amplia o repertório cultural dos estudantes e contribui para a construção de uma educação mais inclusiva e plural.

A proposta de realizar uma “feira de cordel” na escola, com apresentações e exposição dos trabalhos, aponta para práticas pedagógicas que extrapolam os limites da sala de aula e promovem a socialização do conhecimento. Esse tipo de atividade valoriza o protagonismo discente, fortalece a autoestima dos alunos e cria espaços de

diálogo entre escola e comunidade. Além disso, a feira de cordel articula diferentes linguagens: oral, escrita e artística e possibilita o trabalho interdisciplinar, envolvendo áreas como Língua Portuguesa, Artes e História. Tais ações estão alinhadas às orientações da Base

Nacional Comum Curricular, que enfatiza a importância de práticas educativas significativas e contextualizadas (Brasil, 2018).

De modo geral, a resposta de nossa colaboradora revela uma abordagem pedagógica crítica, criativa e culturalmente comprometida com a valorização da literatura de cordel na educação básica. Suas sugestões evidenciam o potencial do cordel como recurso didático capaz de promover o letramento literário, o fortalecimento das identidades culturais e a formação integral dos estudantes, reafirmando o papel da escola como espaço de reconhecimento, produção e circulação da cultura popular.

7.4. Sequência didática com a Literatura de Cordel

No decorrer de nossas experiências em sala de aula podemos perceber vários problemas que se comprovam no trabalho com a leitura e a formação do leitor. Nós, enquanto professores de Língua Portuguesa na maioria das vezes ficamos inseguros com práticas pedagógicas sobre leitura rédias às costumeiras aplicações do livro didático como um meio de garantimos a conclusão dos conteúdos propostos no currículo e que nos proporcionam a percepção de tarefa cumprida ao final de cada ano letivo. O desencanto é perceber que ao término de cada período letivo nos conselhos de classe, que não conseguimos aplicar com maestria os tópicos trabalhados e a cada ano tem menos interesse e menos prazer na prática da leitura.

Nesse sentido, o planejamento para execução do projeto na sala de aula, levou em consideração ao diagnóstico feito com as professoras e se deu a partir da elaboração de uma sequência didática para trabalhar com o texto literário: uma experiência pedagógica com a literatura de cordel.

O planejamento escolar é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades didáticas em termos de organização e coordenação que inclui tanto a previsão das atividades didáticas em termos de organização e coordenação em fase de objetivos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino

(Libânio, 1994)

Apesar de todas as professoras terem sido convidadas a participar da pesquisa, tivemos que verticalizar a investigação, como já mencionado, para a turma do 5º ano B da professora Jasmim, composta por 17 alunos, 9 meninos e 8 meninas. Ressalte-se que nas turmas envolvidas na pesquisa não havia nenhum aluno que necessitasse de um atendimento educacional especializado.

A professora Jasmim falou que já tinha trabalhado a leitura e a escrita envolvendo um texto literário, porém a maioria dos alunos não obtiveram êxito, pois uma parte da sala se mostrou desanimada e sem interesse na hora da leitura e principalmente na produção textual.

Acreditamos que apesar das dificuldades enfrentadas por nossos alunos, tais como: o ambiente familiar desestruturado, condições precárias de vida, problemas emocionais e também a Covid 19 tenham contribuído muito para que os alunos se sentissem desmotivados e com muita dificuldade na leitura e na escrita.

Como a escola não oferecia um “reforço”, ou seja, um atendimento aos alunos de baixo rendimento na leitura e na escrita, a professora Jasmim atendia a esses alunos de forma individualizada nas aulas de língua portuguesa. Assim, nas atividades de rotina escolar, a professora utilizava textos dos diversos gêneros, com atividades que melhorassem a leitura e interpretação dos alunos com a suas capacidades de identificar e diferenciar os gêneros.

Com isso, no intuito de colaborar com os docentes no desenvolvimento da leitura de maneira dinâmica e interativa com o objetivo de motivar os estudantes na participação nas atividades propostas, organizamos uma sequência didática em 11 momentos (figura 10) durante os meses de junho a outubro de 2024, sendo realizada as atividades em dois dias da semana no 5º ano B, às terças e quintas no horário das 13:15 às 17:30.

Figura 10: Esquema da sequência didática



Fonte: Pesquisa empírica, 2025

No primeiro momento, foi feita uma roda de conversa com os estudantes para levantar os conhecimentos prévios em relação ao gênero estudado (figura 11). Os conhecimentos prévios são informações que já temos em nossa mente e que podemos acionar quando precisamos, conforme Kleiman (2008). Nos termos da autora não é um processo simples, pois as informações precisam ser recuperadas, pois os conhecimentos não são estáticos, eles vão se modificando a cada instante.

Assim, os professores podem facilitar a compreensão de um texto quando ajudam os alunos a ativarem os conhecimentos que já foram adquiridos para construir novos saberes. Isso pode ser feito a partir de perguntas sobre o tema discutido, experiências vividas, leituras de imagem.

Figura 11: Roda de conversa



Fonte: A Autoria, (2024)

Fonte: Pesquisa empírica, 2025

A roda de conversa se deu no primeiro momento fazendo uma apresentação do pesquisador com a sua identificação para depois conhecer cada estudante pelo nome e saber se eles gostariam de participar de um projeto de leitura com a literatura de cordel. Foi informado sobre os dias e horário que iriam acontecer a pesquisa e se todos estavam de acordo em participar, os mesmos concordaram e aceitaram de maneira satisfatória. As perguntas foram as seguintes:

- 1- Você já ouviu falar sobre a literatura de cordel?
- 2- Caso tenha ouvido falar, você gosta da literatura de cordel?
- 3- Tem algum escritor ou cordelista na sua família?
- 4- Você gostaria de participar de um projeto de leitura e escrita com a literatura de cordel?
- 5- Você costuma trabalhar em grupo com os colegas da sala?
- 6- Você tem dificuldade em fazer leitura?

Em seguida apresentamos alguns autores cordelistas consagrados como: Leandro Gomes de Barros, Firmino Teixeira do Amaral, Antônio Gonçalves da Silva (Patativa do Assaré) e Ariano Vilar Suassuna e também alguns autores cordelistas maranhenses como: Paulinho nó Cego, Edvaldo Santos, Raimunda Frazão e Goreth Pereira.

Em seguida, fizemos um painel com os cordéis, conforme a figura 12, para o qual ficou em exposição na sala de aula durante toda a pesquisa, pois o painel apresenta-se como um recurso pedagógico e cultural que valoriza uma das mais expressivas manifestações da cultura popular nordestina.

Tradicionalmente expostas em cordões nas feiras livres, os folhetos de cordel compõem o centro visual do painel, remetendo à origem histórica desse gênero literário, marcado pela oralidade, pela circulação popular e pelo caráter narrativo em versos rimados (Cascudo, 2001).

Figura 12: Painel dos Cordéis



Fonte: Pesquisa empírica, 2025

Segundo Abreu (1999) além do exposto visual, o painel apresenta informações explicativas sobre estrutura formal do cordel, destacando os versos metrificados, rimas regulares e estrofes tradicionais, como a sextilha e a setilha. Esses elementos são fundamentais para musicalidade e harmonização dos textos, reforçando a relação entre escrita e oralidade, característica central desse gênero literário.

Os alunos ficaram admirados com a exposição do painel, pois não só durante a confecção dele, mas todos os dias muitos alunos ficavam ao lado dele, observando e manuseando os cordéis na exposição, como também verificando os cordéis com os autores consagrados que foram apresentados na roda de conversa como: Leandro de Barros, e Patativa do Assaré, e Raimunda Frazão e muitos outros que contribuíram para o reconhecimento do cordel como literatura legítima e relevante no cenário cultural brasileiro. Desta forma, o painel de literatura de cordel, configura-se não apenas como instrumento informativo, mas como uma estratégia de valorização da cultura popular, promovendo contato dos estudantes com as tradições literárias brasileiras e incentivando o respeito à diversidade cultural.

No encontro seguinte vimos a estrutura do cordel, e nesse momento, me veio a mente quando entrevistei a professora Jasmim do 5º ano B, onde será realizada a pesquisa. Lembrei quando ela respondeu ao questionário dizendo que a turma era composta de 17 alunos, sendo 9 meninos e 8 meninas, uma turma pequena, mas

apresentando algumas dificuldades no que diz respeito à leitura e também na escrita, então foi um desafio, pois já tinha feito a roda de conversa, visto os principais autores cordelistas brasileiros e também era maranhenses, mas agora, daríamos início à estrutura do cordel para quem pudéssemos fazer as produções dos cordéis na sequência didática. Assim, falamos para a turma sobre a literatura de cordel a qual possui uma estrutura própria, marcada pela oralidade, musicalidade e tradição popular, tendo como principais elementos estruturais: a) versos; b) métrica; c) rima; d) estrofe.

O cordel é escrito em versos, geralmente heptassílabos (sete sílabas poéticas), também chamados de redondilhas maior. Cada linha do poema corresponde a um verso, a métrica mais comum é a heptassílabo, embora também existam cordéis e decassílabos (dez sílabas). A regularidade métrica é essencial para manter o ritmo e facilitar a declamação ou o canto. As rimas costumam ser consoantes (sons finais iguais) podendo aparecer de forma alternada (A B A B), interpolada (A B B A) ou emparelhada (A A B B) dependendo da estrofe. Já as estrofes mais utilizadas são: sextilha: 6 versos (sendo a mais comum) com o esquema de rima frequente: A B C B D B; setilha: 7 versos; oitava: 8 versos; e, décima: 10 versos (sendo muito usada em desafios poéticos).

Durante a regência da sequência didática sobre os elementos estruturais do cordel, alguns alunos questionaram sobre os versos e as rimas do poema de cordel. Assim, nós apresentamos o fragmento do cordelista Patativa do Assaré:

Eu canto o sertão querido A
 onde aprendi a viver B
 terra seca, sol ardente C
 mas rica em saber e fé B
 o povo sofre e resiste
 D
 com a coragem no que é B

A estrofe apresenta 6 versos (sextilha) sendo versos redondilhas com 7 sílabas com o esquema de rima aproximado: A B C B D B, como uma linguagem e temática regional.

nordestino não se cansa A
 aprende ser a lutar B
 enfrenta sol e

esperança A
 sem nunca se
 ajoelhar B
 a seca tenta vencer C
 mas não consegue calar B
 a voz forte do povo D
 que insiste em sonhar B
 pois que nasce no sertão E
 aprende a reinventar. B

Aqui a estrofe apresenta 10 versos (décima) com esquema de rima aproximado A B A B C B D B E B com uso de rimas regulares.

Após a apresentação dos poemas de cordel do autor Patativa do Assaré, foi notório perceber o interesse dos alunos. A curiosidade fez com que alguns deles fossem constantemente ao painel que tínhamos construído no nosso momento anterior e manuseassem alguns cordéis os quais estavam na exposição na sala de aula. Foi um passo muito importante porque nesse momento alguns alunos já estavam reconhecendo nos cordéis os elementos

estruturais (verso, métrica, rima e estrofe).

A professora Jasmim também confessou que estava aprendendo muito sobre a literatura de cordel, pois como ela havia relatado na entrevista, a SEMED havia oferecido um projeto de leitura para a rede e nele foi trabalhado a literatura de cordel, porém de forma muito superficial.

Após a leitura dos poemas de cordel e reconhecer os elementos estruturais do poema, foi apresentado aos alunos a proposta e trabalhar com as narrativas populares, os chamados “causos populares”, e para isso, foi proposto aos alunos numa atividade na qual eles fariam uma pesquisa sobre as lendas ou histórias da sua região. E para fazer essa pesquisa e ter acesso a essas histórias as quais eram muito conhecidas na sua região, os alunos iriam conversar com seus pais, avós ou vizinhos sobre os causos de sua região.

Ao retornarem à sala de aula com as informações que eles obtiveram na pesquisa com seus familiares, os quais eram moradores antigos da região. Eles fizeram as produções textuais, isto é, “os causos regionais”, conforme a figura 13, durante a escrita dos “causos”, três alunos tiveram muita dificuldade na produção textual. A professora Jasmim informou que esses alunos vieram de uma escola de outro município, e além das dificuldades que eles apresentavam na leitura e escrita, eles estavam também com a idade um pouco avançada para o 5º ano. Nesse sentido,

para que eles também participassem da aula, pedimos que eles representassem a história em forma de desenhos. E assim os três participaram da aula, sendo que 2 conseguiram fazer algumas frases e apenas um relatou o causo em forma de desenho.

Figura 13: Produção dos Causos



Fonte: Pesquisa empírica, 2025

Como a escola estava com problemas hidráulicos, os alunos que eram liberados mais cedo, e assim nós não tivemos tempo suficiente para concluir a escrita dos “causos”. No encontro seguinte os alunos concluíram as produções textuais. Após a leitura das produções textuais, propomos à turma trabalhar com causos regionais os quais eles haviam produzidos na sala de aula. Dessa forma, foram escolhidas quatro histórias, a opção pelas histórias bacabeirenses foi uma maneira de poder valorizar a cultura do município de Bacabeira e fazer com que sejam reconhecidas as lendas de Bacabeira, considerando que se trata do local em que vivem, além do mais, seria também uma boa estratégia de atrair os alunos. Assim foram escolhidos: a) O canto da sereia; b) a cobra do açude da popi; c) a cabra misteriosa; d) o gritador.

O causo ilustrado é contado pelos moradores da região. De acordo esses narradores, existe uma fonte onde parte dos habitantes do povoado utilizam a água para o consumo e também para os afazeres domésticos. Porém, existe um horário onde não é permitido ir à fonte, pois nesse período, no caso às 12 horas, as mães

d'águas estão nessa fonte. Este causo foi também apresentado no formato de texto por uma aluna da turma, durante uma de nossas atividades desenvolvidas na sequência didática.

Figura 14: Causo Regional O canto da mãe d'água

E.M. São Francisco de Assis
 Katabeira, 28 de agosto de 2024
 Aluno(a): Mellyssa de Sousa Belha
 Professora(a): Jaciana, Rebeca
Português

Mãe D'água

Fora da escola Creche Natão Mágica tinha uma fonte que eles chamavam de Poça essa fonte ficava perto da casa da minha Tatarã e quando eles iam para casa da minha Tatarã e a minha Tatarã diziam que meu dia não ir lá na Poça. Eles perguntavam por que? Virei? Ela falava não porque nesse horário que as donas estão tomando banho. Um Certo dia ela foi na Casa da Vó dela e eles chegaram e começaram, ela Para ir lá na fonte. Ela foi com eles quando eles foram chegando se aproximando da fonte foi chegando aquela coisa enorme dentro da água e fez água Zuada ela falou. Que não falei que não era para a gente um nesse horário que é o que as donas da Poça estão tomando banho e lavando roupas, e eles falavam, Quem são essas donas? Ela falou é as mães da água eles falavam como a gente não vê ela? Porque ela são invisível. Fim

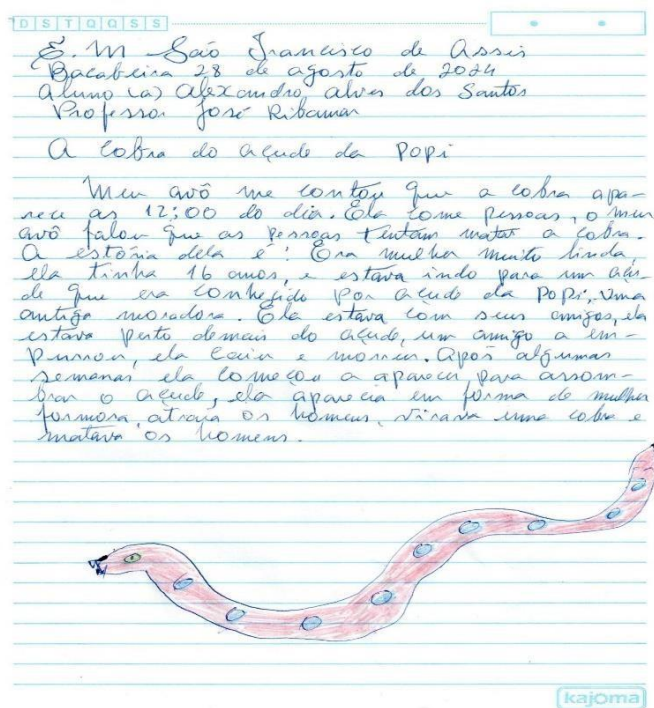


Fonte: Pesquisa empírica, 2025

O segundo causo selecionado para a atividade foi a lenda da Cobra do Açude da Popi, narrativa pertencente ao imaginário popular da comunidade. De acordo com o relato do avô de um dos alunos da turma, existia na região um açude conhecido como Açude da Popi, nome atribuído em referência a uma antiga moradora local. O local era bastante frequentado, especialmente em períodos festivos, como o final do ano, e também nos fins de semana, quando moradores e visitantes se reuniam para contemplação e lazer.

Em uma dessas ocasiões, um grupo de pessoas encontrava-se no açude quando uma jovem de aproximadamente 16 anos, descrita como muito bonita, foi empurrada para dentro da água. Por não saber nadar, a jovem acabou se afogando. A partir desse acontecimento trágico, difundiu-se a crença de que o espírito da jovem passou a manifestar-se no local, dando origem à lenda. Conta-se que ela surgia nas proximidades do açude sob a forma de uma mulher de grande beleza, atraindo as pessoas que por ali transitavam. Ao se aproximarem da água, a figura feminina transformava-se em uma cobra, atacando e matando suas vítimas, que, segundo os relatos, eram predominantemente homens.

Figura 15: A cobra do açude da Popi



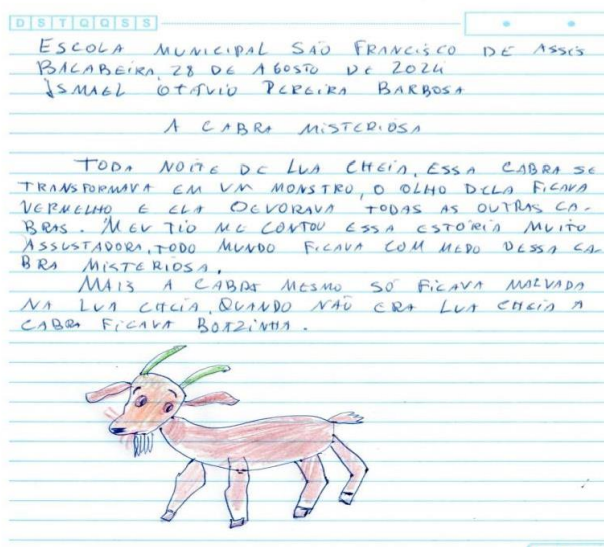
Fonte: Pesquisa empírica, 2025

. No caso intitulado A Cabra Misteriosa, narra-se um episódio que integra o imaginário popular da comunidade e que atravessa gerações por meio da tradição oral. Conta-se que, em uma determinada região rural, havia uma cabra aparentemente comum, que convivia tranquilamente com os demais animais do rebanho durante o dia. No entanto, seu comportamento começava a mudar sempre que se aproximavam as noites de lua cheia.

Conforme os relatos, nessas ocasiões, a cabra passava por uma transformação inquietante: seus olhos tornavam-se vermelhos e brilhantes, seu semblante adquiria um aspecto agressivo e sua postura revelava uma força incomum. A partir desse momento, o animal deixava de agir de forma dócil e passava a demonstrar extrema violência, atacando e devorando as outras cabras da região. O fenômeno repetia-se sistematicamente a cada ciclo lunar, o que despertava medo e desconfiança entre os moradores.

A recorrência dos acontecimentos levou a população local a associar a transformação da cabra à influência sobrenatural da lua cheia, elemento frequentemente presente nas narrativas míticas e lendárias. A cabra misteriosa passou, então, a ser vista não apenas como um animal, mas como uma entidade amaldiçoada ou possuída por forças desconhecidas. Em razão disso, os criadores evitavam manter seus rebanhos soltos durante as noites de lua cheia, buscando proteger seus animais do possível ataque.

Figura 16: A cabra Misteriosa



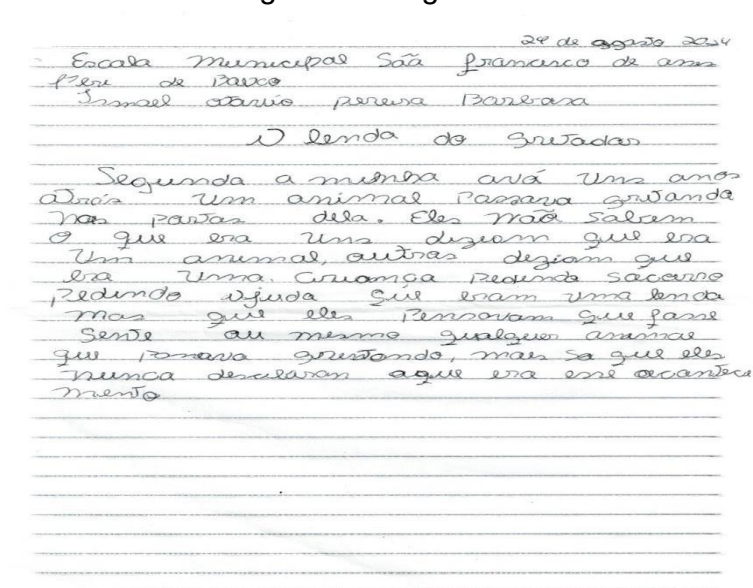
Fonte: Pesquisa empírica, 2025

Por fim, o caso intitulado O Gritador foi relatado por uma avó de um dos alunos da turma e integra o conjunto de narrativas transmitidas oralmente na comunidade. Segundo seu depoimento, durante muitas noites era possível ouvir gritos intensos que ecoavam pela região, acompanhados de batidas insistentes à porta de sua residência. O episódio causava medo e inquietação, sobretudo por ocorrer sempre no período noturno, quando o silêncio tornava os sons ainda mais perturbadores.

De acordo com o relato, nunca foi possível identificar com precisão a origem dos gritos. Alguns moradores acreditavam tratar-se de um animal desconhecido que vagava pelas proximidades, enquanto outros defendiam a hipótese de que poderia ser uma criança pedindo socorro. A incerteza em torno da identidade do gritador reforçava o caráter misterioso da narrativa, alimentando o imaginário coletivo e o temor diante do desconhecido.

Essa lenda, assim como outras narrativas populares, revela a forma como a comunidade interpreta sons, acontecimentos e experiências cotidianas à luz do imaginário e da tradição oral. O Gritador cumpre, portanto, uma função simbólica importante, ao expressar medos, angústias e dúvidas presentes na vivência comunitária, além de contribuir para a preservação da memória cultural local e para o fortalecimento das práticas narrativas transmitidas entre gerações.

Figura 17: O gritador



Fonte: Pesquisa empírica, 2025

A realização das atividades de leitura de causos da literatura de cordel na

turma do 5º ano do Ensino fundamental apresentou resultados pedagógicos relevantes, especialmente no que se refere ao desenvolvimento das competências de leitura, oralidade e valorização da cultura popular, em consonância com a base nacional comum curricular (BNCC).

De fato, a BNCC para o ensino de língua portuguesa informa que deve-se garantir aos estudantes o contato com “textos literários diferentes gêneros, autor e épocas, incluindo produções da cultura popular” (Brasil, 2018). Nesse sentido, durante a escrita das condições textuais, observou-se elevado engajamento dos alunos, que demonstraram o interesse pelas narrativas com suspense e pelas situações do que se refere a fluência leitora, foram também identificados avanços na entonação, no ritmo e na expressividade oral, aspectos fundamentais no trabalho com textos poéticos. Segundo Antunes (2009), a leitura em voz alta de textos literários possibilita ao aluno perceber os efeitos sonoros da linguagem e compreender o texto para além do sentido literal.

A apresentação das equipes sobre o causo regional, conforme a figura 18, constitui um momento significativo de valorização da cultura popular e da oralidade, elementos fundamentais para a construção da identidade cultural de um povo. O causo, enquanto narrativa tradicional é transmitido oralmente ao longo das gerações e reflete o cotidiano, as crenças, o imaginário social e o humor das comunidades, especialmente das regiões interioranas do Brasil (Cascardo, 2006).

Figura 18: Apresentação das equipes



Fonte: Pesquisa empírica, 2025

Durante a apresentação, as equipes demonstraram não apenas domínio de conteúdo pesquisado, mas também habilidades relacionadas a expressão oral, a criatividade e ao trabalho colaborativo. A narração do caso exige do apresentador o uso adequado da entonação da expressividade corporal e da linguagem coloquial, características próprias da realidade popular, que segundo Zunthor (2010), é marcada pela presença do corpo e da voz como elementos essenciais da comunicação narrativa.

Assim que as equipes concluíram as produções textuais, todos ficaram reunidos e seus respectivos grupos, concentrados na leitura, respeitando assim o espaço do colega para que todos tivessem esse elemento prazeroso e silencioso.

Assim que os alunos realizaram a leitura de seus respectivos casos, elaboraram algumas questões abertas sobre as leituras realizadas, objetivos de adquirirmos informações sobre a compreensão do texto lido. Qual é o título da história? Quais são os personagens da história? Onde a história aconteceu? O que aconteceu na história?

Os alunos responderam individualmente às perguntas sobre o caso do seu grupo, porém antes disso, cada equipe fez uma discussão sobre o caso. Foi momento maravilhoso, pois foi notório envolvimento e a participação dos componentes de cada equipe.

Dando continuidade a sequência didática, cada equipe produziu 2 estrofes de cordel a partir de cada caso o qual foi pesquisado e apresentado na sala de aula.

A equipe azul elaborou duas estrofes em sextilha (seis versos) com métrica em redondilha maior (sete sílabas poéticas) e rimas alternadas (ABABAB). A equipe mostrou-se muito participativa na produção das estrofes de cordel, o canto, o som da água e repetição de estruturas reforçam a musicalidade do poema. pois os alunos reconheceram os recursos sonoros (rima, repetição, musicalidade) em textos poéticos. EF04LP26.

Figura 19: Estrofes de cordel (equipe azul)

E.M. São Francisco de Assis
 Bacabura, 28 de agosto de 2024
 Equipe azul - Cordel: Curso da mãe d'água

1ª Estrofe - Sextilhas com rima alternada (A B A B A B)
 Perto da creche das A
 havia uma poça falada B
 Fonte antiga do Sinto A
 por todos respeitada B
 Minha tataravo dizia A
 Não vai nessa hora Marcada B

2ª Estrofe
 Perguntaram por que, vó? A
 Com jeito e luminosidade B
 Ela falou com a vó só A
 É Tempo de entidade B
 As donas do poço apareceram A
 Cantando com suavidade B

Fonte: Pesquisa empírica, 2025

A equipe amarela produziu duas estrofes de cordel em sextilhas com rimas alternadas e métricas em redondilha maior, a equipe muito organizada e os componentes participativos na construção das estrofes de cordel. A equipe planejou e produziu textos poéticos, observando a rima, o ritmo e verso. EF15LP18.

A equipe comportou-se de maneira muito organizada, e os componentes se dividiram em dupla para a produção das estrofes de cordel, pois havia alguns alunos com dificuldades na escrita e também na leitura, dessa forma, esses alunos teriam participação ativa na equipe e sobretudo na produção das estrofes de cordel.

Figura 20: Estrofes de cordel (equipe amarela)

E.M SÃO FRANCISCO DE ASSIS
 BACABEIRA, 28 DE AOSTO DE 2024
 EQUIPE AMARELA - CORDEL: A COBRA DO AÇUDE
 DA POPI
 - SEPTILHAS COM RIMA ALTERNADA (AB AB AB)
 ① ESTROFE
 MEU AVÔ FOI QUEM CONTOU A
 UM CASO DO POVO ANTIGO B
 DA COBRA QUE JÁ VOLTOU A
 NO AÇUDE, GRANDE PERIGO B
 AO MEIO DIA, ELA VEM A
 ASSOMBRAR QUALQUER AMIGO B
 ② ESTROFE
 FOI MOÇA MUITO BONITA A
 COM DEZESSEIS ANOS DE IDADE B
 CAIU NA ARMADILHA MALDITA A
 POR TRAIÇÃO E CRUELDADE B
 MORAR SEM TER DEFESA A
 VIROU DOR NA COMUNIDADE B

Fonte: Pesquisa empírica, 2025

A produção coletiva das duas estrofes de cordel pela **equipe marrom** evidenciou o desenvolvimento de competências previstas na BNCC, especialmente no que se refere ao trabalho com gêneros textuais da tradição oral e escrita. Ao criar estrofes com rimas alternadas e rimas interpoladas, os alunos demonstraram compreensão da organização do texto poético, explorando rimas, em ritmo e estrutura com habilidade EF35LP27, que propõe a criação de poemas de cordéis e outros textos em versos, considerando aspectos formais do gênero.

Figura 21: Estrofes de cordel (equipe marron)

Escola Municipal São Francisco do Asu
Bacabeira, 28 de agosto de 2024

Equipe Marron, a cobra misteriosa
na noite de lua cheia a
meu tio ouviu se falar b
que a cobra tão serena a
começava a se transformar b
com os olhos bem vermelho a
fazia o povo assustar b .

mais fora da lua cheia b
era calma e boa zenha b
pastosa leve no campo e
sozinha na estradinha c
ninguém sentia mais medo b
da cobra tão mansinha a

Fonte: Pesquisa empírica, 2025

A **equipe verde** produziu duas estrofes de cordel, primeira em forma alternada ABABAB e a segunda em forma aparelhada AABBBCC. Os alunos da equipe demonstraram um bom desempenho na produção de duas estrofes de cordel, revelando compreensão progressiva das características desse gênero textual da cultura popular nordestina.

Figura 22: Estrofes de cordel (equipe verde)

Escola municipal São Francisco de Assis
 Bacaba, 20 de agosto de 2024
 Equipe verde - o gritador:
 Sextilha com rima alternada (ABABAB) e aparelhada (AA
 BBCC)

1- estrofe:

Na casa da minha avó velha a
 Um grito vintou assustar b
 Ninguém viu coisa alguma a
 Só dava pra escutar b
 Como ehuio ou no bicho a
 Ninguém soube explicar b

Vus dizem: é uma criança a
 Perdida na madrugada a
 Outros falavam com medo b
 De fera mal assombrada b
 Mas o gritador sumiu c
 E a lenda ficou guardada c

Fonte: Pesquisa empírica, 2025

Na estrofe em forma alternada, os alunos conseguiram organizar os versos mantendo alternância das rimas, ainda que alguns tenham apresentado algumas dificuldades na regularidade métrica, o é esperado nessa etapa de escolarização. Mesmo assim, foi possível perceber o esforço em respeitar a estrutura proposta em construir sentido poético a partir do causo trabalhado.

Na produção de estrofe em forma aparelhada, os alunos mostraram o maior segurança no emparelhamento das rimas, evidenciando avanço na percepção sonora das palavras e na organização dos versos. As narrativas apresentaram criatividade, coerência temática e fidelidade ao enredo da lenda do gritador, utilizando uma linguagem simples e adequada ao cordel. De modo geral, a atividade contribuiu para o desenvolvimento da escrita criativa, da oralidade e da valorização da cultura popular, além de fortalecer a noção que rima, ritmo e estrutura textual.

A declamação dos cordéis na sala de aula constituiu um momento significativo de aprendizagem, participação e valorização da cultura popular, envolvendo as quatro equipes: equipe azul, equipe amarela, equipe marrom, equipe verde. A atividade proporcionou aos alunos a oportunidade de exercitar a oralidade, a expressividade e a escuta atenta, além de fortalecer o trabalho coletivo. Cada equipe demonstrou empenho na preparação da apresentação, respeitando as características do gênero de cordel, como o ritmo, a musicalidade e a excessividade dos versos.

Durante as apresentações, os alunos utilizaram diferentes recursos expressivos, como variação de entonação, pausas, estratégias, gestos corporais, tornando a declamação mais envolvente. A equipe azul apresentou segurança e clareza na leitura dos versos, mantendo boa projeção de voz. A equipe amarela destacou-se pelo entrosamento entre os integrantes e pela organização da apresentação. A equipe marrom demonstrou criatividade na interpretação do cordel, buscando, transmitindo emoção e suspense ao público. Já a equipe verde evidenciou sensibilidade e atenção ao ritmo, valorizando a sonoridade das rimas.

De modo geral, atividade de declamação contribuiu para o desenvolvimento da autoconfiança dos alunos, da cooperação os colegas e do respeito às produções dos outros grupos. Além disso, possibilitou a ampliação repertório cultural e o fortalecimento do vínculo dos alunos com a literatura de cordel, tornando aprendizagem significativa e prazerosa no contexto da sala.

A exposição dos cordéis no pátio da escola, conforme a figura 23, constituiu-se um momento significativo, da aprendizagem integração e valorização da cultura popular, envolvendo toda a escola.

Figura 23: Exposição dos Cordéis



Fonte: Pesquisa empírica, 2025

Organizada pelas equipes para os alunos, a atividade permitiu que os alunos de diferentes turmas tivessem contato com as produções realizadas em sala de aula, promovendo um incentivo à leitura, a oralidade e o reconhecimento do cordel como um importante gênero literário da tradição nordestina. O pátio da escola transformou-se em um espaço cultural, onde os cordéis foram expostos de forma criativa e acessível, despertando o interesse e a curiosidade dos alunos.

A participação ativa das equipes foi fundamental para o sucesso da exposição, uma vez que cada grupo ficou responsável por apresentar seus cordéis, explicar o processo de criação, os causos escolhidos e as características do gênero, como rima, métrica e ritmo. Esse momento favoreceu a protagonismo estudantil, o trabalho colaborativo e o desenvolvimento da comunicação oral, permitindo que os alunos se conhecessem como produtores de cultura. Conforme afirma Freire (1996), “ensinar não é transmitir conhecimento, mas as criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção”, o que se concretizou nessa atividade ao da voz e visibilidade às produções dos estudantes.

A presença da cordelista convidada Gorete Pereira, enriqueceu ainda mais a exposição, proporcionando aos alunos em contato direto com uma representante da literatura de cordel maranhense. A convidada compartilhou suas experiências, dialogou com os estudantes e ressaltou a importância do cordel como instrumento de preservação da memória, da identidade cultural e da história do povo nordestino. Esse

encontro possibilitou uma aprendizagem mais significativa, aproximando o conhecimento escolar da vivência cultural.

De modo geral, a exposição dos cordéis no pátio da escola ultrapassou o caráter expositivo e assumiu uma dimensão formativa, fortalecendo vínculo dos alunos com a cultura popular e promovendo o respeito às diversas manifestações culturais. A atividade evidenciou o papel da escola como espaço de valorização da cultura, da criatividade e da expressão artística, contribuindo para a formação integral dos estudantes.

A avaliação do projeto

A avaliação do projeto desenvolvido com a literatura de cordel nos anos iniciais do ensino fundamental, foi realizada de maneira contínua, diagnóstica e formativa, considerando todo o percurso da aprendizagem dos alunos ao longo das atividades propostas. Desde o contato inicial com os causos regionais até a produção, declamação e exposição dos cordéis, buscou-se observar não apenas o resultado final, mas principalmente o envolvimento, a participação ativa e o progresso dos estudantes. Essa perspectiva avaliativa permitiu compreender a aprendizagem como um processo, valorizando os avanços individuais e coletivos.

Na etapa da produção dos cordéis, a avaliação contemplou a compreensão das características do gênero textual, como rima, métrica, organização das estrofes e adequação ao tema proposto. Também foram considerados aspectos como criatividade, coerência textual, ampliação do vocabulário e capacidade de transformar narrativas orais em textos escritos.

Durante a declamação exposição dos cordéis, a avaliação voltou-se para o desenvolvimento da oralidade, da expressividade da, postura diante do público e do trabalho em equipe. Esses momentos permitiram observar os avanços autoconfiança, na comunicação oral e não respeito as produções dos colegas. A interação nas outras turmas e a cordelista convidada contribuiu para

ampliar repertório cultural dos alunos e fortalecer o sentido social da aprendizagem, tornando a mais significativa e contextualizada.

De modo geral, a avaliação do projeto evidenciou resultados bastante positivos confirmando a relevância do trabalho com a literatura de cordel no contexto escolar. O projeto favoreceu a integração entre a leitura, escrita e oralidade, e ao mesmo tempo em que valorizou a cultura popular e a identidade local.

De acordo com a base nacional comum curricular (BNCC), a escola deve

possibilitar experiências que promovam a participação ativa dos estudantes, valorizando diferentes linguagens e manifestações culturais, a fim de garantir uma formação integral (Brasil, 2018). Assim, a avaliação reafirma a importância de projetos pedagógicos que articulem conteúdos curriculares, práticas culturais, e desenvolvimento social contribuindo para uma educação mais significativa e transformadora.

Foi notório perceber o interesse dos estudantes, até mesmo aqueles que tinham muita dificuldade na leitura, a curiosidade os levou a ter uma concentração na proposta feita, a turma aceitou bem o projeto de pesquisa. Após alguns estudantes relatarem os “causos” de sua região, finalizamos a roda de conversa com a apresentação de um vídeo “O caso do lobisomem (animação em cordel)”.

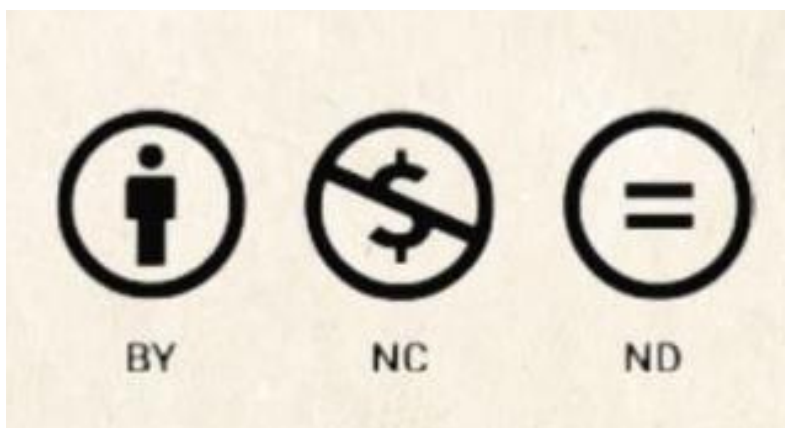
Desse modo, como a literatura oferece um universo leitura, optamos por oferecer aos alunos do 5º ano B de ensino fundamental, dos anos finais uma experiência pedagógica com a literatura de cordel, enquanto meio de apreciação à leitura pois acreditamos que as produções que são realizadas durante a pesquisa pelas suas especificidades podem contribuir para a formação e o despertar do aluno leitor.

7.5 Caderno de Orientações Didáticas e Pedagógicas de Literatura de Cordel

A presente dissertação resultou na elaboração do **Caderno de Orientações Didáticas e Pedagógicas de Literatura de Cordel**, um material que apresenta sugestões e sequências didáticas destinadas a auxiliar docentes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental no trabalho com leitura e escrita por meio da literatura de cordel.

O e-book está licenciado sob a **Creative Commons (CC)**, permitindo seu compartilhamento desde que seja atribuída a devida autoria (**BY**). Não é permitida a alteração do conteúdo (**ND**), nem sua utilização para fins comerciais (**NC**).

Figura 24: Licença do E-book (CC BY-NC-ND)



Fonte: Oliveira; Costa, 2026

O e-book, produto educacional composto por 56 páginas, apresenta elementos pré-textuais (capa e folha de rosto), textuais e pós-textuais referências e síntese curricular dos dois autores: José Ribamar de Jesus Oliveira e Cristiane Dias Martins da Costa.

A partir da descrição dos elementos pré-textuais, apresenta-se, na Figura 25, a imagem da capa do produto educacional.

Figura 25: Capa do E-book



Fonte: Oliveira; Costa, 2026

O e-book está estruturado em cinco capítulos, a saber:

- Introdução
- Literatura de Cordel
- Características da Literatura de Cordel
- Sequências Didáticas com Literatura de Cordel
- Considerações Finais

Passaremos a descrever sobre o Caderno de Orientações Didáticas e Pedagógicas de Literatura de Cordel, excluindo-se a Introdução.

No Capítulo 2, intitulado Literatura de Cordel, é tratado, no subcapítulo 2.1 – Origem e História da Literatura de Cordel, o percurso histórico, cultural e simbólico dessa manifestação literária, destacando-se suas raízes europeias e seu processo de ressignificação no contexto brasileiro. A literatura de cordel tem suas origens na tradição oral europeia medieval, especialmente em países como Portugal, Espanha e França, onde narrativas populares em versos eram recitadas em praças públicas, feiras e mercados, constituindo-se como uma importante forma de comunicação coletiva e de transmissão de saberes. Essas narrativas cumpriam funções sociais diversas, como entretenimento, informação e educação, possibilitando o acesso ao conhecimento por camadas populares, muitas vezes excluídas dos circuitos formais da cultura letrada.

Com o advento da imprensa, a partir do século XVI, essas histórias passaram a ser registradas em folhetos impressos de baixo custo, geralmente pendurados em cordas para exposição e venda, prática que deu origem à denominação “cordel” (Abreu, 1999; Zumthor, 1993). Esses impressos abordavam romances de cavalaria, narrativas religiosas, feitos heroicos, acontecimentos históricos, sátiras sociais e fatos do cotidiano, evidenciando o caráter híbrido do cordel, que articula oralidade, escrita e performance. Assim, o cordel consolidou-se como um meio de circulação de ideias, valores morais e concepções de mundo, desempenhando relevante papel informativo e educativo junto às populações populares.

Em Portugal, os chamados folhetos de cordel exerceram forte influência na difusão cultural, articulando de maneira dinâmica a tradição oral e a escrita impressa. Essa herança cultural foi trazida para o Brasil durante o período colonial, juntamente com outros elementos da cultura popular europeia. Contudo, ao chegar ao território

brasileiro, o cordel encontrou condições históricas, sociais e culturais específicas que favoreceram sua transformação e adaptação. Foi especialmente no Nordeste brasileiro, a partir do final do século XIX, que a literatura de cordel se consolidou como uma expressão cultural própria, incorporando experiências, linguagens e temáticas locais (Luyten, 1988; Abreu, 2010).

Nesse processo de ressignificação, o cordel brasileiro passou a refletir de forma mais intensa a realidade social nordestina, tornando-se uma das mais expressivas manifestações da cultura popular da região. Os cordelistas passaram a narrar a vida no sertão, as dificuldades impostas pela seca, as desigualdades sociais, a religiosidade popular, os conflitos agrários e as lutas cotidianas do povo, além de episódios marcantes da história regional e nacional, como as narrativas sobre cangaceiros, líderes políticos e acontecimentos trágicos ou heroicos (Cascudo, 2001; Santos, 2008). Dessa forma, o cordel assumiu um papel fundamental como espaço de denúncia social, crítica política e preservação da memória coletiva, contribuindo para a construção e afirmação das identidades culturais nordestinas.

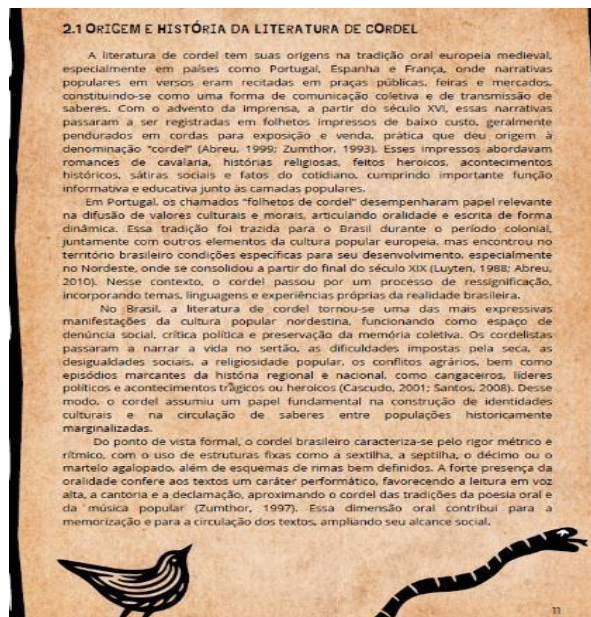
Do ponto de vista formal, o cordel brasileiro caracteriza-se pelo rigor métrico e rítmico, com o uso de estruturas fixas, como a sextilha, a septilha, o décimo e o martelo agalopado, além de esquemas de rimas bem definidos. Esses elementos estruturais não apenas organizam o texto poético, mas também facilitam a memorização e a oralização, aspectos centrais dessa tradição literária. A forte presença da oralidade confere aos textos um caráter performático, favorecendo a leitura em voz alta, a declamação e a cantoria, aproximando o cordel das tradições da poesia oral e da música popular (Zumthor, 1997).

Nesse sentido, o subcapítulo evidencia que a literatura de cordel ultrapassa a dimensão estética, configurando-se como um importante instrumento pedagógico e cultural. Ao articular oralidade, escrita, memória e identidade, o cordel contribui para a democratização do acesso à cultura e ao conhecimento, valorizando saberes populares e fortalecendo a consciência histórica e social das comunidades. Assim, compreender a origem e a trajetória histórica da literatura de cordel é fundamental para reconhecer seu potencial formativo e seu lugar de destaque no campo da educação e da cultura popular brasileira.

Na página seguinte, apresenta-se a imagem que ilustra o subcapítulo

2.1:

Figura 26: Origem histórica da Literatura de Cordel



Fonte: Oliveira; Costa, 2026

O subcapítulo 2.2, intitulado O cordel como patrimônio da cultura popular brasileira, descreve-se a literatura de cordel como um relevante patrimônio cultural por expressar saberes, valores, memórias e identidades historicamente construídas pelas camadas populares, (Abreu, 2011).

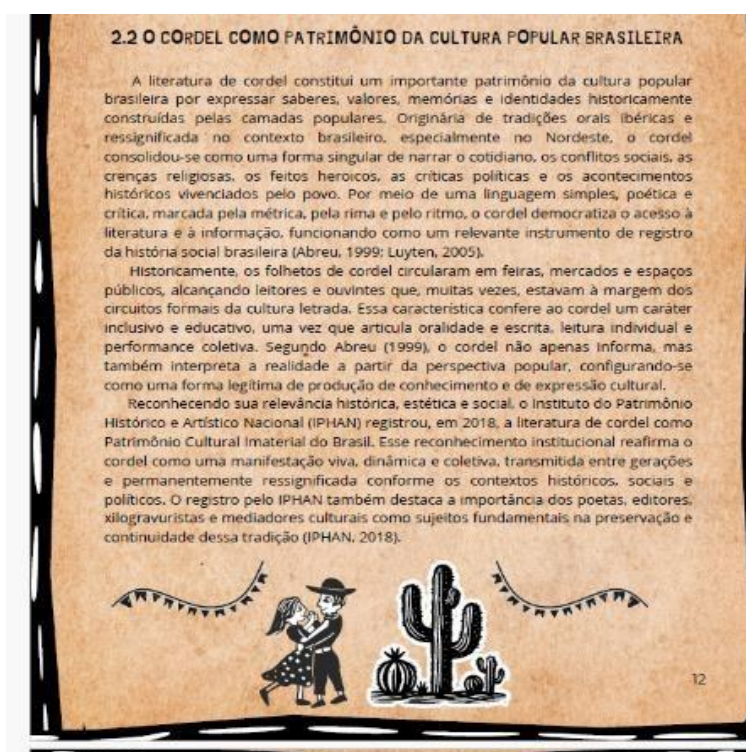
Originária das tradições orais ibéricas e ressignificada no contexto brasileiro, sobretudo no Nordeste, o cordel consolidou-se como uma forma singular de narrar o cotidiano, os conflitos sociais, as crenças religiosas, os acontecimentos históricos e as críticas políticas vivenciadas pelo povo. Sua linguagem simples, poética e crítica, marcada pela métrica, pela rima e pelo ritmo, contribui para a democratização do acesso à literatura e à informação, configurando-se como um importante instrumento de registro da história social brasileira (Abreu, 1999; Luyten, 2005).

Analicamente, o texto evidencia o caráter inclusivo e educativo do cordel, historicamente difundido em feiras, mercados e espaços públicos, alcançando sujeitos à margem dos circuitos formais da cultura letrada. Ao articular oralidade e escrita, leitura e performance, o cordel não apenas informa, mas interpreta a realidade a partir da perspectiva popular, constituindo-se como uma forma legítima de produção de conhecimento e de expressão cultural (Abreu, 1999).

O reconhecimento da literatura de cordel como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil pelo IPHAN, em 2018, reafirma seu valor histórico, estético e social,

além de destacar o papel fundamental de poetas, editores, xilogravuristas e mediadores culturais na preservação e continuidade dessa tradição viva e dinâmica (IPHAN, 2018). A seguir, apresenta-se a imagem que ilustra o subcapítulo 2.2:

Figura 27: O cordel como patrimônio da cultura popular brasileira



Fonte: Oliveira; Costa, 2026

No Capítulo 2.3, intitulado A Literatura de Cordel na Escola, é descrito que a inserção da literatura de cordel no contexto escolar constitui uma estratégia pedagógica potente para o ensino de língua portuguesa, literatura, história e cultura brasileira. Por se tratar de um gênero textual marcado pela oralidade, musicalidade e criatividade, o cordel favorece práticas de leitura, escrita e interpretação de textos de forma significativa e contextualizada, contribuindo para a aprendizagem ativa dos estudantes (Luyten, 1988).

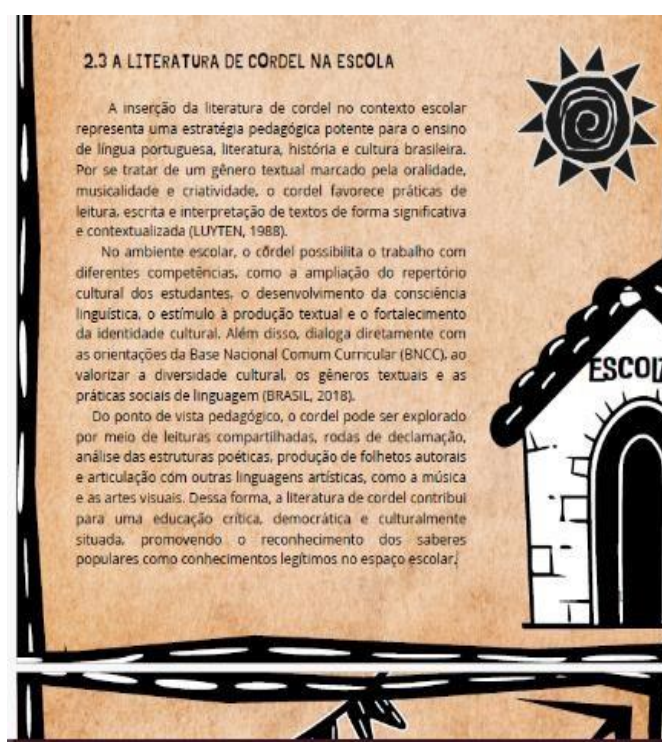
No ambiente escolar, o cordel possibilita o desenvolvimento de múltiplas competências, como a ampliação do repertório cultural, o fortalecimento da consciência linguística e o estímulo à produção textual autoral. Além disso, promove o reconhecimento da identidade cultural dos educandos ao valorizar manifestações

da cultura popular, estabelecendo vínculos entre o conhecimento escolar e os saberes socialmente construídos. Essa perspectiva dialoga diretamente com as orientações da Base Nacional Comum Curricular, ao enfatizar a diversidade cultural, os gêneros textuais e as práticas sociais de linguagem como eixos estruturantes do ensino (Brasil, 2018).

Do ponto de vista pedagógico, o capítulo evidencia que o cordel pode ser explorado por meio de práticas como leituras compartilhadas, rodas de declamação, análise das estruturas poéticas e produção de folhetos autorais, bem como em articulação com outras linguagens artísticas, a exemplo da música e das artes visuais. Dessa forma, a literatura de cordel contribui para uma educação crítica, democrática e culturalmente situada, reconhecendo os saberes populares como conhecimentos legítimos no espaço escolar e ampliando as possibilidades formativas dos estudantes.

A seguir, apresenta-se a imagem que ilustra o subcapítulo 2.3:

Figura 28: A literatura de Cordel na escola



Fonte: Oliveira; Costa, 2026

O capítulo 3, intitulado Características da Literatura de Cordel, está dividido em três subcapítulos, a saber:

3.1 Linguagem, rima e métrica

3.2 Estrofes mais comuns no cordel

3.3 Oralidade, performance e musicalidade

3.4 Ilustrações e xilogravura

Eis a imagem que apresenta o Capítulo 3:

Figura 29: Características da Literatura de Cordel



Fonte: Oliveira; Costa, 2026

No Capítulo 3.1, intitulado Linguagem, rima e métrica, é descrito que a linguagem do cordel caracteriza-se por ser simples, direta e fortemente marcada pela oralidade, aspecto que favorece a compreensão e a identificação do leitor/ouvinte. O uso de expressões do cotidiano, regionalismos e marcas da fala popular não indica ausência de elaboração estética, mas, ao contrário, revela um rigoroso domínio da estrutura poética, evidenciando a competência técnica do cordelista (Cascudo, 2006). Nesse contexto, a rima assume papel central, sendo responsável pela musicalidade e pelo ritmo dos versos, com predomínio das rimas consonantes organizadas de forma regular, o que contribui para a memorização e a declamação dos textos (Marinho; Pinheiro, 2012). A métrica mais recorrente é a redondilha maior, composta por versos

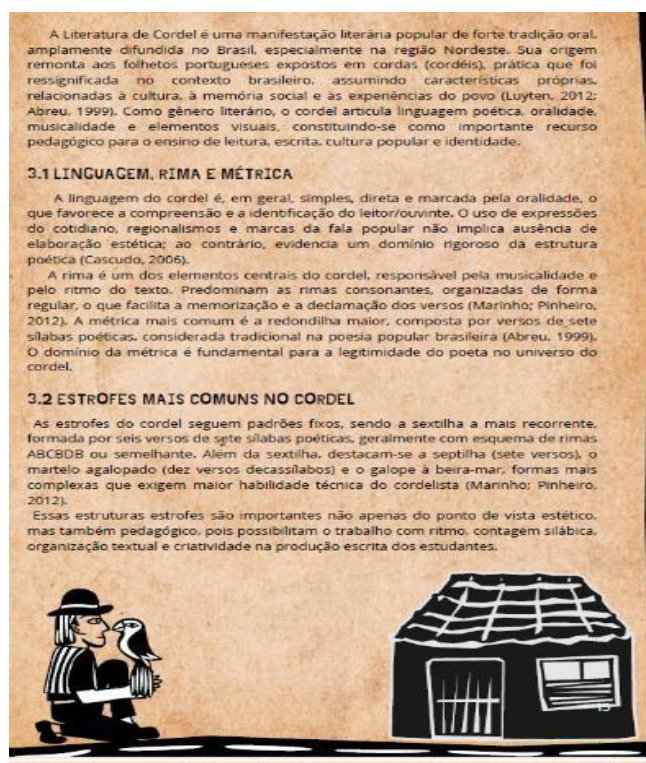
de sete sílabas poéticas, tradicionalmente associada à poesia popular brasileira (Abreu, 1999). O domínio dessa métrica é apresentado como elemento fundamental para a legitimidade do poeta no universo do cordel, reafirmando a articulação entre oralidade, técnica e tradição cultural.

No Capítulo 3.2, descreve-se que a literatura de cordel apresenta formas poéticas específicas, como a sextilha, composta por seis versos de sete sílabas poéticas, geralmente organizada no esquema de rimas ABCBDB ou variações semelhantes. Além dessa estrutura, o capítulo destaca outras modalidades, como a septilha (sete versos), o martelo agalopado, formado por dez versos decassílabos, e o galope à beira-mar, consideradas formas mais complexas, que demandam maior domínio técnico e sensibilidade poética por parte do cordelista (Marinho; Pinheiro, 2012).

De modo analítico, o texto evidencia que tais estruturas estróficas ultrapassam o valor meramente estético, assumindo relevante potencial pedagógico. Ao serem trabalhadas em contextos educativos, favorecem o desenvolvimento do ritmo, da contagem silábica, da organização textual e da criatividade, contribuindo para o aprimoramento da produção escrita dos estudantes. Assim, o cordel configura-se como um recurso didático potente, capaz de articular tradição cultural e aprendizagem linguística de forma significativa (Marinho; Pinheiro, 2012).

A seguir, apresenta-se a imagem que ilustra os subcapítulos 3.1 e 3.2:

Figura 30: Capítulos 3.1 e 3.2



Fonte: Oliveira; Costa, 2026

Os subcapítulos 3.3, intitulado Oralidade, Performance e Musicalidade, e 3.4, intitulado Ilustrações e Xilogravura, descrevem que a Literatura de Cordel mantém uma relação intrínseca com a oralidade, elemento fundante de sua constituição histórica e cultural. Tradicionalmente concebidos para a leitura em voz alta, o canto ou a declamação em espaços públicos, como feiras e praças, os cordéis configuram-se como práticas coletivas de comunicação e partilha de saberes (Cascudo, 2006). A performance do cordelista, marcada pela entonação, pelo ritmo e pelo uso recorrente de acompanhamento musical, integra-se à obra como dimensão estética e social, aproximando o cordel de manifestações como o repente e a cantoria (Zumthor, 2010). No contexto escolar, tais características ampliam as possibilidades pedagógicas, favorecendo práticas que articulam leitura, escuta, oralidade e expressão corporal, contribuindo para o letramento literário e cultural.

No que se refere às ilustrações, o subcapítulo 3.4 evidencia que as capas dos folhetos de cordel tradicionalmente utilizam a xilogravura, técnica de gravura em madeira consolidada como elemento identitário do gênero no Brasil. A xilogravura estabelece diálogo direto com o texto verbal, antecipando temas, personagens e conflitos narrativos, ao mesmo tempo em que reforça a expressividade da obra

(Luyten, 2012). Para além de sua função estética, apresenta relevante valor cultural e pedagógico, pois possibilita abordagens interdisciplinares entre literatura, artes visuais e história, promovendo a leitura multimodal e o reconhecimento da cultura popular como produção artística legítima e significativa no espaço escolar (Abreu, 1999).

No capítulo 4, intitulado Sequências Didáticas com Literatura de Cordel, há quatro sugestões para os docentes dos Anos Iniciais trabalharem a Literatura de Cordel. Para este trabalho, mostraremos apenas duas sequências didáticas. Dentre elas, destaca-se a Sequência Didática 1 – Conhecendo o Cordel, estruturada a partir de um planejamento pedagógico que organiza seis etapas articuladas entre oralidade, leitura, análise linguística, escrita e socialização.

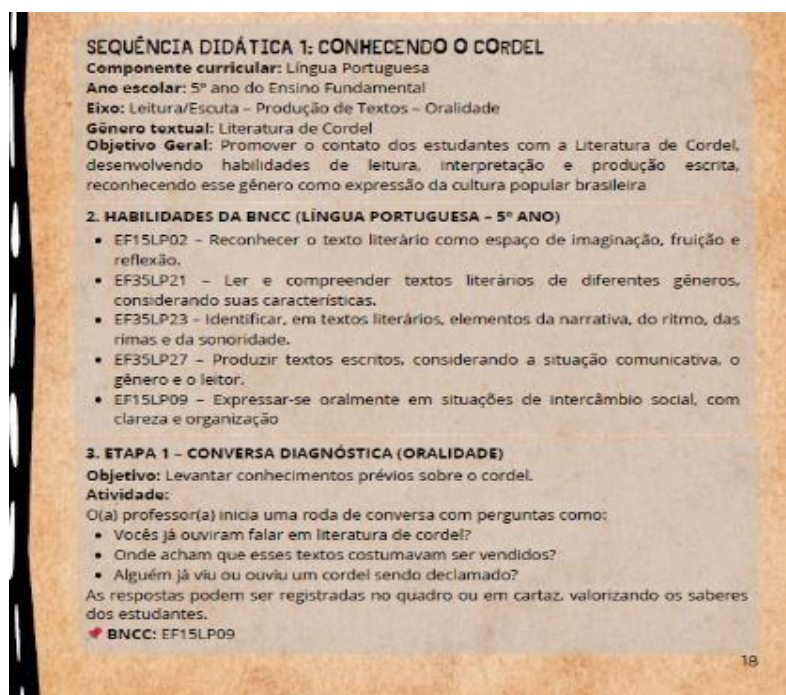
A proposta inicia-se com a conversa diagnóstica, cujo objetivo é levantar os conhecimentos prévios dos estudantes acerca do cordel, valorizando seus saberes e experiências, em consonância com uma perspectiva socioconstrutivista de aprendizagem (Vygotsky, 2007). Em seguida, a etapa de leitura e apreciação do gênero promove o contato com folhetos de cordel, possibilitando a identificação de elementos composicionais, estéticos e linguísticos do gênero, alinhando-se às orientações da BNCC para o desenvolvimento das práticas de linguagem nos Anos Iniciais (Brasil, 2018).

As etapas de compreensão e interpretação e de estudo das características do cordel aprofundam a leitura crítica, favorecendo o reconhecimento de versos, estrofes, rimas, linguagem popular e temáticas do cotidiano, aspectos fundamentais para o letramento literário (Cosson, 2014). A produção escrita inicial incentiva a autoria dos estudantes, respeitando seus níveis de desenvolvimento, enquanto a socialização das produções valoriza a cultura popular e fortalece a oralidade, a identidade cultural e o protagonismo discente.

De modo geral, a sequência didática apresentada evidencia o potencial pedagógico da Literatura de Cordel como recurso interdisciplinar e culturalmente situado, contribuindo para o desenvolvimento das competências linguísticas previstas na BNCC e para a valorização das manifestações da cultura popular no contexto escolar.

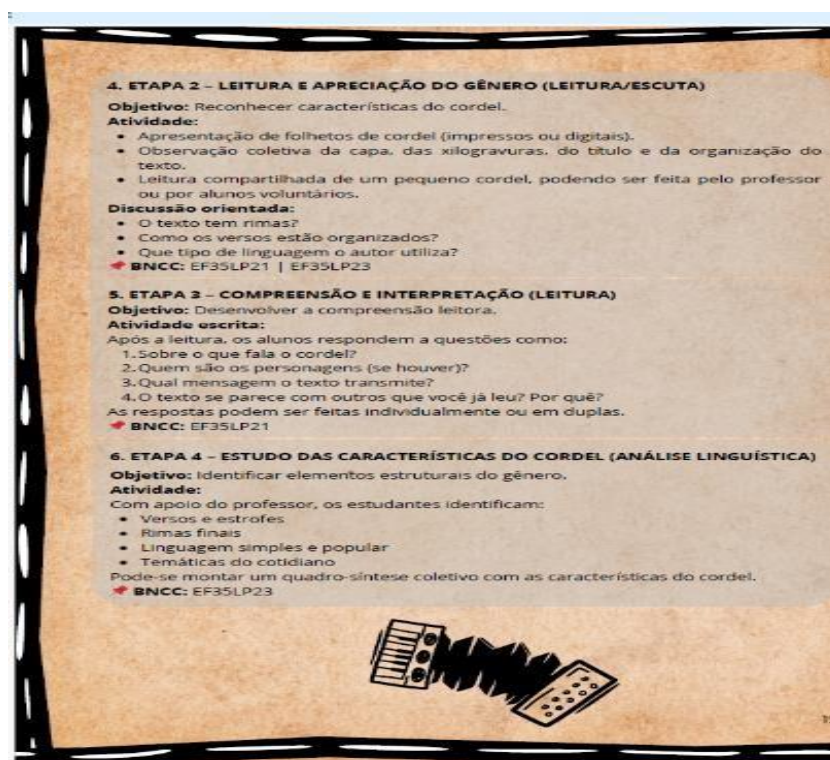
A seguir, as imagens da Sequência Didática 1 do Caderno de Orientações Didáticas e Pedagógicas de Literatura de Cordel:

Figura 31: Sequência Didática 1 – Conhecendo o Cordel



Fonte: Oliveira; Costa, 2026

Figura 32: – Etapas da Sequência Didática 1 – Conhecendo o Cordel



Fonte: Oliveira; Costa, 2026

Figura 33 Etapas da Sequência Didática 1 – Conhecendo o Cordel



Fonte: Oliveira; Costa, 2026

A Sequência Didática 1 encerra com as possíveis contribuições pedagógicas, que são: essa sequência didática contribui para o desenvolvimento das competências de leitura e escrita, ao mesmo tempo em que valoriza a cultura popular brasileira, reconhecendo o cordel como um gênero literário legítimo no espaço escolar, conforme orienta a BNCC (Brasil, 2018). Ao articular práticas de leitura, interpretação e produção textual, a proposta favorece o letramento literário e o domínio progressivo da linguagem escrita, considerando os conhecimentos prévios dos estudantes e promovendo aprendizagens significativas (Soares, 2016; Cosson, 2014).

Além disso, ao inserir a literatura de cordel no contexto pedagógico, a sequência didática fortalece a identidade cultural dos educandos e amplia o repertório estético e crítico, possibilitando o reconhecimento das manifestações culturais populares como saberes socialmente construídos e historicamente situados (Candido, 2004). Dessa forma, o produto educacional dialoga com os princípios da educação integral e da valorização da diversidade cultural, contribuindo para práticas pedagógicas contextualizadas, inclusivas e alinhadas às diretrizes curriculares nacionais.

O Caderno de Orientações Didáticas e Pedagógicas de Literatura de Cordel encerra-se com o capítulo da Conclusão, no qual descreve o produto educacional e reafirma o cordel como uma manifestação viva da cultura popular brasileira e como um potente recurso pedagógico no contexto da educação básica. Evidencia-se que a literatura de cordel, para além de seu valor histórico e estético, constitui-se como uma forma legítima de produção de conhecimento, articulando oralidade, escrita, memória, identidade e crítica social, conforme discutem autores que compreendem a cultura popular como espaço de saber e resistência.

Ao abordar a origem e a trajetória histórica do cordel, o caderno possibilita compreender seu processo de ressignificação no Brasil, especialmente no Nordeste, onde se consolidou como expressão das vivências e saberes das classes populares. O reconhecimento do cordel como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil pelo IPHAN reforça sua relevância cultural e educativa, destacando a importância de sua valorização e preservação também no espaço escolar. No âmbito pedagógico, o material demonstra a consonância do cordel com a Base Nacional Comum Curricular, ao favorecer o desenvolvimento de competências relacionadas à leitura, escrita, oralidade, apreciação estética e pensamento crítico.

As sequências didáticas propostas evidenciam que o trabalho sistematizado com a literatura de cordel promove aprendizagens significativas, ao integrar leitura, interpretação, produção textual e socialização das produções, fortalecendo a autoria e o protagonismo discente. Ao reconhecer os saberes populares como conhecimentos legítimos, o caderno reafirma seu compromisso com uma educação democrática, inclusiva e sensível à diversidade cultural brasileira, consolidando-se como instrumento de apoio ao trabalho docente e de valorização da cultura popular no espaço escola.

8 CONCLUSÃO

A presente dissertação teve como propósito investigar o ensino da leitura e da escrita nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, a partir da literatura de cordel, culminando na elaboração de um Caderno de Orientações Didáticas e Pedagógicas destinado a professores da Educação Básica. Ao longo do percurso investigativo, foi possível constatar que os objetivos propostos foram plenamente alcançados, tanto no âmbito teórico quanto no prático, evidenciando a relevância do cordel como recurso pedagógico para o desenvolvimento leitor das crianças.

O objetivo geral, que consistiu em investigar de que forma a literatura de cordel pode contribuir para o ensino da leitura e da escrita nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, foi atingido por meio da pesquisa empírica realizada na Escola Municipal São Francisco de Assis, no município de Bacabeira/MA. Os dados coletados por meio de observação participante, diário de campo e entrevistas demonstraram que a inserção do cordel nas práticas pedagógicas favoreceu o envolvimento dos estudantes, despertou o interesse pela leitura e ampliou as possibilidades de produção escrita, confirmando o potencial desse gênero literário como mediador do processo de letramento.

No que se refere aos objetivos específicos, o primeiro deles: identificar as concepções teóricas e práticas sobre leitura dos docentes dos Anos Iniciais, foi alcançado a partir da aplicação de questionários e entrevistas com o professor participante da pesquisa. As respostas evidenciaram concepções ampliadas de leitura, compreendida não apenas como decodificação, mas como prática social, cultural e formativa, em consonância com os pressupostos teóricos de Freire (1996), Solé (1998) e Cosson (2014).

O segundo objetivo específico, que buscou verificar como os docentes desenvolvem práticas de leitura em seu cotidiano pedagógico, foi contemplado mediante a observação das atividades realizadas em sala de aula. Constatamos que, embora a professora pesquisada já utilizasse textos literários em sua prática, a literatura de cordel ainda era pouco explorada de forma sistematizada, o que reforçou a necessidade de propostas pedagógicas que ampliassem o repertório metodológico docente.

O terceiro objetivo específico compreender de que forma os docentes podem inserir a literatura de cordel no ensino da literatura infantil foi atingido a partir

do desenvolvimento e da aplicação das sequências didáticas elaboradas no âmbito da pesquisa. Essas experiências pedagógicas evidenciaram que o cordel possibilita o trabalho integrado com leitura, oralidade e escrita, respeitando os conhecimentos prévios dos estudantes e valorizando a cultura popular como saber legítimo no espaço escolar, conforme orienta a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017).

Por fim, o quarto objetivo específico, que consistiu em descrever como um Caderno de Orientações Didáticas e Pedagógicas de Literatura de Cordel pode contribuir para o ensino da leitura, materializou-se na elaboração do Produto Educacional. O caderno apresenta fundamentação teórica, propostas de sequências didáticas e orientações práticas que auxiliam o professor no planejamento e na execução de atividades com literatura de cordel, configurando-se como um instrumento pedagógico acessível, contextualizado e alinhado às diretrizes curriculares nacionais.

Nesse sentido, a principal contribuição desta pesquisa para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental reside justamente na disponibilização de um produto educacional que articula teoria e prática, favorecendo o letramento literário, o desenvolvimento da competência leitora e a valorização da cultura popular brasileira. O Caderno de Orientações Didáticas e Pedagógicas de Literatura de Cordel oferece subsídios para que os professores ampliem suas práticas pedagógicas, promovendo uma aprendizagem significativa, crítica e culturalmente situada.

Concluimos, portanto, que a literatura de cordel, enquanto manifestação viva da cultura popular, constitui-se como um potente recurso pedagógico para o ensino da leitura e da escrita, contribuindo para a formação de leitores autônomos, críticos e sensíveis às múltiplas linguagens. Esperamos que esta dissertação e o produto educacional dela resultante possam inspirar novas práticas e pesquisas no campo da educação, fortalecendo o diálogo entre literatura, cultura e ensino nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.
- AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura e formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- AMORA, Antônio Soares. **Introdução à teoria da literatura**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola, 2009.
- ARAÚJO NETO, Eduardo de; SOUZA, Luciano Lima. O cordel como ferramenta de letramento literário: perspectivas e práticas no contexto escolar. *Revista OWL – Revista Interdisciplinar de Ensino e Educação*, v. 3, n. 3, p. 1-19, 2025.
- ASSIS, G.; DE LIMA, E. E. **Escola, família e sociedade: diferentes espaços na construção da cidadania**. In: X Congresso Nacional de Educação. FURG, 2011. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br> . Acesso em: 07 nov. 2024.
- AUSUBEL, David P. **Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva**. Lisboa: Plátano, 2003.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017.
- BARBOSA, Gerliane Kellvia Amâncio; RODRIGUES, Andrea Maria Rocha; OLIVEIRA, Marilândia Sabino de. A utilização de estratégias de leitura: reflexões sobre a habilidade da compreensão leitora em adolescentes. *Revista Contemporânea de Educação*, n. 11, jan./jul. 2011.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 2009.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura.** In: CANDIDO, A. Vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil.** 3. ed. São Paulo: Global, 2006.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações.** Lisboa: Difel, 1990.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola.** São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2014.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas: Mercado de Letras, 2004.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa.** 18. ed. Campinas: Papirus, 2011.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Cultura das bordas: edição, comunicação, leitura.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem.** 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula.** São Paulo: Ática, 2011.

HAURÉLIO, Marco. **Literatura de cordel: do sertão à sala de aula.** São Paulo: Paulus, 2013.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza.** 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KLEIMAN, Angela B. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura.** Campinas: Pontes, 2005.

KLEIMAN, Angela B.; MORAES, Silvia E. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola.** Campinas: Mercado de Letras, 1999.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** São Paulo: Ática, 2008.

LEMAIRE, Ria. **Passado presente da literatura de cordel.** Recife: UFPE, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LIMA, Stélio Torquato. **Os PCN e as potencialidades didático-pedagógicas do cordel**. Acta Scientiarum. Education, v. 35, n. 1, p. 133-139, 2013.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. **Práticas de leitura em Língua Portuguesa a partir da BNCC**. Linha D'Água, v. 34, n. 3, p. 5-26, 2021.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. **Sequência didática para a leitura de cordel em sala de aula**. DO GELNE, v. 1, 2012.

LUYTEN, Joseph Maria. **O que é literatura de cordel**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

STREET, Brian. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. São Paulo: Parábola, 2014.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: a literatura medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO NA ESCOLA MUNICIPAL SÃO FRANCISCO DE ASSIS

1 ASPECTOS FÍSICOS (DEPENDÊNCIAS FÍSICAS)

Quantidade total de salas de aula
Quantidade total de sala de professores
Quantidade total de banheiros Biblioteca
Secretaria
Diretoria
Sala de
professores
Refeitório
Laboratórios
Sala de
Recursos Murais

2) ASPECTOS PEDAGÓGICO-ADMINISTRATIVOS

Regimento Interno
Projeto Político-Pedagógico
Proposta Pedagógica
Projetos de Ensino voltados para o ensino de Leitura e Escrita

APÊNDICE B: - ROTEIRO DA ENTREVISTA APLICADO PARA A PROFESSORA DA ESCOLA MUNICIPAL SÃO FRANCISCO DE ASSIS

1 Em seu curso de formação inicial de professores, foi ministrada alguma disciplina envolvendo o texto literário e a formação de leitores?

2 Você já participou de uma formação continuada com a temática da formação de leitores, leitura literária etc? Caso sua resposta seja sim, qual(is)?

3 Quais são as principais atividades que envolvem a leitura na sua rotina escolar?

4 Você trabalha ou já trabalhou com seus alunos a leitura envolvendo o texto literário? Se sim, citar a atividade realizada.

5 Ao trabalhar um texto de literatura em sala de aula, qual seu principal objetivo?

6 Você já trabalhou o gênero cordel com seus alunos? Se sim, como foi a experiência com o gênero cordel?

7 O que você entende por literatura de cordel?

8 Como você vê a utilização da literatura de cordel no ensino da leitura e escrita?

9 Como você articularia literatura de cordel x aprendizagem?

10 Como você sugeriria trabalhar a literatura de cordel em sala de aula?

APÊNDICE C – CADERNO DE ORIENTAÇÕES LITERÁRIAS E PEDAGÓGICAS
DE LITERATURA DE CORDEL

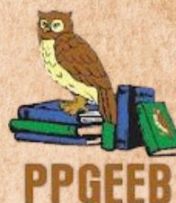




**JOSÉ RIBAMAR DE JESUS OLIVEIRA
CRISTIANE DIAS MARTINS DA COSTA**

LITERATURA DE CORDEL NOS ANOS INICIAIS

**SÃO LUIS
2025**



Universidade Federal do Maranhão

Reitor

Prof. Dr. Fernando Carvalho Silva

Vice-reitor

Prof. Dr. Leonardo Silva Soares

Agência de Inovação, Empreendedorismo, Pesquisa, Pós Graduação e Internacionalização-AGEUFMA

Prof. Dr^a. Flávia Raquel Fernandes Nascimento

Coordenação do Programa de Pós Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica-PPGEEB

Prof. Dr. Antônio de Assis Cruz Nunes

Autores do produto educacional

JOSÉ RIBAMAR DE JESUS OLIVEIRA

CRISTIANE DIAS MARTINS DA COSTA

Imagem da capa

Banco de Imagens canva. www.canva.com



BY



NC



ND

São Luís
2025



APRESENTAÇÃO

Aos mestres e mestras dos anos
Iniciais do aprender,
Chega este caderno em versos
Com desejo de fortalecer
A escola como território
De cultura, saber e viver.

Foi pensado com zelo e cuidado,
Com propósito bem traçado:
Inspirar o fazer docente
Num caminho já pavimentado,
Onde o saber do povo
É memória viva e legado.

A literatura de cordel
Aqui ganha centralidade:
É arte, é texto, é voz,
É rima que ensina a verdade;
Ferramenta potente na escola
Para ler o mundo com sensibilidade.

Com ritmo, rima e musicalidade,
De linguagem simples e plural,
O cordel dialoga com a infância
De forma direta e natural;
Ensina leitura e escrita
Num processo vivo e cultural.

Neste caderno, o(a) professor(a)
Vai primeiro encontrar
A história e os fundamentos
Desse gênero popular:
Da oralidade europeia antiga
Ao Nordeste a se enraizar.

No Brasil, foi ressignificado
Pelo povo em seu caminhar,
Virou memória, identidade,
Modo de contar e ensinar;
É conhecimento que nasce
Do viver, do sentir, do narrar.

Reconhecido como patrimônio
Da cultura popular nacional,
Pelo IPHAN consagrado
Como bem imaterial;
A escola reafirma, assim,
Seu compromisso social.

Valorizar os saberes do povo,
Respeitar a diversidade cultural,
Formar sujeitos críticos
Com consciência histórica e social;
Esse é o papel da educação
Num projeto democrático e plural.

O diálogo com a BNCC
Aqui se faz com intenção:
Leitura, escrita e oralidade
Em plena articulação;
O cordel amplia horizontes
E fortalece a formação.

As competências da linguagem
Ganha vida no ensinar,
Com práticas interdisciplinares
Que convidam a criar;
O aprender faz mais sentido
Quando tem cultura e lugar.

O capítulo das características
Vem claro e bem conduzido:
Rima, métrica e estrofes,
Oralidade e sentido;
Xilogravura e performance
Como expressão do vivido.

Tudo pensado de forma didática,
Acessível e formadora,
Para que a criança descubra
Que também pode ser autora;
Que a palavra é caminho
E a cultura, educadora.

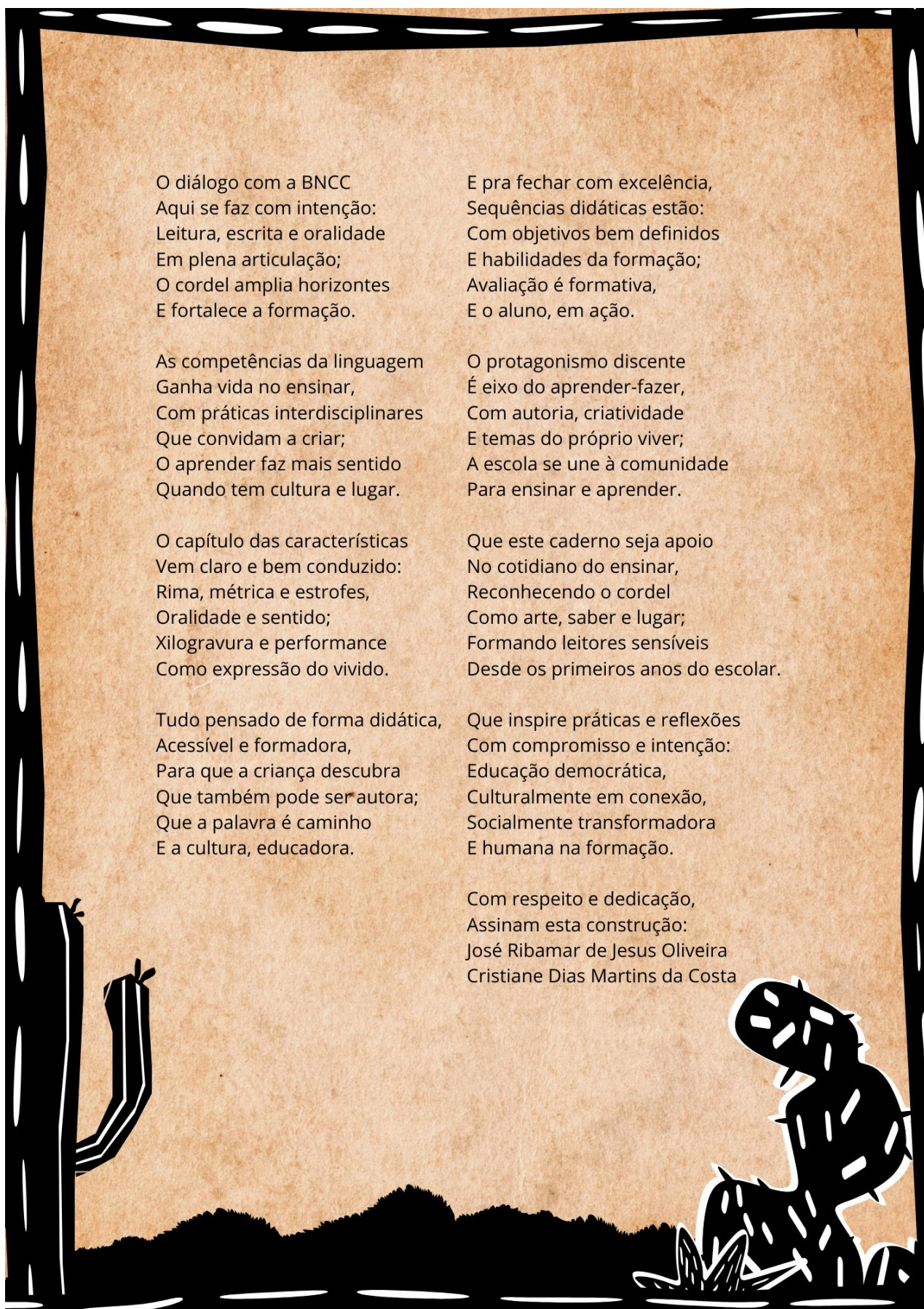
E pra fechar com excelência,
Sequências didáticas estão:
Com objetivos bem definidos
E habilidades da formação;
Avaliação é formativa,
E o aluno, em ação.

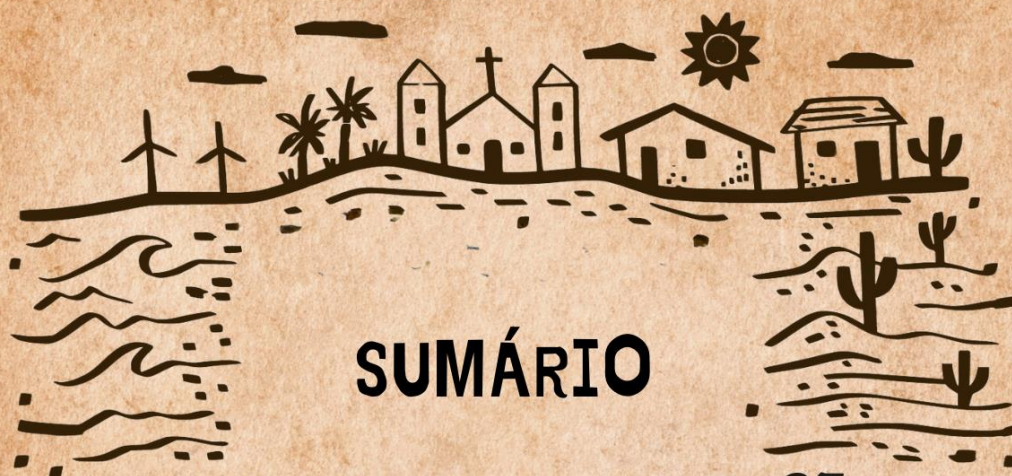
O protagonismo discente
É eixo do aprender-fazer,
Com autoria, criatividade
E temas do próprio viver;
A escola se une à comunidade
Para ensinar e aprender.

Que este caderno seja apoio
No cotidiano do ensinar,
Reconhecendo o cordel
Como arte, saber e lugar;
Formando leitores sensíveis
Desde os primeiros anos do escolar.

Que inspire práticas e reflexões
Com compromisso e intenção:
Educação democrática,
Culturalmente em conexão,
Socialmente transformadora
E humana na formação.

Com respeito e dedicação,
Assinam esta construção:
José Ribamar de Jesus Oliveira
Cristiane Dias Martins da Costa

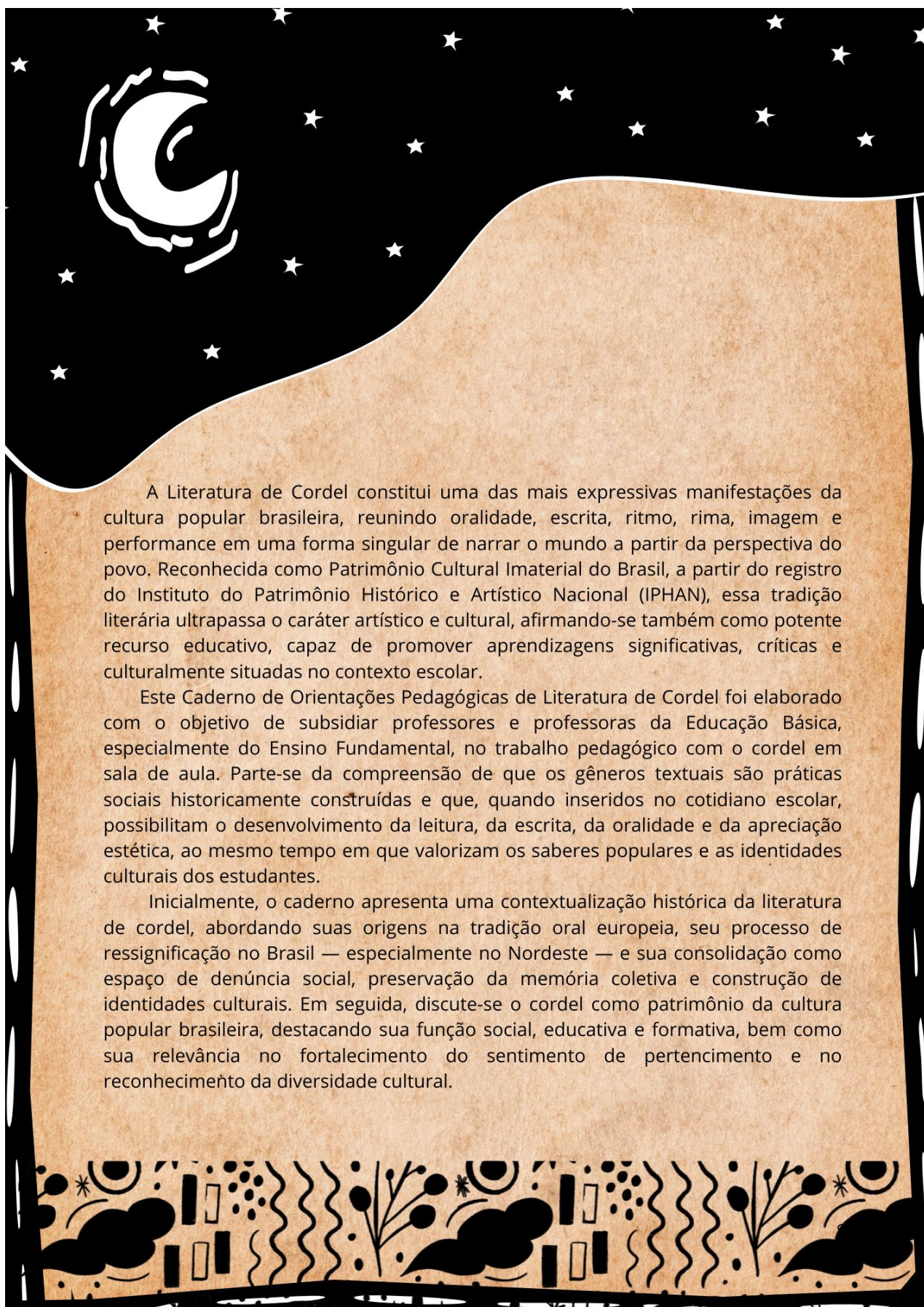




SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO 2 - LITERATURA DE CORDEL	10
CAPÍTULO 3 - CARACTERÍSTICAS DA LITERATURA DE CORDEL	14
CAPÍTULO 4 - SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS COM LITERATURA DE CORDEL	17
5 - CONCLUSÃO	30
REFERÊNCIAS	32
SOBRE OS AUTORES	33





Na sequência, são apresentadas as principais características do gênero cordel, com ênfase na linguagem, na rima, na métrica, nas estruturas estróficas, na oralidade, na musicalidade e na xilogravura, elementos que conferem identidade estética e expressiva a essa manifestação literária. Esses aspectos são fundamentais tanto para a leitura e interpretação dos textos quanto para a produção autoral dos estudantes.

O caderno também enfatiza a presença da literatura de cordel na escola como prática pedagógica alinhada às orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), compreendendo o cordel como gênero literário legítimo, capaz de articular letramento literário, educação cultural e formação crítica. Nessa perspectiva, são propostas sequências didáticas organizadas a partir do ensino por gêneros textuais, contemplando atividades de leitura, escuta, interpretação, apreciação estética e produção escrita, com objetivos claros, habilidades da BNCC e orientações metodológicas.

Ao reunir fundamentos teóricos, orientações pedagógicas e propostas práticas, este Caderno de Orientações Pedagógicas busca contribuir para uma educação democrática, sensível e culturalmente comprometida, reconhecendo a literatura de cordel como linguagem artística, memória viva e instrumento de formação humana. Assim, pretende-se incentivar práticas educativas que valorizem a cultura popular, promovam o protagonismo discente e reafirmem a escola como espaço de diálogo entre saberes, histórias e identidades.





2.1 ORIGEM E HISTÓRIA DA LITERATURA DE CORDEL

A literatura de cordel tem suas origens na tradição oral europeia medieval, especialmente em países como Portugal, Espanha e França, onde narrativas populares em versos eram recitadas em praças públicas, feiras e mercados, constituindo-se como uma forma de comunicação coletiva e de transmissão de saberes. Com o advento da imprensa, a partir do século XVI, essas narrativas passaram a ser registradas em folhetos impressos de baixo custo, geralmente pendurados em cordas para exposição e venda, prática que deu origem à denominação “cordel” (Abreu, 1999; Zumthor, 1993). Esses impressos abordavam romances de cavalaria, histórias religiosas, feitos heroicos, acontecimentos históricos, sátiras sociais e fatos do cotidiano, cumprindo importante função informativa e educativa junto às camadas populares.

Em Portugal, os chamados “folhetos de cordel” desempenharam papel relevante na difusão de valores culturais e morais, articulando oralidade e escrita de forma dinâmica. Essa tradição foi trazida para o Brasil durante o período colonial, juntamente com outros elementos da cultura popular europeia, mas encontrou no território brasileiro condições específicas para seu desenvolvimento, especialmente no Nordeste, onde se consolidou a partir do final do século XIX (Luyten, 1988; Abreu, 2010). Nesse contexto, o cordel passou por um processo de ressignificação, incorporando temas, linguagens e experiências próprias da realidade brasileira.

No Brasil, a literatura de cordel tornou-se uma das mais expressivas manifestações da cultura popular nordestina, funcionando como espaço de denúncia social, crítica política e preservação da memória coletiva. Os cordelistas passaram a narrar a vida no sertão, as dificuldades impostas pela seca, as desigualdades sociais, a religiosidade popular, os conflitos agrários, bem como episódios marcantes da história regional e nacional, como cangaceiros, líderes políticos e acontecimentos trágicos ou heroicos (Cascudo, 2001; Santos, 2008). Desse modo, o cordel assumiu um papel fundamental na construção de identidades culturais e na circulação de saberes entre populações historicamente marginalizadas.

Do ponto de vista formal, o cordel brasileiro caracteriza-se pelo rigor métrico e rítmico, com o uso de estruturas fixas como a sextilha, a septilha, o décimo ou o martelo agalopado, além de esquemas de rimas bem definidos. A forte presença da oralidade confere aos textos um caráter performático, favorecendo a leitura em voz alta, a cantoria e a declamação, aproximando o cordel das tradições da poesia oral e da música popular (Zumthor, 1997). Essa dimensão oral contribui para a memorização e para a circulação dos textos, ampliando seu alcance social.



Outro elemento central da literatura de cordel é a xilogravura, amplamente utilizada nas capas dos folhetos. As imagens entalhadas em madeira não apenas ilustram as narrativas, mas também funcionam como linguagem estética própria, dialogando com o conteúdo dos textos e reforçando sua identidade visual. A xilogravura tornou-se, assim, um dos principais símbolos do cordel brasileiro, reconhecido como patrimônio cultural e artístico (Cavalcanti, 2006). Atualmente, a literatura de cordel ultrapassa os limites regionais, sendo objeto de estudos acadêmicos, práticas pedagógicas e políticas de valorização da cultura popular, reafirmando sua relevância histórica, estética e social no cenário cultural brasileiro.

2.2 O CORDEL COMO PATRIMÔNIO DA CULTURA POPULAR BRASILEIRA

A literatura de cordel constitui um importante patrimônio da cultura popular brasileira por expressar saberes, valores, memórias e identidades historicamente construídas pelas camadas populares. Originária de tradições orais ibéricas e ressignificada no contexto brasileiro, especialmente no Nordeste, o cordel consolidou-se como uma forma singular de narrar o cotidiano, os conflitos sociais, as crenças religiosas, os feitos heroicos, as críticas políticas e os acontecimentos históricos vivenciados pelo povo. Por meio de uma linguagem simples, poética e crítica, marcada pela métrica, pela rima e pelo ritmo, o cordel democratiza o acesso à literatura e à informação, funcionando como um relevante instrumento de registro da história social brasileira (Abreu, 1999; Luyten, 2005).

Historicamente, os folhetos de cordel circularam em feiras, mercados e espaços públicos, alcançando leitores e ouvintes que, muitas vezes, estavam à margem dos circuitos formais da cultura letrada. Essa característica confere ao cordel um caráter inclusivo e educativo, uma vez que articula oralidade e escrita, leitura individual e performance coletiva. Segundo Abreu (1999), o cordel não apenas informa, mas também interpreta a realidade a partir da perspectiva popular, configurando-se como uma forma legítima de produção de conhecimento e de expressão cultural.

Reconhecendo sua relevância histórica, estética e social, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) registrou, em 2018, a literatura de cordel como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. Esse reconhecimento institucional reafirma o cordel como uma manifestação viva, dinâmica e coletiva, transmitida entre gerações e permanentemente ressignificada conforme os contextos históricos, sociais e políticos. O registro pelo IPHAN também destaca a importância dos poetas, editores, xilogravuristas e mediadores culturais como sujeitos fundamentais na preservação e continuidade dessa tradição (IPHAN, 2018).



Além de seu valor artístico e patrimonial, o cordel desempenha uma função educativa e formativa significativa. No campo da educação, especialmente na educação básica, o cordel tem sido reconhecido como um potente recurso pedagógico por favorecer o desenvolvimento da leitura, da escrita, da oralidade e do pensamento crítico. Ao dialogar com o universo cultural dos estudantes, o cordel contribui para o fortalecimento do sentimento de pertencimento, para a valorização das identidades regionais e para o reconhecimento da diversidade cultural brasileira (Cascudo, 2001; Luyten, 2005).

Ao articular texto, imagem — por meio da xilogravura — e performance oral, a literatura de cordel atua como um elo entre memória, cultura e educação. Nesse sentido, sua presença em práticas educativas e em políticas culturais reafirma o compromisso com a valorização dos saberes populares, com a democratização do acesso à cultura e com a preservação da memória coletiva. Assim, o cordel permanece como uma expressão fundamental da cultura popular brasileira, capaz de narrar o passado, interpretar o presente e projetar sentidos para o futuro (Cascudo, 2001; IPHAN, 2018).

2.3 A LITERATURA DE CORDEL NA ESCOLA

A inserção da literatura de cordel no contexto escolar representa uma estratégia pedagógica potente para o ensino de língua portuguesa, literatura, história e cultura brasileira. Por se tratar de um gênero textual marcado pela oralidade, musicalidade e criatividade, o cordel favorece práticas de leitura, escrita e interpretação de textos de forma significativa e contextualizada (LUYTEN, 1988).

No ambiente escolar, o cordel possibilita o trabalho com diferentes competências, como a ampliação do repertório cultural dos estudantes, o desenvolvimento da consciência linguística, o estímulo à produção textual e o fortalecimento da identidade cultural. Além disso, dialoga diretamente com as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ao valorizar a diversidade cultural, os gêneros textuais e as práticas sociais de linguagem (BRASIL, 2018).

Do ponto de vista pedagógico, o cordel pode ser explorado por meio de leituras compartilhadas, rodas de declamação, análise das estruturas poéticas, produção de folhetos autorais e articulação com outras linguagens artísticas, como a música e as artes visuais. Dessa forma, a literatura de cordel contribui para uma educação crítica, democrática e culturalmente situada, promovendo o reconhecimento dos saberes populares como conhecimentos legítimos no espaço escolar.





A Literatura de Cordel é uma manifestação literária popular de forte tradição oral, amplamente difundida no Brasil, especialmente na região Nordeste. Sua origem remonta aos folhetos portugueses expostos em cordas (cordéis), prática que foi ressignificada no contexto brasileiro, assumindo características próprias, relacionadas à cultura, à memória social e às experiências do povo (Luyten, 2012; Abreu, 1999). Como gênero literário, o cordel articula linguagem poética, oralidade, musicalidade e elementos visuais, constituindo-se como importante recurso pedagógico para o ensino de leitura, escrita, cultura popular e identidade.

3.1 LINGUAGEM, RIMA E MÉTRICA

A linguagem do cordel é, em geral, simples, direta e marcada pela oralidade, o que favorece a compreensão e a identificação do leitor/ouvinte. O uso de expressões do cotidiano, regionalismos e marcas da fala popular não implica ausência de elaboração estética; ao contrário, evidencia um domínio rigoroso da estrutura poética (Cascudo, 2006).

A rima é um dos elementos centrais do cordel, responsável pela musicalidade e pelo ritmo do texto. Predominam as rimas consonantes, organizadas de forma regular, o que facilita a memorização e a declamação dos versos (Marinho; Pinheiro, 2012). A métrica mais comum é a redondilha maior, composta por versos de sete sílabas poéticas, considerada tradicional na poesia popular brasileira (Abreu, 1999). O domínio da métrica é fundamental para a legitimidade do poeta no universo do cordel.

3.2 ESTROFES MAIS COMUNS NO CORDEL

As estrofes do cordel seguem padrões fixos, sendo a sextilha a mais recorrente, formada por seis versos de sete sílabas poéticas, geralmente com esquema de rimas ABCBDB ou semelhante. Além da sextilha, destacam-se a septilha (sete versos), o martelo agalopado (dez versos decassílabos) e o galope à beira-mar, formas mais complexas que exigem maior habilidade técnica do cordelista (Marinho; Pinheiro, 2012).

Essas estruturas estrofes são importantes não apenas do ponto de vista estético, mas também pedagógico, pois possibilitam o trabalho com ritmo, contagem silábica, organização textual e criatividade na produção escrita dos estudantes.



3.3 ORALIDADE, PERFORMANCE E MUSICALIDADE

A Literatura de Cordel mantém uma relação intrínseca com a oralidade. Historicamente, os cordéis foram pensados para serem lidos em voz alta, cantados ou declamados em feiras, praças e encontros comunitários (Cascudo, 2006). A performance do cordelista — marcada pela entonação, pelo ritmo e, muitas vezes, pelo acompanhamento musical — constitui parte essencial da obra.

A musicalidade do cordel aproxima-o de outras manifestações da cultura popular, como o repente e a cantoria, fortalecendo sua função social de transmissão de saberes, valores e narrativas coletivas (Zumthor, 2010). No contexto escolar, essa característica favorece práticas pedagógicas que integrem leitura, escuta, expressão corporal e oral, ampliando as possibilidades de letramento literário.

3.4 ILUSTRAÇÕES E XILOGRAVURA

As capas dos folhetos de cordel tradicionalmente apresentam ilustrações em xilogravura, técnica de gravura em madeira que se consolidou como elemento identitário do gênero no Brasil. A xilogravura dialoga diretamente com o conteúdo do texto, antecipando temas, personagens e conflitos narrativos (Luyten, 2012).

Além de sua função estética, a xilogravura possui valor cultural e pedagógico, pois permite o trabalho interdisciplinar entre literatura, artes visuais e história. Ao explorar imagens e textos conjuntamente, os estudantes desenvolvem a leitura multimodal e a compreensão da cultura popular como produção artística legítima e significativa (Abreu, 1999).





A Literatura de Cordel constitui-se como uma importante manifestação da cultura popular brasileira, especialmente no Nordeste, articulando oralidade, escrita, ritmo, rima e performance. No contexto escolar, o trabalho com o cordel favorece o desenvolvimento da leitura, da escrita, da oralidade e da apreciação estética, além de contribuir para a valorização da cultura popular e da identidade cultural dos estudantes.

As sequências didáticas propostas a seguir fundamentam-se na perspectiva de ensino por gêneros textuais, compreendidos como práticas sociais historicamente situadas, conforme defendem Dolz e Schneuwly (2004). Cada sequência organiza atividades progressivas, articulando objetivos, conteúdos, procedimentos e formas de avaliação, de modo a promover aprendizagens significativas.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1: CONHECENDO O CORDEL

Componente curricular: Língua Portuguesa

Ano escolar: 5º ano do Ensino Fundamental

Eixo: Leitura/Escuta – Produção de Textos – Oralidade

Gênero textual: Literatura de Cordel

Objetivo Geral: Promover o contato dos estudantes com a Literatura de Cordel, desenvolvendo habilidades de leitura, interpretação e produção escrita, reconhecendo esse gênero como expressão da cultura popular brasileira

2. HABILIDADES DA BNCC (LÍNGUA PORTUGUESA – 5º ANO)

- EF15LP02 – Reconhecer o texto literário como espaço de imaginação, fruição e reflexão.
- EF35LP21 – Ler e compreender textos literários de diferentes gêneros, considerando suas características.
- EF35LP23 – Identificar, em textos literários, elementos da narrativa, do ritmo, das rimas e da sonoridade.
- EF35LP27 – Produzir textos escritos, considerando a situação comunicativa, o gênero e o leitor.
- EF15LP09 – Expressar-se oralmente em situações de intercâmbio social, com clareza e organização

3. ETAPA 1 – CONVERSA DIAGNÓSTICA (ORALIDADE)

Objetivo: Levantar conhecimentos prévios sobre o cordel.

Atividade:

O(a) professor(a) inicia uma roda de conversa com perguntas como:

- Vocês já ouviram falar em literatura de cordel?
- Onde acham que esses textos costumavam ser vendidos?
- Alguém já viu ou ouviu um cordel sendo declamado?

As respostas podem ser registradas no quadro ou em cartaz, valorizando os saberes dos estudantes.

♥ **BNCC:** EF15LP09

4. ETAPA 2 – LEITURA E APRECIÇÃO DO GÊNERO (LEITURA/ESCUITA)

Objetivo: Reconhecer características do cordel.

Atividade:

- Apresentação de folhetos de cordel (impressos ou digitais).
- Observação coletiva da capa, das xilogravuras, do título e da organização do texto.
- Leitura compartilhada de um pequeno cordel, podendo ser feita pelo professor ou por alunos voluntários.

Discussão orientada:

- O texto tem rimas?
- Como os versos estão organizados?
- Que tipo de linguagem o autor utiliza?

♦ **BNCC:** EF35LP21 | EF35LP23

5. ETAPA 3 – COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO (LEITURA)

Objetivo: Desenvolver a compreensão leitora.

Atividade escrita:

Após a leitura, os alunos respondem a questões como:

1. Sobre o que fala o cordel?
2. Quem são os personagens (se houver)?
3. Qual mensagem o texto transmite?
4. O texto se parece com outros que você já leu? Por quê?

As respostas podem ser feitas individualmente ou em duplas.

♦ **BNCC:** EF35LP21

6. ETAPA 4 – ESTUDO DAS CARACTERÍSTICAS DO CORDEL (ANÁLISE LINGUÍSTICA)

Objetivo: Identificar elementos estruturais do gênero.

Atividade:

Com apoio do professor, os estudantes identificam:

- Versos e estrofes
- Rimas finais
- Linguagem simples e popular
- Temáticas do cotidiano

Pode-se montar um quadro-síntese coletivo com as características do cordel.

♦ **BNCC:** EF35LP23

7. ETAPA 5 – PRODUÇÃO ESCRITA INICIAL (ESCRITA)

Objetivo: Produzir pequenos textos inspirados no cordel.

Atividade: Os alunos são convidados a escrever uma estrofe simples, com 4 ou 6 versos, sobre um tema próximo de sua realidade, como:

- A escola
- A família
- O bairro
- A amizade

O professor orienta quanto ao uso de rimas, sem exigir perfeição métrica.

✦ **BNCC:** EF35LP27

8. ETAPA 6 – SOCIALIZAÇÃO E VALORIZAÇÃO DA PRODUÇÃO (ORALIDADE)

Objetivo: Valorizar a autoria e a cultura popular.

Atividade:

- Leitura oral dos textos produzidos.
- Exposição dos cordéis em mural da sala ou corredor da escola.
- Possibilidade de ilustrar as produções com desenhos inspirados em xilogravuras.

✦ **BNCC:** EF15LP02 | EF15LP09

CONTRIBUIÇÃO PEDAGÓGICA

Essa sequência didática contribui para o desenvolvimento das competências de leitura e escrita, ao mesmo tempo em que valoriza a cultura popular brasileira, reconhecendo o cordel como um gênero literário legítimo no espaço escolar, conforme orienta a BNCC.



4.2 SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2: LEITURA, INTERPRETAÇÃO E APRECIÇÃO ESTÉTICA

Ano escolar: 5º ano do Ensino Fundamental

Área: Linguagens – Língua Portuguesa

Gênero textual: Literatura de cordel

Duração sugerida: 4 a 5 aulas de 50 minutos

Objetivo Geral

- Desenvolver a competência leitora dos estudantes por meio da leitura, interpretação e apreciação estética de textos de cordel, reconhecendo o gênero como produção artística e cultural, ampliando o repertório literário e promovendo uma leitura crítica e sensível.

Habilidades da BNCC (Língua Portuguesa – 5º ano)

- EF15LP02 – Estabelecer expectativas em relação ao texto que será lido, a partir de antecipações, inferências e verificação posterior.
- EF35LP03 – Ler textos literários de diferentes gêneros, explorando a sonoridade, o ritmo e os efeitos de sentido.
- EF35LP04 – Inferir sentidos em textos, considerando o contexto de produção e circulação.
- EF35LP05 – Identificar elementos da narrativa e recursos expressivos do texto literário.
- EF35LP06 – Apreciar textos literários, reconhecendo-os como manifestações artísticas e culturais.

Aula 1 – Apresentação do gênero e ativação de conhecimentos prévios

Objetivos específicos

- Conhecer o gênero cordel e sua importância cultural.
- Ativar conhecimentos prévios sobre textos poéticos e literatura popular.

Atividades

1. Roda de conversa inicial

O(a) professor(a) questiona:

- Vocês já ouviram falar em literatura de cordel?
- Onde esses textos costumam circular?
- Registro coletivo das hipóteses no quadro.

2. Apresentação do gênero

- Exibição de imagens de folhetos de cordel e leitura breve sobre sua origem.
- Destaque para a oralidade, musicalidade e função social do cordel.

3. Leitura exploratória

- Leitura silenciosa de um pequeno cordel, apenas para reconhecimento do texto.

Aula 2 – Leitura oral e apreciação estética

Objetivos específicos

- Explorar a musicalidade, o ritmo e a entonação do cordel.
- Perceber o texto literário como produção estética.

Atividades

1. Leitura oralizada e compartilhada

- Leitura do cordel pelo(a) professor(a), valorizando ritmo e entonação.
- Em seguida, leitura coletiva ou em pequenos grupos.

2. Análise da sonoridade

- Identificação de rimas, repetições e estrutura dos versos.

Perguntas orientadoras:

- O texto parece uma música? Por quê?
- Como as rimas contribuem para a leitura?

3. Registro no caderno

- Os estudantes anotam palavras ou versos que chamaram mais atenção.

Aula 3 – Interpretação e análise do sentido

Objetivos específicos

- Compreender o tema e o ponto de vista do autor.
- Identificar humor, crítica social ou ensinamentos presentes no texto.

Atividades

1. Leitura silenciosa orientada

- Nova leitura do cordel, agora com foco na compreensão.

2. Discussão interpretativa

Questões propostas pelo(a) professor(a):

- Qual é o tema principal do texto?
- O autor faz alguma crítica ou traz uma mensagem?
- Há humor? Como ele aparece?

3. Atividade escrita

- Produção de respostas curtas às questões interpretativas.



Aula 4 – Apreciação estética e leitura crítica

Objetivos específicos

- Reconhecer o cordel como manifestação artística.
- Desenvolver sensibilidade estética e leitura crítica.

Atividades

1. Análise estética coletiva

- Discussão sobre a criatividade do autor, o uso da linguagem e a expressividade do texto.

2. Conexão com a realidade

- Relacionar o tema do cordel com situações do cotidiano dos estudantes.

3. Produção apreciativa

- Os alunos produzem um pequeno texto opinativo:
- O que mais gostaram no cordel e por quê?

Aula 5 – Socialização e ampliação do repertório

Objetivos específicos

- Compartilhar interpretações e opiniões.
- Valorizar a leitura como prática social e cultural.

1. Socialização das produções

- Leitura dos textos produzidos pelos alunos.

2. Ampliação do repertório

- Apresentação de outros cordéis com temáticas variadas.

3. Avaliação formativa

- Observação da participação, compreensão leitora e apreciação estética.

Contribuições pedagógicas da sequência

Essa sequência didática contribui para o desenvolvimento da competência leitora, entendida como prática social e cultural, ao articular leitura, interpretação e apreciação estética. Ao trabalhar o cordel, os estudantes ampliam seu repertório literário, reconhecem a literatura popular como arte e desenvolvem uma leitura crítica, sensível e contextualizada, conforme orientações da BNCC.



4.3 SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3 – PRODUÇÃO DE CORDÉIS

Ano escolar: 5º ano do Ensino Fundamental

Área: Língua Portuguesa

Gênero textual: Leitura/Escuta e Produção Escrita

Gênero textual: Cordel

Duração sugerida: Aproximadamente 6 a 8 aulas

1.Objetivos de Aprendizagem

- Compreender as características estruturais e linguísticas do gênero cordel.
- Desenvolver habilidades de leitura, escrita e reescrita de textos poéticos populares.
- Produzir cordéis a partir de temas relacionados à realidade dos estudantes.
- Estimular a autoria, a criatividade e o protagonismo discente.
- Promover o letramento literário por meio do contato com a literatura popular brasileira.

2.Habilidades da BNCC (5º ano)

- EF15LP02 – Estabelecer expectativas em relação ao texto que será lido, apoiando-se em conhecimentos prévios sobre o gênero, o tema e a finalidade do texto.
- EF35LP23 – Appreciar poemas e textos versificados, observando rimas, sonoridades e efeitos de sentido.
- EF35LP27 – Planejar e produzir textos, considerando a situação comunicativa, o gênero textual e o interlocutor.
- EF35LP29 – Revisar textos produzidos, com a ajuda do professor e dos colegas, aprimorando aspectos discursivos e linguísticos.
- EF15LP06 – Relacionar texto verbal e recursos gráficos, quando presentes, para ampliar sentidos.



3. Etapas da Sequência Didática

Etapa 1 – Leitura e sensibilização (1 a 2 aulas)

O(a) professor(a) inicia a sequência retomando leituras de cordéis previamente trabalhados, explorando a oralidade e a expressividade. Os estudantes são convidados a observar:

- Organização em estrofes (especialmente sextilhas);
- Presença de rimas;
- Ritmo e musicalidade;
- Temas recorrentes e linguagem popular.

Atividade prática:

Leitura coletiva de um cordel curto, seguida de conversa orientada sobre o tema e as características do gênero.

Etapa 2 – Estudo das características do gênero (1 aula)

Nesta etapa, o(a) professor(a) sistematiza os conhecimentos sobre o gênero cordel, destacando:

- Métrica (número de versos por estrofe);
- Esquema de rimas;
- Linguagem simples e expressiva;
- Função social do cordel.

Atividade prática:

Em pequenos grupos, os alunos identificam rimas e estrofes em trechos de cordéis, registrando suas observações.

Etapa 3 – Planejamento da produção (1 aula)

Os estudantes escolhem temas próximos à sua realidade, como:

- O cotidiano da escola;
- Histórias do bairro ou da comunidade;
- Festas culturais;
- Questões sociais vivenciadas pelas crianças.

Atividade prática:

Elaboração de um pequeno planejamento escrito, definindo:

- Tema do cordel;
- Ideias principais;
- Possível título.

Etapa 4 – Produção escrita do cordel (2 aulas)

A escrita do cordel pode ocorrer de forma individual ou coletiva, com acompanhamento do(a) professor(a). O foco está na organização das ideias, no respeito às características do gênero e na criatividade.

Atividade prática:

Produção da primeira versão do cordel, com orientação contínua do(a) professor(a).

Etapa 5 – Revisão e reescrita (1 aula)

Os textos produzidos são revisados coletivamente ou em duplas, considerando:

- Clareza das ideias;
- Adequação ao gênero cordel;
- Uso das rimas;
- Ortografia e pontuação.

Após a revisão, os estudantes realizam a reescrita do texto.

Etapa 6 – Socialização e apreciação (1 aula)

Os cordéis finalizados são apresentados oralmente à turma, valorizando a leitura expressiva e a autoria.

Atividade prática:

Exposição dos cordéis em mural, varal literário ou apresentação em sarau escolar.

4. Avaliação

A avaliação ocorre de forma processual e formativa, considerando:

- Participação nas atividades de leitura e discussão;
- Envolvimento no planejamento e na produção do texto;
- Capacidade de revisão e reescrita;
- Apropriação das características do gênero cordel.

5. Considerações Pedagógicas

A produção de cordéis no 5º ano fortalece práticas de letramento literário, valoriza a cultura popular e contribui para o desenvolvimento da linguagem escrita de maneira significativa, conforme orienta a BNCC, ao articular leitura, escrita, oralidade e reflexão linguística.



4.4 SEQUÊNCIA DIDÁTICA 4: SOCIALIZAÇÃO E PERFORMANCE

1. OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM (BNCC)

- Desenvolver a leitura em voz alta com fluência, entonação e expressividade.
- Planejar e realizar apresentações orais, respeitando o gênero cordel.
- Valorizar a oralidade como prática social e cultural.
- Socializar produções escritas, fortalecendo a autoria, a autoestima e o protagonismo estudantil.
- Reconhecer o cordel como patrimônio cultural brasileiro.

2. HABILIDADES DA BNCC (5º ANO)

- EF15LP09 – Expressar-se oralmente com clareza, adequação ao contexto e ao gênero, planejando falas e apresentações.
- EF35LP23 – Ler em voz alta textos literários, com fluência e expressividade.
- EF35LP27 – Produzir textos do gênero cordel, considerando características composicionais.
- EF15LP18 – Planejar e realizar apresentações orais, considerando o público e a situação comunicativa.

3. CONTEÚDOS

- Leitura expressiva do cordel
- Declamação e dramatização
- Performance oral (voz, ritmo, gestos e corpo)
- Socialização das produções textuais
- Cultura popular e literatura de tradição oral

4. DESENVOLVIMENTO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

AULA 1 – Preparação para a performance

Atividades:

1. Leitura coletiva de um cordel modelo, destacando:
 - Ritmo
 - Rimas
 - Entonação
2. Conversa orientada sobre:
 - Como declamar um cordel
 - Uso da voz, pausas, gestos e expressões corporais
3. Exercícios práticos:
 - Leitura em voz alta em pequenos grupos
 - Experimentação de diferentes entonações

Metodologia: leitura compartilhada, escuta ativa e prática oral

Recursos: textos de cordel, cartazes, quadro

AULA 2 – Ensaios e organização da socialização**Atividades:**

1. Organização dos estudantes em grupos ou duplas.
2. Ensaios dos cordéis produzidos anteriormente:
 - Declamação
 - Dramatização simples (gestos, movimentos, expressões)
3. Planejamento da apresentação:
 - Ordem dos grupos
 - Espaço de apresentação
 - Convite para outras turmas ou comunidade escolar

Metodologia: trabalho colaborativo e ensaio orientado

Recursos: espaço da sala ou pátio, cartazes, figurinos simples (opcional)

AULA 3 – Sarau ou roda de leitura**Atividades:**

1. Realização do Sarau de Cordel:
 - Apresentações orais dos estudantes
 - Leitura em voz alta e declamação
2. Escuta respeitosa do público
3. Registro do evento (fotos, vídeos ou mural)

Metodologia: apresentação oral e interação social

Recursos: microfone (se houver), espaço escolar, mural

AULA 4 – Avaliação e reflexão**Atividades:**

1. Roda de conversa:
 - Como se sentiram ao apresentar?
 - O que aprenderam com a experiência?
2. Autoavaliação oral ou escrita:
 - Participação
 - Expressividade
 - Trabalho em grupo
3. Valorização das produções:
 - Exposição dos cordéis no mural ou biblioteca

5. AVALIAÇÃO

A avaliação será processual e formativa, considerando:

- Participação nas leituras e ensaios
- Clareza e expressividade na oralidade
- Respeito às características do gênero cordel
- Envolvimento na socialização das produções
- Cooperação e protagonismo

6. CONTRIBUIÇÕES PEDAGÓGICAS

Esta sequência didática fortalece a articulação entre leitura, escrita e oralidade, valorizando o cordel como expressão da cultura popular brasileira. A performance oral possibilita que os estudantes compreendam a literatura como prática viva, coletiva e culturalmente situada, promovendo aprendizagem significativa e diálogo entre escola e comunidade.





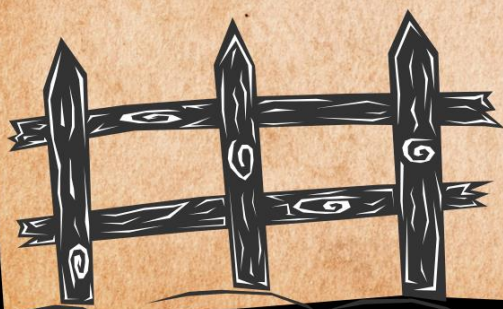
O Caderno de Orientações Pedagógicas de Literatura de Cordel, enquanto produto educacional, reafirma o cordel como uma manifestação viva da cultura popular brasileira e como um potente recurso pedagógico no contexto da educação básica. Ao longo dos conteúdos desenvolvidos, evidenciou-se que a literatura de cordel, para além de seu valor histórico e estético, constitui-se como uma forma legítima de produção de conhecimento, capaz de articular oralidade, escrita, memória, identidade e crítica social.

A abordagem da origem e da trajetória histórica do cordel permitiu compreender seu processo de ressignificação no Brasil, especialmente no Nordeste, onde se consolidou como instrumento de expressão das vivências, saberes e resistências das classes populares. O reconhecimento institucional do cordel como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, pelo IPHAN, reforça sua relevância cultural e educativa, destacando a necessidade de sua valorização e preservação também no espaço escolar.

No âmbito pedagógico, o caderno demonstrou que a literatura de cordel dialoga diretamente com as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ao favorecer o desenvolvimento das competências de leitura, escrita, oralidade, apreciação estética e pensamento crítico. Suas características formais — como rima, métrica, musicalidade, performance e xilogravura — ampliam as possibilidades de práticas pedagógicas interdisciplinares e culturalmente situadas, contribuindo para o letramento literário e para o fortalecimento do sentimento de pertencimento dos estudantes.

As sequências didáticas propostas evidenciam que o trabalho sistematizado com o cordel possibilita aprendizagens significativas, ao articular leitura, interpretação, produção textual e socialização das produções, valorizando a autoria e o protagonismo discente. Ao reconhecer os saberes populares como conhecimentos legítimos, o cordel contribui para uma educação democrática, inclusiva e sensível à diversidade cultural brasileira.

Dessa forma, este caderno se propõe como um instrumento de apoio ao trabalho docente, incentivando a inserção da literatura de cordel nas práticas escolares e reafirmando o compromisso da educação com a valorização da cultura popular, da memória coletiva e das identidades culturais. Ao integrar tradição e contemporaneidade, o cordel permanece como um gênero capaz de narrar o passado, problematizar o presente e inspirar novas formas de aprender, ensinar e produzir sentidos no espaço escolar.



REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. Histórias de cordéis e folhetos. Campinas: Mercado de Letras, 1999.
- ABREU, Márcia. Cultura letrada: literatura e leitura. São Paulo: Editora Unesp, 2010.
- ABREU, Márcia. Histórias de cordéis e folhetos. Campinas: Mercado de Letras, 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.
- CASCUDO, Luís da Câmara. Literatura oral no Brasil. 3. ed. São Paulo: Global, 2001.
- CASCUDO, Luís da Câmara. Literatura oral no Brasil. 3. ed. São Paulo: Global, 2006.
- CAVALCANTI, Carlos Newton Júnior. A xilogravura popular nordestina. Recife: UFPE, 2006.
- IPHAN. Registro da Literatura de Cordel como Patrimônio Cultural do Brasil. Brasília: IPHAN, 2018.
- LUYTEN, Joseph M. A literatura de cordel no Brasil. São Paulo: Global, 1988.
- LUYTEN, Joseph M. O que é literatura de cordel. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. Literatura de cordel: tradição, memória e ensino. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.
- SANTOS, Idelette Muzart-Fonseca dos. O cordel e a cultura popular. Recife: Massangana, 2008.
- ZUMTHOR, Paul. Performance, recepção e leitura. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- ZUMTHOR, Paul. A letra e a voz. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- ZUMTHOR, Paul. Introdução à poesia oral. Belo Horizonte: UFMG, 1997.



SOBRE OS AUTORES

José Ribamar de Jesus Oliveira Graduado em Letras com habilitação em língua portuguesa e inglesa. Especialista em Linguística e Literatura. Pós-graduação em Metodologia do Ensino da Língua Inglesa. Segunda graduação em Pedagogia com pós-graduação em Educação Inclusiva e Especial, Atendimento Educacional Especializado e Sala de Recursos (AEE) e TEA. Especialização em Gestão Escolar. Professor de língua portuguesa e inglesa nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Atualmente é supervisor pedagógico nos anos iniciais. Nascido na cidade de Rosário/MA.



**JOSÉ RIBAMAR DE
JESUS OLIVEIRA**



**CRISTIANE DIAS MARTINS
DA COSTA**

Pós-doutora pela Binghamton University, NY/EUA (2018); Doutora em Educação (2013) e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais UFMG (2009); onde também realizou sua graduação em Pedagogia (2006). Na UFMG atuou como pesquisadora do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita - CEALE/FaE/UFMG. É Professora Associada da Universidade Federal do Maranhão, lotada no Curso de Pedagogia, do Centro de Ciências de Codó. Atualmente é Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica - PPEEB e Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica - PPGEEB. Líder do Grupo de Pesquisa em Formação Docente FORDOC, tem experiência na docência na Educação Básica e no Ensino Superior, onde desenvolve trabalhos sobre a Educação Infantil, Literatura Infantil, Formação de Leitores, Alfabetização e Letramento. Desde 2011 Coordena Projetos de Extensão e Pesquisa no Campus de Codó



ANEXOS

ANEXO A – CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO
BÁSICA (PPGEEB)



CARTA DE APRESENTAÇÃO PARA CONCESSÃO DE PESQUISA DE CAMPO

Prezado(a) Senhora(a) Prof.^a Maria do Perpétuo Socorro Rego de Almeida
Gestora Geral da Escola Municipal São Francisco de Assis

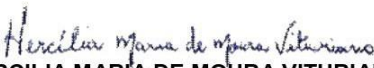
Vimos por meio desta apresentar-lhe o(a) estudante
José Ribamar de Jesus Oliveira, regularmente
matriculado(a) no Mestrado Profissional Gestão de Ensino da Educação Básica, da
Universidade Federal do Maranhão para desenvolver uma pesquisa de conclusão de
curso, intitulada: O texto Literário nas Turmas do 5º Ano do Ensino Fundamental:
Uma Experiência Pedagógica com a Literatura de Cordel.

Na oportunidade, solicitamos autorização de Vossa Senhoria em permitir a
realização da pesquisa neste recinto educacional para que o(a) referido(a) estudante
possa coletar dados por meio de observações, entrevistas, questionários e outros meios
metodológicos que se fizerem necessários.

Solicitamos ainda a permissão para a divulgação desses resultados e suas
respectivas conclusões, preservando sigilo e ética, conforme termo de consentimento livre
que será assinado pelos sujeitos envolvidos na pesquisa. Esclarecemos que tal
autorização é uma pré-condição.

Colocamo-nos à disposição de V. S^a para quaisquer esclarecimentos.

São Luís, 28 / 05 / 2024


Profa Dra HERCILIA MARIA DE MOURA VITURIANO
Coordenadora do PPGEEB/UFMA

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu _____, **Função que exerce, local que exerce a função**, concordo em conceder entrevista para o(a) mestrando **JOSÉ RIBAMAR DE JESUS OLIVEIRA**, do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB), para a **pesquisa** intitulada: "**A LITERATURA DE CORDEL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: Uma experiência literária numa Escola Pública do Município de Bacabeira - Ma**".

Declaro estar ciente de que minha participação é voluntária e que fui devidamente esclarecido quanto aos objetivos e procedimentos desta pesquisa.

Declaro, ainda, estar ciente de que por intermédio deste Termo são garantidos a mim os seguintes direitos: (1) solicitar, a qualquer tempo, maiores esclarecimentos sobre esta Pesquisa; (2) ter ampla possibilidade de negar-me a responder a quaisquer questões ou a fornecer informações que julguem prejudiciais à minha integridade física, moral e social.

Bacabeira, ____ / ____ / ____

Assinatura do entrevistado(a)

ANEXO C – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DAS IMAGENS INTERNAS DA ESCOLA MUNICIPAL SÃO FRANCISCO DE ASSIS

TERMO DE AURIZAÇÃO DE IMAGENS INTERNAS

Eu, _____, Diretora da Escola Municipal São Francisco de Assis, autorizo a mestrandia **JOSÉ RIBAMAR DE JESUS OLIVEIRA**, do Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica, da Universidade Federal do Maranhão, a divulgar imagens internas por meio de fotografias para a sua Dissertação, intitulada: " **A LITERATURA DE CORDEL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: Uma experiência literária numa Escola Pública do Município de Bacabeira - Ma.**

Bacabeira, janeiro de 2026.

ASSINATURA DA DIRETORA